U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

MESTRADO EM RISCOS, CIDADES E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

O Caminho de Santiago e as transformações recentes do tecido económico de Ponte de Lima

Jorge Filipe Martins Lima

M

2025



Jorge Filipe Martins Lima

O Caminho de Santiago e as transformações recentes do tecido económico de Ponte de Lima

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Riscos, Cidades e Ordenamento do Território, orientada pelo Professor Doutor José Alberto Vieira Rio Fernandes e pelo Professor Doutor Pedro Miguel Magalhães Nunes Chamusca

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2025

Dedico esta investigação aos milhares de caminheiros/peregrinos que percorrem anualmente o Caminho Português de Santiago, trazendo consigo um "novo começo" a diversos territórios.

Sumário

Declaração de honra / *Declaration of Honour* 6
Agradecimentos 7
Resumo 8
Abstract 9
Índice de Figuras 10
Índice de Tabelas e Quadros 11
Índice de Gráficos 12
Introdução 13
1.Conceitos e evolução do turismo 17
1.1. A evolução do conceito de turismo 18
1.2. A importância do turismo na transformação do território 20
1.3. O crescimento do turismo nas últimas décadas. 23
1.4. Os impactos positivos e negativos do turismo. 25
1.5. A diversificação de experiências 30
1.5.1. Peregrinação: a importância crescente de um fenómeno antigo 30
1.5.2. O crescimento do turismo religioso e cultural 32
2.Metodologia 38
2.1. Tarefas e atividades 38
2.2. Área de estudo 40
3.O Caminho de Santiago 42
3.1. Conceito e evolução 42
3.1.1. A peregrinação e a sua relevância territorial 42
3.1.2. A evolução histórica: dos primeiros peregrinos até à atualidade 45
3.1.3. A evolução conceptual: de fenómeno religioso a experiência turística e cultural 49
3.1.4. A complexidade e multiplicidade de dimensões e de práticas 52
3.2. Impacto social e económico no desenvolvimento local 56
3.2.1. Os principais impactos 57
3.2.2. Os desafios para a gestão territorial 61
3.3. A diversidade de percursos no Caminho de Santiago 62
3.4. O caminho português de Santiago 66
4.O impacte social e económico do Caminho de Santiago em Ponte de Lima 71

4.1. O Caminho e o contexto económico....71
4.1.1. O Caminho de Santiago em Ponte de Lima....71
4.1.2. Atividade económica e dinâmicas recentes....73
4.2. Perceção e avaliação....77
4.2.1. A opinião dos comerciantes....77
4.2.2. A opinião dos autarcas....83
5.O Caminho de Santiago e a dinamização económica de Ponte de Lima: principais ideias....86
6.Conclusão....90
Referências Bibliográficas....94
Anexos....100
Anexo 1 – Inquérito ao comerciante....101

Declaração de honra / *Declaration of Honour*

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de partes da presente dissertação.

Porto, 3 de junho de 2025

Jorge Filipe Martins Lima

Agradecimentos

Devo um profundo agradecimento a todos aqueles que me apoiaram nesta longa caminhada e contribuíram para que esta dissertação fosse levada a cabo.

Ao Professor Doutor Rio Fernandes e ao Professor Doutor Pedro Chamusca, agradeço a ambos por toda a disponibilidade e orientação prestada, amizade e competência que sempre manifestaram ao longo deste projeto.

À Câmara Municipal de Ponte de Lima, às Juntas de Freguesia de Poiares, Navió e Vitorino dos Piães, Facha, Seara, Correlhã, Arca e Ponte de Lima, Arcozelo, Bárrio e Cepões e Labruja o meu profundo agradecimento pelo tempo despendido e pela forma como colaboraram no projeto.

Por fim, ao Fernando, à Iria, à Olga, à Mafalda e ao Santiago, que são um apoio incondicional e a base da minha vida.

Termino, com um profundo agradecimento a todos pelos ensinamentos, pelo tempo despendido, pelas palavras e pela confiança.

A todos muito obrigado.

Resumo

A presente dissertação dedica-se à análise aprofundada dos impactos sociais e económicos do Caminho de Santiago no concelho de Ponte de Lima, com particular ênfase na reconfiguração do tecido económico local e na perceção dos diferentes agentes envolvidos neste fenómeno. Esta investigação pretendeu explorar como o turismo de peregrinação tem vindo a influenciar e transformar o território, considerando não apenas os aspetos materiais, mas também as dimensões simbólicas e culturais associadas a esta rota milenar. Para alcançar este objetivo, foi adotada uma abordagem metodológica mista, que combinou várias técnicas de recolha e análise de dados. A análise estatística permitiu identificar tendências e padrões quantitativos relacionados com a evolução do comércio e da atividade turística, enquanto a cartografia possibilitou a visualização espacial dessas dinâmicas. A observação direta no terreno, os inquéritos realizados a comerciantes locais e as entrevistas a representantes institucionais complementaram a recolha de dados, oferecendo uma visão qualitativa essencial para compreender as perceções e expectativas dos atores envolvidos.Os resultados evidenciam uma valorização generalizada do Caminho de Santiago como motor de desenvolvimento local. Observa-se um impacto positivo na revitalização do comércio tradicional, na dinamização do setor turístico e na promoção do património cultural e natural do concelho. No entanto, esta apropriação dos benefícios do Caminho revela-se desigual entre as várias freguesias, sendo mais pronunciada nas áreas diretamente atravessadas pelo traçado principal da rota. A investigação conclui que o Caminho de Santiago representa um recurso estratégico fundamental para a sustentabilidade territorial de Ponte de Lima.

Palavras-chave: Caminho de Santiago, desenvolvimento local, turismo de peregrinação, economia local, Ponte de Lima

Abstract

This dissertation is dedicated to an in-depth analysis of the social and economic impacts of the Saint James Way in the municipality of Ponte de Lima, with particular emphasis on the reconfiguration of the local economic fabric and the perceptions of the various agents involved in this phenomenon. This research aimed to explore how pilgrimage tourism has been influencing and transforming the territory, considering not only the material aspects but also the symbolic and cultural dimensions associated with this ancient route. To achieve this objective, a mixed methodological approach was adopted, combining several data collection and analysis techniques. Statistical analysis allowed for the identification of trends and quantitative patterns related to the evolution of commerce and tourism activity, while cartography enabled the spatial visualization of these dynamics. Direct field observation, surveys conducted with local merchants, and interviews with institutional representatives complemented the data collection, providing essential qualitative insight to understand the perceptions and expectations of the involved stakeholders. The results reveal a widespread appreciation of the Saint James Way as a driver of local development. There is a positive impact on the revitalization of traditional commerce, the stimulation of the tourism sector, and the promotion of the municipality's cultural and natural heritage. However, this appropriation of the Saint James Way's benefits proves to be uneven across the different parishes, being more pronounced in the areas directly crossed by the main route. The research concludes that the Saint James Way represents a fundamental strategic resource for the territorial sustainability of Ponte de Lima.

Keywords: The Saint James Way, local development, pilgrimage tourism, local economy, Ponte de Lima

Índice de Figuras

Figura 1 – Enquadramento geográfico do município de Ponte de Lima 41
Figura 2 – Os Caminhos de Santiago em Portugal: rotas principais e complementares 68
Figura 3 – O Caminho Central Português em Ponte de Lima 72
Figura 4 – Variação da população residente por freguesia, no município de Ponte de Lima, entre 2011 e 2021 (%) 73
Figura 5 – Estabelecimentos de comércio e serviços no Concelho de Ponte de Lima, situados a menos de 1kmdo Caminho Central Português 77

Índice de Tabelas e Quadros

Quadro 1 – Principais impactes do turismo.....26
Quadro 2 – Síntese das principais motivações para a peregrinação no Caminho de Santiago...53
Quadro 3 – Síntese principais impactos associados ao Caminho de Santiago.....57
Quadro 4– Rotas dos Caminhos de Santiago na literatura. 63
Tabela 1 – Indicadores turísticos no município de Ponte de Lima (2011-2024) 76

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – População empregada por conta de outrem, por setor de atividade, no município de Ponte de Lima em 2021 75
Gráfico 2 – Investimentos realizados para atrair peregrinos 78
Gráfico 3 – Criação de postos de trabalho associados ao Caminho 79
Gráfico 4 – Efeitos no volume de negócios 79
Gráfico 5 – Dependência da presença de peregrinos 80
Gráfico 6 – Principais benefícios do Caminho de Santiago 81
Gráfico 7 – Principais desafios identificados 81
Gráfico 8 – Avaliação de afirmações específicas sobre os impactos do Caminho 82

Introdução

A análise geográfica dos impactos do turismo tem vindo a afirmar-se como uma área de investigação cada vez mais relevante, tanto no plano internacional como em Portugal, à medida que o turismo assume um papel cada vez mais importante nos processos de desenvolvimento territorial. A partir da década de 1980, impulsionado pelas transformações económicas e culturais do pós-guerra e pelo crescimento sustentado da atividade turística, o turismo começou a ganhar maior atenção política, económica e também da ciência geográfica, sendo considerado um fator estruturante das dinâmicas espaciais contemporâneas. Este reconhecimento de uma maior centralidade do turismo é visível não apenas na sua importância económica, mas também nos efeitos que gera sobre os territórios, as comunidades e os seus recursos patrimoniais, ambientais e simbólicos (Cunha & Cravidão, 1998).

O turismo, nas suas múltiplas expressões, tem vindo a transformar a paisagem física e social de inúmeros territórios, sendo responsável por alterações significativas nos padrões de uso e ocupação do solo, na reconfiguração da atividade económica local, na circulação de pessoas e bens, e na própria perceção coletiva dos lugares (Fernandes et al., 2008; Pereira, & Peres, 2010). Estas transformações são particularmente visíveis em territórios de menor densidade, anteriormente mais periféricos em termos económicos, mas que, em virtude da valorização do património, da natureza e da "autenticidade", passaram a integrar as novas geografias da mobilidade e do consumo cultural. A progressiva diversificação da procura turística e a emergência de novos perfis de viajantes — motivados por razões espirituais, culturais, identitárias ou de bem-estar — vieram acentuar este processo.

A consolidação do turismo como fenómeno global aparece associada a uma mudança na procura, que passa a privilegiar experiências personalizadas, sustentáveis e baseadas na valorização dos recursos endógenos (Fernandes et al., 2001). Esta evolução explica a crescente relevância de modalidades como o turismo religioso e espiritual, o turismo de natureza, o turismo rural ou o turismo cultural. Entre estas tipologias, o turismo religioso tem-se destacado como um segmento em franca expansão, capaz de mobilizar milhões

de pessoas anualmente e de gerar impactos significativos nos territórios que acolhem os seus fluxos. O seu crescimento deve-se, em parte, à redescoberta de itinerários históricos de peregrinação, entre os quais se destaca o Caminho de Santiago, o qual, é certo, tem entre as motivações turísticas mais do que as que se enquadram apenas na dimensão religiosa.

O Caminho de Santiago constitui uma das mais importantes e emblemáticas rotas de peregrinação da Europa e do mundo. Com raízes profundas na tradição cristã medieval, o Caminho conheceu, nas últimas décadas, um processo de revitalização e de reinvenção, motivado por múltiplos fatores: o reconhecimento institucional da sua importância histórica e patrimonial, os efeitos do investimento público na sua sinalização e promoção, e uma procura contemporânea de experiências de introspeção, espiritualidade e contacto com a natureza (Costa, 2015). Em 1987, o Conselho da Europa declarou o Caminho de Santiago como o primeiro Itinerário Cultural Europeu e, desde então, têm sido implementadas diversas iniciativas transnacionais para garantir a sua salvaguarda e valorização.

A progressiva valorização do Caminho de Santiago tem conduzido a uma reconfiguração da sua prática e do seu significado. Se, por um lado, a dimensão religiosa e espiritual se mantém como motivação principal para muitos dos peregrinos, por outro lado, verifica-se uma crescente pluralidade de motivações — culturais, desportivas, paisagísticas, identitárias — que refletem o carácter híbrido e multifuncional da peregrinação contemporânea. Esta multiplicidade de significados está patente no aumento expressivo do número de caminhantes, oriundos de diversas geografias e contextos socioculturais, que anualmente percorrem o Caminho rumo a Santiago de Compostela (Ledo et al., 2007).

Em Portugal, o Caminho de Santiago reveste-se de particular importância, quer pela sua dimensão histórica e simbólica, quer pelos efeitos socioeconómicos que pode gerar nas localidades que atravessa. Apesar da crescente importância do Caminho Litoral, a via mais percorrida em território nacional é o Caminho Central Português, que liga Lisboa a Santiago e atravessa diversos concelhos do Norte do país, entre os quais se destaca Ponte de Lima. Este concelho, pela sua localização estratégica, pelo seu património

histórico e pela sua ligação antiga à tradição jacobeia, tem vindo a assumir-se como um ponto de passagem privilegiado e cada vez mais relevante no contexto da peregrinação a Santiago (Duarte, 2016).

Ponte de Lima apresenta condições especialmente favoráveis à receção e valorização do Caminho: uma centralidade territorial no Alto Minho, boas acessibilidades, uma oferta crescente de alojamento e restauração, e um conjunto de equipamentos e serviços orientados para os peregrinos. A presença quotidiana de caminhantes, portugueses e estrangeiros, tem vindo a transformar o quotidiano da vila, dinamizando atividades comerciais, contribuindo para a revitalização de espaços outrora subutilizados e gerando novas oportunidades económicas para os agentes locais. Esta realidade tem sido acompanhada por um discurso institucional que reconhece o potencial turístico e simbólico do Caminho, promovendo a sua integração nas estratégias locais de desenvolvimento.

Contudo, apesar da sua visibilidade crescente, a literatura científica continua a ser escassa no que respeita ao estudo sistemático dos impactos económicos e sociais do Caminho de Santiago em Ponte de Lima. Uma pesquisa exploratória realizada em 2019 nas plataformas Google Académico e Web of Science não identificou estudos que analisassem de forma aprofundada os efeitos desta dinâmica sobre o tecido económico local ou que identificassem no concelho os recursos e serviços associados ao Caminho.

É neste contexto que se inscreve a presente investigação, que tem como objetivo geral analisar os impactos sociais e económicos do Caminho de Santiago em Ponte de Lima, procurando compreender como o "turismo de peregrinação" está a transformar a estrutura económica local, reestruturando o sentido do desenvolvimento e alterando as características dos espaços percorridos. A investigação pretende contribuir para o conhecimento geográfico do Caminho, com enfoque na escala local e especial consideração aos processos de mudança.

Os objetivos específicos são:

- Discutir o papel do turismo enquanto elemento promotor do desenvolvimento local;

- Identificar a existência de padrões espaciais de desenvolvimento associados ao Caminho de Santiago no Município de Ponte de Lima;
- Avaliar o impacte social e económico do Caminho de Santiago em Ponte de Lima.

Com base nestes objetivos, formulam-se as seguintes questões:

1. O Caminho de Santiago tem sido um fator relevante na promoção do desenvolvimento local em Ponte de Lima, potenciando novas atividades económicas e fortalecendo o tecido comercial existente?
2. A presença regular de peregrinos e outros visitantes e turistas associados ao Caminho induziu mudanças significativas na estrutura do comércio e restauração local?
3. A maioria dos agentes económicos locais reconhece o papel do Caminho de Santiago na dinamização da economia local e na projeção externa do concelho?

A estratégia metodológica adotada para responder a estas hipóteses assenta numa abordagem mista, combinando técnicas qualitativas e quantitativas. A nível empírico, realizou-se um levantamento exaustivo do traçado do Caminho no concelho, procedendo-se à cartografia dos serviços e infraestruturas existentes, bem como à observação direta das condições oferecidas aos peregrinos. A este trabalho de campo juntou-se a aplicação de um questionário junto de comerciantes e alojamentos locais, com o objetivo de recolher as suas perceções sobre os efeitos do Caminho na dinâmica económica local, e um inquérito aplicado a autarcas para avaliar a sua perceção sobre o impacto local do Caminho.

De uma forma geral, este trabalho procura oferecer uma leitura crítica e territorialmente ancorada no Caminho de Santiago em Ponte de Lima, tendo em vista a compreensão dos seus impactes no município, articulando a análise empírica com o quadro conceptual da geografia do turismo e com os contributos da literatura sobre desenvolvimento local, mobilidade e reconfiguração territorial.

1. Conceitos e evolução do turismo

Neste capítulo procede-se a uma análise conceptual e contextual da atividade turística, com especial atenção ao turismo cultural e ao turismo religioso. Parte-se da definição geral de turismo, revendo a sua evolução histórica, as transformações nos padrões de procura e oferta, e os principais marcos que conduziram à sua consolidação enquanto fenómeno global com expressivos impactos económicos, sociais e territoriais. Esta contextualização permite compreender o modo como o turismo passou a ser visto não apenas como uma atividade económica, mas como um vetor de transformação dos territórios e das sociedades contemporâneas, com efeitos ambivalentes que importa discutir de forma crítica.

Neste enquadramento, dedica-se particular atenção ao turismo cultural, uma das formas mais antigas e estruturadas de turismo, e ao turismo religioso, cuja relevância tem vindo a crescer nas últimas décadas, quer pela revitalização de práticas tradicionais de peregrinação, quer pela sua adaptação às novas motivações dos viajantes do século XXI. Ainda que frequentemente associados, importa clarificar as semelhanças e distinções entre estas duas formas de turismo, sobretudo no que diz respeito às suas motivações, dinâmicas espaciais e impactos sobre os territórios de acolhimento.

Um dos pontos centrais desta discussão prende-se com a diferenciação entre os conceitos de turista e de peregrino. Esta distinção é fundamental para a presente investigação, uma vez que ambos os perfis podem coexistir nos mesmos espaços, partilhar itinerários e consumir serviços semelhantes, mas revelam racionalidades, temporalidades e formas de apropriação do território distintas. A compreensão desta dualidade é essencial para evitar generalizações que comprometam a análise dos impactos sociais e económicos do Caminho de Santiago em contextos locais como o de Ponte de Lima.

1.1. A evolução do conceito de turismo

O turismo constitui um fenómeno multifacetado, cuja complexidade conceptual reflete a sua natureza interdisciplinar. Tem sido analisado a partir de diversas áreas científicas — da Geografia à Economia, passando pela Antropologia e Sociologia —, sendo compreendido simultaneamente como comportamento humano, fenómeno social, setor económico e motor de transformação dos territórios (Smith, 2017). A sua análise exige, por isso, o recurso a uma variedade de metodologias, da observação participante à inquirição sistemática.

A evolução do turismo como prática social e atividade económica está intimamente ligada à história das mobilidades humanas. Embora inicialmente reservado a elites, a generalização do turismo nas sociedades ocidentais só se deu com a consagração das férias pagas — como as estabelecidas pela Organização Internacional do Trabalho em 1936 — que contribuíram para democratizar o acesso às viagens (Cunha, 2001).

A definição de turismo tem sido alvo de diversos contributos académicos. Smith (2017), retomando Jafari (1977), propõe que o turismo deve ser entendido como o estudo das pessoas fora do seu ambiente habitual, a indústria que satisfaz as suas necessidades, e os impactos — económicos, sociais, culturais e ambientais — que daí decorrem. Esta perspetiva relança a importância do território recetor como palco de múltiplas interações e transformações. Já Leiper (1979) oferece uma definição centrada na oferta, identificando o turismo como o conjunto de empresas, infraestruturas e serviços que visam satisfazer os desejos dos turistas.

Em termos normativos, a Organização Mundial do Turismo (OMT) tem procurado consolidar uma definição consensual. Em 1991, definiu o turismo como as atividades realizadas por indivíduos fora do seu ambiente habitual por um período superior a 24 horas e inferior a 12 meses, com fins diversos — desde o lazer aos negócios (IPV, 2005b, citado por Vieira, 2006). Esta definição seria posteriormente reformulada em 1994 e 1999, mantendo o enfoque no caráter temporário da deslocação e excluindo atividades remuneradas no local visitado (ONU & OMT, 1994).

Smith (2017) recorda que, em 2007, a OMT atualizou novamente a sua definição, incluindo não apenas turistas em lazer, mas também os que viajam por motivos familiares, religiosos, de saúde ou formação, desde que por períodos inferiores a um ano e sem fins lucrativos. Esta abrangência torna o conceito operativo em diversas áreas estatísticas e políticas, embora não resolva a sua polissemia conceptual.

Outros autores reforçam o caráter experiencial do turismo. Para La Torre (1997), trata-se de um fenómeno social que envolve deslocações voluntárias e temporárias com múltiplas motivações, que geram interações significativas nos planos económico, social e cultural. Martínez (1995) interpreta o turismo como uma experiência humana, agregadora de valores recreativos, culturais, espirituais e educativos. A sua expansão resulta, em grande medida, da melhoria das condições de vida e do crescimento da oferta turística, que fomentaram a procura por vivências enriquecedoras e autênticas.

Esta transformação do perfil do turista — cada vez mais informado e exigente — foi também assinalada por López et al. (2010), ao sublinharem o papel do sistema educativo na formação de consumidores culturais atentos e críticos. Assim, o turismo cultural adquire maior protagonismo como resposta a esse novo perfil de viajante, valorizando o património, a arte e a identidade dos lugares (McKercher & Cros, 2002; Smith, 2010).

Gunn e Var (2002) propõem uma leitura sistémica do turismo, enquanto conjunto de elementos físicos, programas e ações, coordenados por instituições públicas, privadas e sem fins lucrativos. Esta abordagem destaca a complexidade do planeamento turístico e os desafios da sua implementação. Já Teixeira e Júnior (2005) enfatizam os impactos do turismo nas diferentes esferas da vida social e territorial, assumindo-o como atividade económica transversal e influente.

A pluralidade de definições reflete-se também na oposição entre abordagens centradas na oferta e na procura. Smith (2017) observa que a definição da OMT privilegia o lado da procura — as atividades do visitante — enquanto outros autores salientam os produtos turísticos e os setores que os disponibilizam. Dado que estes bens e serviços são extremamente diversos (alojamento, alimentação, entretenimento, transportes,

entre outros), não se pode falar de uma única indústria do turismo, mas antes de várias indústrias dependentes do fenómeno turístico.

O turismo, enquanto fenómeno social e económico em expansão, tem vindo a ocupar um lugar cada vez mais relevante nas agendas de planeamento e desenvolvimento. O seu impacto ultrapassa largamente o campo económico, interferindo nas dinâmicas ecológicas, culturais, políticas e territoriais (Fernandes et al., 2001). A diversidade das suas manifestações — da praia à cultura, do desporto ao culto religioso — desafia as tentativas de definição única e impõe abordagens interdisciplinares e contextualizadas.

A primeira tentativa sistemática de definição remonta a 1910, com o economista austríaco Herman Von Schullard Schrattenhoffen, que conceptualizou o turismo como o conjunto de operações económicas associadas à deslocação de estrangeiros para dentro e fora de um território (Wahab, 1991, citado por Marcelino, 2016). Entre as duas guerras mundiais, intensificou-se o interesse académico pela temática, dando origem às primeiras sistematizações e aos debates que ainda hoje persistem.

Em suma, o turismo permanece um conceito em construção, moldado por contextos históricos, geográficos e culturais diversos (Smith, 2010). A sua evolução evidencia não apenas transformações nas práticas sociais, mas também mudanças nas formas de ocupação e valorização dos territórios. Compreendê-lo implica, portanto, reconhecer as suas múltiplas dimensões e os impactos que gera nas sociedades contemporâneas.

1.2. A importância do turismo na transformação do território

O turismo tem sido, ao longo das últimas décadas, um dos setores mais dinâmicos da economia global, assumindo um papel preponderante no desenvolvimento territorial e na transformação das sociedades. A sua capacidade de impulsionar a economia, gerar emprego e promover a valorização cultural e ambiental torna-o num fenómeno multidimensional, cujos impactos vão além do setor económico, influenciando também a organização espacial, as dinâmicas sociais e as práticas culturais das populações locais. Assim, compreender o turismo enquanto elemento de transformação do território

implica analisar não apenas os seus benefícios económicos, mas também as suas repercussões ambientais e socioculturais.

A emergência do turismo como um dos motores fundamentais do desenvolvimento territorial está intrinsecamente ligada ao aumento da mobilidade, ao avanço das tecnologias de transporte e comunicação e à crescente valorização do lazer e do tempo livre. O crescimento do setor tem sido impulsionado por fatores como a globalização, a urbanização acelerada e a diversificação das preferências dos consumidores, levando a uma reconfiguração dos espaços urbanos e rurais. Cidades, vilas e áreas naturais passaram a ser requalificadas para acolher fluxos turísticos, o que resultou em transformações profundas nas infraestruturas, nos serviços e nas dinâmicas socioeconómicas locais.

O turismo não só influencia a economia e o ordenamento do território, mas também desempenha um papel crucial na reconfiguração das identidades culturais. Em muitos casos, a presença de turistas leva à revitalização de tradições e práticas culturais que estavam em declínio, promovendo o artesanato, a gastronomia local e as manifestações artísticas. No entanto, essa valorização pode coexistir com processos de mercantilização da cultura e descaracterização dos patrimónios locais, tornando fundamental a implementação de estratégias que conciliem o desenvolvimento económico com a preservação da autenticidade cultural.

Por outro lado, os impactos do turismo sobre os territórios são ambíguos e dependem de fatores como a intensidade do fluxo turístico, a capacidade de carga das infraestruturas e a governança local. Em regiões onde o turismo é gerido de forma sustentável, os seus efeitos tendem a ser positivos, com a criação de empregos, o aumento da arrecadação fiscal e o fomento de investimentos em infraestruturas que beneficiam tanto turistas como residentes. Contudo, em destinos onde a atividade turística cresce de forma descontrolada, podem surgir desafios como a especulação imobiliária, a gentrificação e a degradação ambiental, comprometendo a qualidade de vida das populações locais e a atratividade do destino a longo prazo.

Além disso, o turismo tem uma forte interdependência com os recursos naturais e culturais do território. Ecossistemas frágeis, como zonas costeiras, áreas montanhosas e parques naturais, tornaram-se destinos de grande interesse turístico, exigindo políticas eficazes de gestão ambiental para minimizar os impactos negativos da atividade humana. O turismo sustentável surge, nesse contexto, como uma abordagem fundamental para garantir o equilíbrio entre desenvolvimento económico, conservação ambiental e bem-estar social. Práticas como o ecoturismo, o turismo comunitário e o turismo responsável têm vindo a ganhar destaque como alternativas ao turismo de massas, promovendo um envolvimento mais ativo das comunidades locais na gestão dos fluxos turísticos e na valorização dos seus territórios.

O turismo urbano, por sua vez, tem impulsionado processos de regeneração e requalificação de centros históricos, zonas portuárias e áreas industriais desativadas, transformando paisagens urbanas e criando novas centralidades dentro das cidades. Este fenómeno tem sido particularmente evidente em destinos europeus que apostaram no turismo cultural como estratégia de desenvolvimento. No entanto, o crescimento acelerado do turismo urbano também levanta desafios, como a turistificação de bairros residenciais e a pressão sobre os serviços urbanos, exigindo uma gestão integrada e políticas públicas eficazes para equilibrar os interesses dos visitantes e dos residentes.

A pandemia de COVID-19 trouxe mudanças profundas para o setor, evidenciando as vulnerabilidades da economia do turismo e impulsionando novas tendências que poderão definir o seu futuro. A digitalização dos serviços turísticos, o crescimento do turismo doméstico e a valorização de experiências mais autênticas e sustentáveis são algumas das transformações que moldam a recuperação do setor. Além disso, a necessidade de diversificação económica em destinos fortemente dependentes do turismo tornou-se uma prioridade para mitigar riscos associados a crises futuras.

Dada a complexidade das interações entre turismo e território, torna-se essencial adotar abordagens multidisciplinares na análise deste fenómeno. A geografia, a sociologia, a economia e as ciências ambientais oferecem contributos valiosos para compreender as dinâmicas espaciais e sociais geradas pelo turismo e para desenvolver estratégias que

promovam um desenvolvimento equilibrado e sustentável. A implementação de políticas públicas eficazes e a participação ativa das comunidades locais são fatores determinantes para garantir que o turismo contribua para a coesão territorial e para a qualidade de vida das populações.

Em suma, o turismo configura-se como um poderoso agente de transformação dos territórios, promovendo reconfigurações espaciais, dinâmicas económicas e mutações socioculturais. O desafio reside em garantir que este processo ocorra de forma sustentável, equilibrando os interesses económicos com a preservação dos patrimónios naturais e culturais e assegurando que os benefícios gerados pelo turismo sejam equitativamente distribuídos. Assim, torna-se imperativo aprofundar a investigação científica sobre o tema, contribuindo para a formulação de políticas e estratégias que maximizem os impactos positivos do turismo e minimizem os seus efeitos adversos.

1.3. O crescimento do turismo nas últimas décadas.

O turismo tem registado um crescimento notável nas últimas décadas, consolidando-se como um dos setores mais dinâmicos da economia global. O aumento dos fluxos turísticos internacionais reflete uma série de fatores, incluindo a globalização, a melhoria das infraestruturas de transporte, a liberalização do espaço aéreo e o aumento do rendimento disponível em muitas regiões do mundo.

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2024), o número de chegadas de turistas internacionais aumentou de 25 milhões em 1950 para 278 milhões em 1980, atingindo 674 milhões em 2000 e ultrapassando 1,5 mil milhões em 2019. Este crescimento representa uma taxa média de aumento de aproximadamente 4% ao ano, refletindo a expansão contínua da atividade turística a nível global. No entanto, em 2020, devido à pandemia de COVID-19, o número de turistas internacionais caiu para cerca de 400 milhões, representando um declínio de 74% em relação ao ano anterior. Com a recuperação gradual do setor, em 2023 as chegadas internacionais voltaram a crescer, aproximando-se dos valores pré-pandemia (UNWTO, 2023).

Os dados da OMT mostram que a Europa se mantém como a região mais visitada do mundo, recebendo aproximadamente 50% das chegadas internacionais em 2019 (OMT, 2024). O continente asiático e a região do Pacífico têm registado o crescimento mais acelerado nas últimas décadas, impulsionado pelo aumento do turismo intrarregional e pela ascensão da China como um dos maiores mercados emissores de turistas. Em 2000, a Ásia-Pacífico recebia cerca de 20% dos turistas internacionais; em 2019, esta quota subiu para mais de 25% (Hall & Page, 1999). O continente americano manteve uma quota relativamente estável, recebendo cerca de 16% das chegadas internacionais, enquanto África e o Médio Oriente apresentaram taxas de crescimento elevadas, mas com uma participação ainda inferior a 10% do total global (Hall et al., 2015).

A receita gerada pelo turismo internacional acompanhou o crescimento do número de visitantes. Em 1980, as receitas globais do turismo internacional situavam-se em cerca de 100 mil milhões de dólares. Este valor cresceu para 495 mil milhões em 2000 e atingiu 1,5 biliões de dólares em 2019 (OMT, 2024). Entre os países que mais receitas geram com o turismo internacional, destacam-se os Estados Unidos, Espanha, França, Tailândia e China. Estes países têm consolidado a sua posição devido à diversificação da sua oferta turística e à capacidade de atrair visitantes de diferentes segmentos de mercado (UNWTO, 2023).

O turismo interno também desempenha um papel crucial no crescimento do setor. Em muitos países, as viagens domésticas representam uma parcela significativa do volume total de viagens, superando em alguns casos o turismo internacional. Por exemplo, nos Estados Unidos, o turismo interno gerou aproximadamente 80% das receitas totais do setor em 2019 (Scott, 2012). Na China, estima-se que o turismo interno tenha movimentado cerca de 6 mil milhões de viagens no mesmo ano, refletindo a crescente importância do turismo doméstico na economia global (Zhang et al., 2020).

Portugal tem acompanhado esta tendência global, tornando-se um dos destinos turísticos mais procurados da Europa. Em 2000, o país registava cerca de 10 milhões de turistas internacionais. Este número cresceu para 18 milhões em 2015 e atingiu 27 milhões em 2019. Em 2023, o turismo internacional voltou a recuperar, com 26,5 milhões de chegadas, um aumento de 19,2% face ao ano anterior (INE, 2024). O

mercado espanhol manteve-se como o principal emissor de turistas para Portugal, representando 25,2% das chegadas internacionais, seguido pelo Reino Unido, França e Alemanha.

O número de dormidas em estabelecimentos de alojamento turístico também tem acompanhado o crescimento do setor. Em 2015, registaram-se cerca de 50 milhões de dormidas em Portugal, enquanto em 2019 este número subiu para 77 milhões. Em 2023, as dormidas totalizaram 85,1 milhões, com os mercados externos a contribuírem com 57,1 milhões, representando um aumento de 14,9% em relação ao ano anterior (INE, 2024).

O crescimento do turismo em Portugal também se reflete nos proveitos do setor. Em 2015, os estabelecimentos de alojamento turístico geraram receitas de aproximadamente 2,4 mil milhões de euros. Em 2019, este valor duplicou para cerca de 5 mil milhões de euros, e em 2023 os proveitos totais atingiram 6,0 mil milhões de euros (INE, 2024). O rendimento médio por quarto disponível (RevPAR) passou de 35 euros em 2015 para 64,8 euros em 2023, evidenciando uma valorização significativa da oferta turística (INE, 2024).

A evolução do turismo nas últimas décadas demonstra a crescente importância do setor para a economia global e nacional. Com o aumento da procura e a diversificação dos mercados emissores, os destinos turísticos enfrentam novos desafios e oportunidades para consolidar o crescimento sustentável da atividade.

1.4. Os impactos positivos e negativos do turismo.

O turismo tem desempenhado um papel crucial na transformação dos territórios e no desenvolvimento das sociedades, gerando uma vasta gama de impactos tanto positivos quanto negativos. Ao longo das últimas décadas, o crescimento da atividade turística tem impulsionado economias, promovido o intercâmbio cultural e incentivado a conservação patrimonial, mas também tem causado efeitos adversos sobre o meio ambiente, as comunidades locais e a autenticidade das culturas (quadro 1).

Quadro 1 – Principais impactes do turismo

Impacte	Classificação	Exemplos	Medidas de Planeamento e Gestão
Crescimento económico	Positivo	Aumento do PIB, geração de empregos diretos e indiretos	Diversificação da oferta turística, incentivo ao turismo sustentável
Desenvolvimento de infraestruturas	Positivo	Melhorias em estradas, aeroportos e serviços públicos	Planeamento integrado e sustentável das infraestruturas
Valorização do património cultural	Positivo	Restauro de monumentos, promoção de festividades locais	Regulamentação para preservação e proteção do património
Aumento da receita fiscal	Positivo	Maior arrecadação de impostos para o setor público	Reinvestimento das receitas em conservação e desenvolvimento local
Revitalização de áreas urbanas	Positivo	Recuperação de bairros históricos para fins turísticos	Planeamento urbano sustentável e proteção do direito à habitação
Promoção da identidade local	Positivo	Valorização da gastronomia, artesanato e tradições	Apoio a iniciativas comunitárias e ao turismo de base local
Aumento da consciência ambiental	Positivo	Crescimento do ecoturismo e turismo sustentável	Educação ambiental e incentivos a práticas sustentáveis
Diversificação da economia	Positivo	Criação de novos setores ligados ao turismo (ex.: turismo de aventura)	Incentivos à inovação e empreendedorismo no setor
Degradação ambiental	Negativo	Poluição, sobrecarga de ecossistemas frágeis	Limitação de visitantes, implementação de práticas ecológicas
Consumo de recursos naturais	Negativo	Uso intensivo de água e energia em hotéis e resorts	Regulamentação ambiental e promoção de eficiência energética
Produção de resíduos	Negativo	Acumulação de lixo em destinos turísticos populares	Implementação de programas de reciclagem e gestão de resíduos
Pressão sobre a fauna e flora	Negativo	Danos a ecossistemas sensíveis e espécies protegidas	Regulamentação do turismo em áreas naturais e conservação da biodiversidade
Gentrificação e aumento do custo de vida	Negativo	Expulsão de residentes locais devido ao aumento dos preços imobiliários	Regulamentação do mercado imobiliário, taxação de alojamento turístico
Sazonalidade da atividade turística	Negativo	Depressão económica em períodos de baixa procura	Promoção de turismo fora da época alta, diversificação da oferta
Sobrecarga de infraestruturas	Negativo	Congestionamento, pressão sobre transportes e serviços	Planeamento urbano eficiente, limitação de acesso a zonas sensíveis

Massificação e perda da autenticidade	Negativo	Comercialização excessiva de tradições locais	Promoção do turismo responsável e experiências autênticas
Empregos precários e sazonais	Negativo	Trabalhadores mal remunerados e com contratos temporários	Regulação laboral, incentivos à profissionalização do setor
Turismo sexual e exploração humana	Negativo	Exploração de trabalhadores e tráfico de pessoas	Reforço da legislação e fiscalização rigorosa
Desigualdade económica	Negativo	Benefícios concentrados em grandes empresas, excluindo comunidades locais	Apoio ao turismo comunitário e pequenas empresas
Intercâmbio cultural	Misto	Maior contacto entre culturas, mas risco de estereótipos	Promoção de turismo educativo e responsável
Dependência económica do turismo	Misto	Economia local vulnerável a crises externas	Diversificação da economia local para reduzir a dependência
Expansão do turismo de massa	Misto	Popularização de destinos antes pouco explorados	Regulação do fluxo de turistas e incentivo ao turismo alternativo
Desenvolvimento desigual dos territórios	Misto	Concentração do turismo em certas áreas, deixando outras em declínio	Planeamento territorial equilibrado e descentralização do turismo

Fonte: Elaboração própria, a partir de Hall & Page, 1999; Hall et al., 2015; Kim et al., 2020; Zhang et al., 2020; Faria et al., 2022; UNWTO, 2023; OMT, 2024

Um dos impactos mais evidentes do turismo é o seu contributo para o crescimento económico. O setor representa uma importante fonte de receitas para muitas economias, gerando empregos diretos e indiretos em áreas como a hotelaria, restauração, transportes, comércio e serviços culturais. A chegada de turistas impulsiona o consumo local, dinamizando setores produtivos e fomentando a diversificação da economia. Em muitos países, o turismo constitui uma das principais fontes de divisas, aliviando défices comerciais e contribuindo para a estabilidade macroeconómica. O efeito multiplicador do turismo também se faz sentir em investimentos públicos e privados em infraestruturas, desde aeroportos e estradas até centros culturais e espaços de lazer, promovendo o desenvolvimento de regiões anteriormente marginalizadas.

Para além dos benefícios económicos, o turismo desempenha um papel central na valorização e preservação do património cultural e natural. O reconhecimento da importância do turismo para a conservação tem incentivado a proteção de monumentos históricos, sítios arqueológicos e ecossistemas frágeis. Muitos locais têm sido restaurados e mantidos graças às receitas geradas pelo turismo, assegurando a sua viabilidade para as gerações futuras. O turismo cultural, por exemplo, contribui para a revitalização de tradições, artesanato e festividades, promovendo um maior apreço pela identidade local e incentivando o orgulho comunitário. O ecoturismo e outras formas de turismo sustentável têm surgido como alternativas responsáveis que promovem a sensibilização ambiental e a gestão equilibrada dos recursos naturais.

O contacto entre turistas e populações locais também favorece o intercâmbio cultural e a compreensão mútua. A interação entre diferentes culturas pode promover a tolerância, o respeito pela diversidade e a partilha de conhecimentos, enriquecendo tanto os visitantes como as comunidades anfitriãs. Em muitos casos, o turismo estimula o desenvolvimento de iniciativas comunitárias, fortalecendo a coesão social e criando oportunidades para grupos tradicionalmente marginalizados, como mulheres e populações indígenas, participarem ativamente na economia.

Contudo, os impactos negativos do turismo também são significativos e, em muitos casos, colocam desafios difíceis de gerir. Um dos principais problemas é a pressão sobre os recursos naturais e os ecossistemas. O turismo massificado leva frequentemente à degradação ambiental, resultante do consumo excessivo de água, produção de resíduos, poluição e destruição de habitats naturais. Em destinos costeiros, por exemplo, o turismo pode contribuir para a erosão das praias, a perda de biodiversidade e o aumento da poluição marinha. Nas áreas montanhosas, o tráfego intenso de visitantes pode causar a compactação do solo e a destruição da vegetação nativa. O crescimento descontrolado da infraestrutura turística também pode comprometer a qualidade dos ecossistemas, ameaçando a sustentabilidade a longo prazo.

Além dos impactos ambientais, o turismo pode gerar problemas sociais e culturais, muitas vezes resultantes da gentrificação e da turistificação de determinadas áreas. O aumento da procura turística pode levar à especulação imobiliária, ao aumento dos

preços da habitação e à expulsão de residentes locais para dar lugar a estabelecimentos comerciais voltados para os visitantes. Em cidades históricas e centros urbanos, o turismo excessivo pode descaracterizar a vida quotidiana, transformando bairros autênticos em espaços meramente comerciais. Este fenómeno, frequentemente descrito como "disneylandização" dos destinos, compromete a autenticidade cultural e pode levar à perda da identidade local.

O turismo também pode ser um vetor de desigualdade económica. Embora gere receitas substanciais, os benefícios nem sempre são distribuídos de forma equitativa. Em muitos casos, grandes empresas internacionais controlam cadeias hoteleiras, companhias aéreas e operadores turísticos, captando a maior parte dos lucros e deixando apenas uma pequena fração para as comunidades locais. O fenómeno do turismo de enclave, em que os visitantes permanecem em resorts isolados sem interação com a economia local, reduz os benefícios económicos diretos para os residentes. Além disso, a dependência excessiva do turismo pode tornar as economias vulneráveis a choques externos, como crises económicas globais, desastres naturais e pandemias, que podem levar a colapsos abruptos do setor e ao desemprego em massa.

Outro impacto negativo relevante é o aumento da pegada de carbono associada ao turismo. A aviação comercial é uma das principais fontes de emissões de gases com efeito de estufa, contribuindo para as alterações climáticas. O turismo de longa distância, que exige viagens aéreas frequentes, agrava este problema, tornando essencial a implementação de políticas para a mitigação do impacto ambiental das deslocações. O crescimento do turismo de cruzeiros também levanta preocupações ambientais, dado o elevado consumo de combustíveis fósseis, a geração de resíduos e a poluição das águas marítimas.

A sobrecarga turística em determinados destinos tem levado a reações adversas por parte das populações locais, resultando em movimentos de contestação e políticas de restrição ao turismo. Cidades como Veneza, Barcelona e Amesterdão têm implementado medidas para limitar o número de visitantes, controlar o alojamento local e reduzir os impactos da massificação turística. Estas medidas incluem taxas turísticas, quotas para visitas a determinados locais e campanhas de sensibilização para

um turismo mais responsável. O turismo sustentável e o conceito de turismo regenerativo têm surgido como alternativas para minimizar os efeitos negativos e promover práticas que beneficiem tanto os visitantes quanto os anfitriões.

Apesar dos desafios, o turismo continua a ser uma atividade essencial para muitas economias e sociedades. A chave para um desenvolvimento equilibrado do setor reside na adoção de estratégias que garantam uma gestão sustentável dos recursos, promovam um turismo mais inclusivo e distribuam os benefícios de forma equitativa. O planeamento turístico deve integrar considerações ambientais, sociais e culturais para garantir que os destinos possam usufruir dos benefícios do turismo sem comprometer a sua qualidade de vida e a preservação dos seus patrimónios.

A necessidade de um turismo mais sustentável torna-se cada vez mais premente, exigindo políticas públicas eficazes, uma maior sensibilização dos viajantes e a colaboração entre os diferentes atores envolvidos na cadeia turística. Apenas através de um equilíbrio entre os impactos positivos e negativos será possível garantir que o turismo continue a ser um motor de desenvolvimento sem comprometer os recursos e as identidades locais para as gerações futuras.

1.5. A diversificação de experiências

1.5.1. Peregrinação: a importância crescente de um fenómeno antigo

Nos últimos quarenta anos, o turismo tem assistido ao surgimento de diversos segmentos de nicho, entre os quais se destaca o turismo religioso (Faria et al., 2022, 2024; Kim et al., 2020). Os primeiros estudos sobre viagens motivadas por razões religiosas surgiram no final da década de 1980 (Kim et al., 2020), destacando que as deslocações a locais sagrados oferecem não só experiências religiosas e espirituais, mas também culturais e de lazer, tornando-se atrativas para um público diversificado (Liro, 2021; Sołjan & Liro, 2022). Além disso, o grau de satisfação dos peregrinos está intimamente ligado a fatores ambientais, económicos e socioculturais das regiões atravessadas pelo percurso (Joseph et al., 2020).

Neste contexto, o termo "peregrino" tem sido adotado para descrever os que percorrem percursos turísticos em que as rotas têm um caráter religioso intrínseco. No entanto, atualmente é cada vez mais desafiante separar a figura do peregrino da do turista, pois aqueles que percorrem estas rotas possuem perfis diversos, combinando motivações espirituais e culturais (Roszak, 2022).

De facto, a palavra peregrinação refere-se a uma viagem religiosa (ou simplesmente espiritual) feita por um indivíduo ou um grupo até um lugar sagrado. O termo original latino, "peregrinus", do qual deriva a palavra, abrange também outro tipo de pessoa, como um estrangeiro, vagabundo ou exilado (Lois-González & Santos, 2015). A peregrinação é uma das mais universais expressões religiosas, e o seu significado tem evoluído ao longo do tempo em diferentes culturas (Schnell & Pali, 2013). Ela surge do desejo de uma ligação mais profunda, de exploração e até mesmo de devoção a ideias religiosas (Amaro et al., 2018; Hall et al., 2018). O peregrino é uma pessoa que realiza uma viagem a pé, a cavalo ou de bicicleta até um lugar sagrado, independentemente das suas motivações, e vai a locais que carregam valores emocionais ou espirituais, com a esperança de alcançar algum tipo de transformação pessoal (Amaro et al., 2018).

De acordo com Collins-Kreiner (2010), a peregrinação pode ser compreendida como um ato de viagem impulsionado por uma necessidade interior de busca espiritual, diferençando-se do turismo convencional, que está frequentemente associado ao lazer e ao entretenimento. Contudo, na contemporaneidade, estas distinções têm-se tornado cada vez mais difusas, uma vez que muitos viajantes combinam elementos de turismo e de peregrinação na sua experiência de viagem (Thomas, White & Samuel, 2018). Além disso, o conceito de peregrinação tem vindo a expandir-se para além do seu caráter religioso tradicional, abrangendo agora também formas seculares de deslocação motivadas por razões culturais, históricas e mesmo filosóficas, como as visitas a locais associados a figuras inspiradoras ou a eventos de grande impacto coletivo.

A peregrinação é uma prática ancestral que atravessa várias religiões, sendo caracterizada pela viagem a um local considerado sagrado, com o propósito de oração, reflexão ou purificação espiritual. Este fenómeno, em que os indivíduos se deslocam em busca de uma experiência de transformação interior, é reconhecido em diversas

religiões, como o Hinduísmo, o Budismo, o Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo (Heiser, 2021). No entanto, a peregrinação não se resume apenas ao cumprimento de um rito religioso, mas envolve também um processo simbólico de busca de sentido e de conexão com o divino, com o sagrado ou com o próprio ser. No contexto do Cristianismo, o Caminho de Santiago assume-se como uma das rotas de peregrinação mais emblemáticas, sendo um reflexo da profunda relação entre fé, espiritualidade e territorialidade (Costa et al., 2025).

1.5.2. O crescimento do turismo religioso e cultural

Nesta linha de ideias, o turismo religioso, frequentemente associado às peregrinações, constitui uma das formas mais antigas de mobilidade humana e continua a desempenhar um papel significativo tanto no contexto espiritual como no económico e cultural das sociedades contemporâneas. Este tipo de turismo distingue-se dos demais pelo facto de ser motivado por razões espirituais, devocionais ou culturais ligadas à religião, envolvendo deslocações a locais considerados sagrados, como santuários, templos, igrejas e outros espaços de culto.

A partir da década de 1970, o crescimento do turismo veio acentuar a necessidade de clarificação terminológica entre fenómenos que, embora aparentados, possuem naturezas distintas. Multiplicaram-se os estudos que procuraram delimitar conceitos como turismo, peregrinação, turismo religioso e turismo de peregrinação, evidenciando perspetivas diversas sobre as suas intersecções e divergências.

Autores como Palmer et al. (2012), López (2013), Cunha (2017) e Gomes (2017) defendem que a peregrinação, na sua aceção tradicional, não deve ser enquadrada como atividade turística. Esta tensão conceptual remonta a debates anteriores. Cohen (1974), por exemplo, não estabelecia inicialmente uma distinção clara entre turista e peregrino, mas viria a rever a sua posição em 1998, argumentando que ambos se distinguem pelas atividades desenvolvidas ao longo da viagem, apesar de partilharem a experiência de deslocação e mudança temporária de residência.

Nolan e Nolan (1989) aprofundaram a análise de grandes santuários da Europa Ocidental, propondo que os Caminhos de Santiago representam um exemplo paradigmático da coexistência entre turismo e peregrinação, considerando os dois fenómenos como compatíveis. De forma semelhante, Jackson e Hudman (1995) estudaram os visitantes de catedrais inglesas, traçando perfis sociodemográficos e identificando motivações e práticas religiosas associadas à visita, como a idade, género, origem, crenças e frequência de práticas devocionais.

Também Vukonić (1996) distinguiu as duas práticas, sugerindo que, enquanto a peregrinação promove a espiritualidade, as viagens turísticas tendem a assumir um carácter mais lúdico e descontraído. Segundo o autor, o turismo religioso abarca uma variedade de práticas turísticas com motivações religiosas — desde visitas a locais de culto até à participação em peregrinações. Jackowski (2000) partilha uma leitura evolutiva do conceito, sugerindo que a peregrinação deu origem ao turismo religioso, desde que este tenha como finalidade principal uma motivação espiritual ou religiosa.

No início do século XXI, estas aproximações tornaram-se mais evidentes. Ambrósio (2006) identifica os anos 1990 como momento de maior convergência entre os conceitos de turismo e peregrinação. Salienta que, apesar de a devoção continuar a ser o motivo principal da peregrinação, esta representa muito mais do que uma simples deslocação a um lugar sagrado. Nos seus estudos, identificou três grandes focos de peregrinação realizados a pé — Fátima, Santiago de Compostela e Czestochowa-Jasna Góra (Polónia) —, e sistematizou a literatura sobre turismo religioso em quatro áreas temáticas: visitantes de santuários, peregrinações pedestres, relação entre religiões e lugares sagrados, e cidades-santuário.

Santos (2006) contribui igualmente para este debate, sublinhando que o turismo religioso pode ocorrer mesmo quando a motivação principal do viajante não é estritamente devocional, desde que envolva a deslocação a um local de significado religioso. Blom et al. (2008) apontam Santiago de Compostela como um exemplo de turismo de peregrinação e alertam para as dificuldades em estabelecer fronteiras conceptuais claras, tanto na definição de “religião” como na identificação das

motivações dos viajantes. Estas ambiguidades dificultam a categorização precisa das práticas turísticas associadas à fé.

Cunha (2017) e Hall et al. (2018) sublinham que, na tradição, a peregrinação estava associada a centros espirituais e implicava uma reconfiguração moral e social do indivíduo, enquanto o turismo era visto como uma atividade voltada para o entretenimento e o superficial. O peregrino religioso, ao empreender uma caminhada, procurava sobretudo um tempo de introspeção, contemplação e reencontro com a natureza e consigo mesmo.

Historicamente, o turismo religioso tem as suas raízes em práticas de peregrinação que remontam à antiguidade e são transversais a diversas religiões, como o Cristianismo, o Islamismo, o Hinduísmo e o Budismo. Ao longo dos séculos, locais como Santiago de Compostela, Meca, Varanasi e Lourdes consolidaram-se como destinos de referência para peregrinos de todo o mundo. O desenvolvimento das infraestruturas de transporte e a globalização contribuíram significativamente para o crescimento deste fenómeno, permitindo que um número crescente de pessoas pudesse realizar viagens espirituais para locais distantes. No entanto, a modernidade também trouxe mudanças na motivação dos viajantes, levando ao surgimento de formas híbridas de turismo, onde o sagrado e o profano se misturam (Kujawa, 2017). A queda da participação regular em práticas religiosas formais tem sido compensada pelo aumento do interesse em experiências espirituais personalizadas, muitas vezes associadas a locais de culto históricos, festivais religiosos e rituais contemporâneos que ressignificam a relação do indivíduo com o divino.

Para além das grandes peregrinações tradicionais, tem-se assistido ao crescimento do chamado turismo espiritual, uma vertente que não se foca exclusivamente em práticas devocionais, mas na busca de experiências transformadoras e introspectivas. De acordo com Kujawa (2017), este tipo de turismo tem atraído um público mais diversificado, que inclui desde crentes que procuram uma renovação da fé até indivíduos sem filiação religiosa que desejam encontrar um propósito ou uma conexão mais profunda consigo mesmos. Este fenómeno tem levado a uma redefinição dos destinos religiosos, que passaram a incorporar atividades como retiros espirituais, programas de meditação e

percursos inspiracionais, adaptando-se às novas dinâmicas da espiritualidade contemporânea.

O impacto do turismo religioso nos territórios é multifacetado, abrangendo dimensões económicas, culturais, sociais e ambientais. No plano económico, este tipo de turismo tem um peso significativo, pois gera emprego, dinamiza o setor de serviços e promove o desenvolvimento de infraestruturas locais. Cidades como Fátima, em Portugal, e Lourdes, em França, são exemplos paradigmáticos de como os territórios podem ser revitalizados pela atividade turística religiosa. O fluxo contínuo de visitantes impulsiona a economia local, beneficiando desde pequenos comerciantes até grandes operadores turísticos. No entanto, a dependência excessiva do turismo religioso pode tornar estas localidades vulneráveis a crises económicas ou a mudanças nas tendências de viagem, tornando essencial a diversificação da oferta.

Estas tensões entre sacralidade e lazer, entre devoção e consumo, estendem-se também ao campo do turismo cultural, cuja definição permanece igualmente complexa. A literatura especializada tem vindo a reconhecer que o turismo cultural não constitui um mercado homogéneo e que as suas motivações são múltiplas e difíceis de delimitar com rigor (Phillips & Steiner, 1999; McKercher & Du Cros, 2002; Silveira, 2003; Fabaré, 2005; André, 2006; Sentías, 2004). Jovicic (2016) confirma esta pluralidade ao afirmar que existem quase tantas definições de turismo cultural quantos os turistas culturais, uma vez que as razões culturais que motivam a deslocação variam substancialmente.

Cohen (1979) argumentava que a cultura, enquanto processo, era continuamente transformada pelo turismo, à semelhança de outros produtos culturais (Richards, 1996). Neste contexto, o crescimento do turismo cultural coincidiu com profundas transformações sociais e culturais, bem como com mudanças estruturais na própria indústria turística. Richards e Fernandes (2007) observam que, à medida que a cultura se tornou uma esfera ampliada do consumo, os próprios destinos turísticos procuraram reinventar-se, promovendo produtos alternativos face à saturação dos mercados tradicionais.

A expansão do turismo cultural veio, assim, ampliar o espectro de significados associados ao conceito, revelando a sua natureza multifacetada. Como sublinhou Smith (2010), as diferentes interpretações da cultura refletem fatores históricos, políticos, geográficos e sociais, variando de acordo com os contextos e as comunidades envolvidas. Esta diversidade torna ainda mais desafiante a tarefa de distinguir com nitidez fenómenos como o turismo religioso, a peregrinação e o turismo cultural, que frequentemente se cruzam e interpenetram no espaço e no tempo.

No plano cultural, o turismo religioso contribui para a preservação do património histórico e arquitetónico, bem como para a transmissão de tradições espirituais e rituais entre gerações. Estes locais assumem um papel central na identidade cultural das comunidades que os acolhem, funcionando como pontos de referência simbólica e social. No entanto, também existem desafios associados a este fenómeno. A massificação do turismo religioso pode levar à mercantilização da fé, ao aumento da pressão sobre os recursos naturais e urbanos e à descaracterização das experiências espirituais. Além disso, a sobrelotação de determinados destinos sagrados pode comprometer a experiência dos peregrinos, transformando o momento de introspeção e oração numa atividade stressante e superficial. Para mitigar este problema, têm sido implementadas medidas como a limitação do número de visitantes e a criação de percursos alternativos para dispersar os fluxos turísticos (Thomas et al., 2018).

Por outro lado, o contacto entre peregrinos e comunidades locais pode fomentar o diálogo inter-religioso e o respeito pela diversidade cultural. O intercâmbio de experiências entre visitantes de diferentes origens e crenças tem potencial para fortalecer a tolerância e a compreensão mútua, promovendo valores de coexistência pacífica e enriquecimento espiritual. Este aspeto é particularmente relevante em sociedades cada vez mais globalizadas, onde a diversidade cultural e religiosa se manifesta de formas múltiplas e complexas.

Para mitigar os impactos negativos e maximizar os benefícios, diversas estratégias têm sido adotadas para valorizar o turismo religioso. A gestão sustentável é uma das abordagens mais relevantes, envolvendo a regulação do número de visitantes, a educação ambiental e a preservação do património histórico. O uso de tecnologias

digitais, como aplicações interativas e visitas virtuais, tem sido uma ferramenta valiosa para melhorar a experiência dos peregrinos sem comprometer a integridade dos locais sagrados. A integração das comunidades locais na gestão do turismo é fundamental para garantir que os benefícios económicos sejam distribuídos de forma equitativa e que a autenticidade das práticas religiosas seja preservada. Além disso, a diversificação da oferta turística, incluindo atividades culturais, gastronómicas e de bem-estar, pode contribuir para atrair diferentes perfis de visitantes e reduzir a dependência de um único tipo de público. A promoção internacional dos destinos religiosos, através de campanhas de marketing e colaboração entre entidades governamentais e religiosas, tem sido uma estratégia eficaz para aumentar a visibilidade destes locais no mercado global (Kujawa, 2017).

Em conclusão, o turismo religioso continua a ser uma força motriz na mobilidade humana, refletindo tanto a tradição quanto as transformações da sociedade contemporânea. Seja para experiências de devoção ou para a busca de conhecimento e cultura, este tipo de turismo desempenha um papel essencial na economia, na preservação patrimonial e na promoção do diálogo intercultural. Assim, a adoção de estratégias sustentáveis e inclusivas é fundamental para garantir que o turismo religioso continue a beneficiar tanto os visitantes quanto as comunidades anfitriãs, sem comprometer a autenticidade e a integridade das experiências espirituais. A crescente fusão entre turismo e espiritualidade demonstra que, independentemente das mudanças sociais, a necessidade humana de conexão transcendente e significado continua a ser uma constante ao longo da história.

2. Metodologia

2.1. Tarefas e atividades

O presente capítulo apresenta a metodologia adotada para a investigação sobre os impactos do Caminho de Santiago no concelho de Ponte de Lima. O enquadramento teórico e contextualização dos Caminhos de Santiago tem por base recolha e análise documental em bases científicas como a Web of Science e o Google Académico, bem como nos arquivos de entidades associadas ao município de Ponte de Lima e à Xunta da Galiza.

O estudo desenvolve-se em torno de duas grandes dimensões: (i) a contextualização histórico-geográfica do traçado do Caminho e da sua evolução no território, e (ii) a análise dos seus impactos sociais e económicos, com especial enfoque na reconfiguração do tecido económico local e na perceção dos agentes com atuação direta ou indireta neste processo. A investigação segue uma abordagem de natureza mista, combinando métodos quantitativos e qualitativos, bem como o recurso a fontes primárias e secundárias. A estrutura metodológica desdobra-se da seguinte forma:

A. Contexto histórico e geográfico

A primeira vertente da investigação corresponde ao levantamento e sistematização de informação sobre a evolução do traçado do Caminho de Santiago no concelho de Ponte de Lima, incidindo sobre os seus marcos históricos, mutações territoriais relevantes e crescimento da infraestrutura turística e de apoio ao peregrino. Esta componente baseia-se na análise documental, em fontes secundárias históricas e cartográficas, e no cruzamento de dados provenientes de estudos académicos e técnicos.

B. Impacto social e económico

A segunda dimensão da investigação tem como objetivo avaliar os efeitos do Caminho na dinâmica socioeconómica local, com base em dois eixos principais. O primeiro analisa a reconfiguração do tecido económico e o segundo a perceção e avaliação dos agentes locais. Na primeira subsecção será analisada a transformação da estrutura económica local, com particular atenção à evolução da oferta comercial ao longo do traçado do

Caminho. A abordagem metodológica inclui: análise estatística, centrada na relação entre a presença física do Caminho e variáveis demográficas, sociais e económicas à escala local (freguesia e subsecção do percurso); tratamento cartográfico, com base na georreferenciação de serviços, equipamentos e atividades comerciais ao longo do Caminho; levantamento funcional, realizado através de observação direta e sistematização de usos e funções urbanas presentes ao longo do traçado; análise documental, com consulta de instrumentos de gestão territorial, relatórios municipais, planos estratégicos e estudos técnicos sobre o concelho. A segunda visa compreender como os atores locais interpretam e avaliam os efeitos do Caminho no território. Para tal, será conduzido um conjunto de entrevistas semiestruturadas a Presidentes de Junta e a representantes de instituições e entidades locais com relevância para a temática. Paralelamente, será aplicado um inquérito por questionário a comerciantes com estabelecimentos localizados ao longo do percurso do Caminho de Santiago em Ponte de Lima.

O questionário aplicado aos comerciantes inspira-se em instrumentos utilizados em estudos de avaliação de impactes de eventos de grande escala (Vieiro, 2003; Julião, 2013; Ribeiro et al., 2012) tendo sido adaptado à especificidade do contexto local. A recolha de dados será realizada presencialmente, durante o trabalho de campo, garantindo a georreferenciação simultânea dos estabelecimentos comerciais inquiridos. O inquérito é composto por doze questões (ver anexo 1), sendo as quatro primeiras de caracterização do perfil do respondente. Obtiveram-se 22 respostas válidas ao inquérito, apresentando o seguinte perfil:

- Tipo de estabelecimento: Alojamento (11), Café/Bar (4), Loja de produtos locais (3), Restaurante (1), Outro (3);
- Freguesia: Arca e Ponte de Lima (7), Arcozelo (2), Bárrio e Cepões (1), Correlhã (1), Facha (1), Labruja (1), Navió e Vitorino dos Piães (2), Poiares (1), Seara (6);
- Longevidade do estabelecimento: Menos de 1 ano (1), 1 a 5 anos (8), 6 a 10 anos (5), Mais de 10 anos (8);

- Número estimado de clientes peregrinos: Menos de 50 (9), 50 a 100 (2), 101 a 200 (3), Mais de 200 (8).

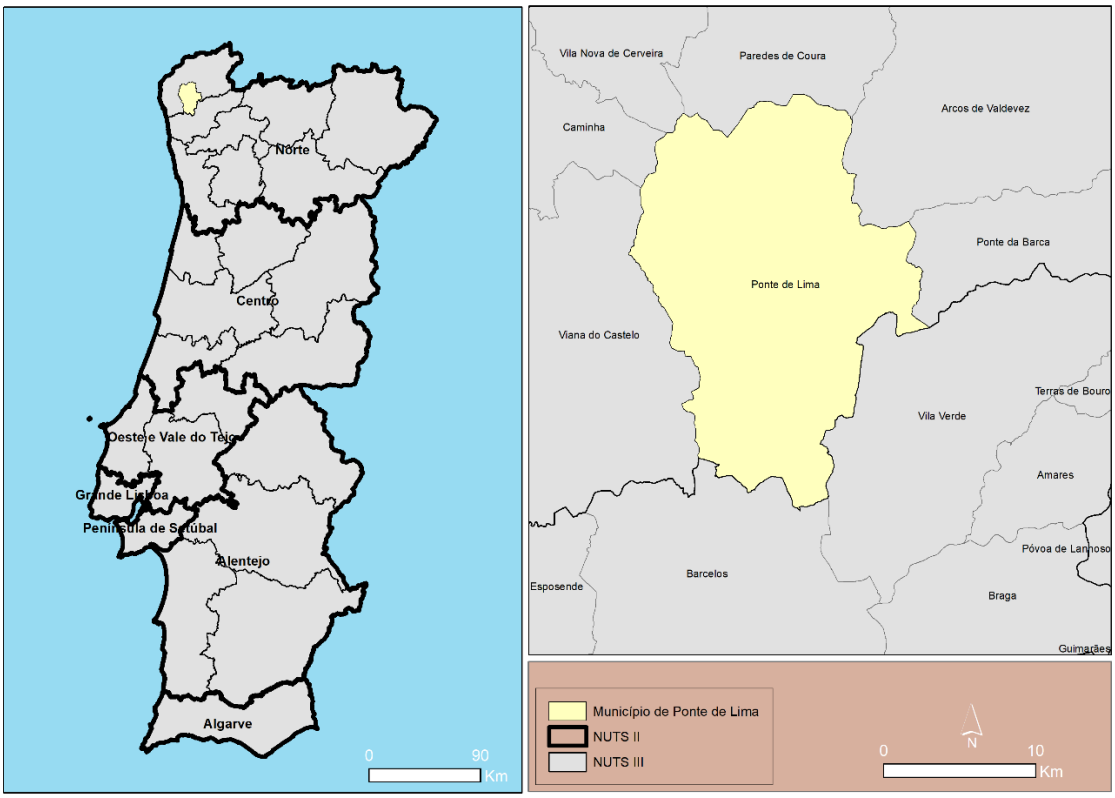
A entrevista assume um formato de resposta aberta e incluindo cinco questões orientadoras, apresentadas no anexo 2. Foram registadas seis respostas, designadamente do Vice-Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima e dos Presidentes das Juntas de Freguesia de Arca e Ponte de Lima, Arcozelo, Facha, Labruja e Poiares.

2.2. Área de estudo

O Município de Ponte de Lima localiza-se no Noroeste de Portugal, integrando a sub-região do Alto Minho (NUTS III) e o distrito de Viana do Castelo. Com uma área de aproximadamente 320 km², é composto por 39 freguesias e caracteriza-se por uma forte identidade territorial ancorada na tradição, no património histórico e na ruralidade qualificada (figura 1). A sede do concelho, a vila de Ponte de Lima, detém um relevante valor patrimonial, sendo reconhecida como a vila mais antiga de Portugal, com foral atribuído em 1125.

Do ponto de vista geográfico, o território apresenta uma estrutura marcada pela diversidade paisagística, combinando vales agrícolas férteis, zonas de montanha e cursos de água, com destaque para o rio Lima, eixo estruturante da ocupação humana e das atividades económicas. A economia local assenta numa matriz predominantemente terciária, com forte peso do pequeno comércio, do turismo, da restauração e da oferta de alojamento local, coexistindo com atividades agrícolas, vitivinícolas e de pequena indústria.

Figura 1 – Enquadramento geográfico do município de Ponte de Lima



Fonte: elaboração própria, utilizando dados da CAOP (DGT, 2025)

Ponte de Lima tem vindo a afirmar-se como um destino turístico de referência, tanto pela sua oferta cultural e paisagística como pela sua integração nas rotas do Caminho de Santiago, em particular o Caminho Central Português. O crescente fluxo de peregrinos que atravessam o concelho representa, atualmente, um vetor estratégico de dinamização económica e sociocultural, tornando-o um caso de estudo particularmente relevante para analisar os efeitos do turismo religioso sobre territórios de pequena e média escala, com forte ancoragem patrimonial e identitária.

3. O Caminho de Santiago

3.1. Conceito e evolução

3.1.1. A peregrinação e a sua relevância territorial

As primeiras peregrinações remontam aos séculos IX e X, mas foi apenas no século XI que a peregrinação a Santiago adquiriu uma dimensão internacional (Mendel, 2010). O Caminho de Santiago ou Caminho de São Tiago foi uma importante rota de peregrinação cristã na Idade Média, refletindo a lenda de São Tiago (Basil, 2020). Antigamente, a peregrinação estava intimamente ligada às tradições cristãs. Era uma viagem ao encontro do Deus cristão (Ohler, 2003). Hoje em dia, a produção e o consumo das atividades de peregrinação estão cada vez mais desvinculados da religião tradicional, aproximando-se e adaptando-se às características das sociedades contemporâneas (Lois-González & Lopez, 2021; Lois-González & Somoza Medina, 2022). Na Antiguidade, a veneração, a possibilidade de cura e a expressão de redenção dos pecados eram os principais motivos para realizar uma peregrinação (Chemin, 2011).

A peregrinação a Santiago de Compostela tornou-se um exemplo do crescente número de pessoas que se dedicam à peregrinação na sociedade contemporânea, revivendo um caminho medieval e transformando o Caminho de Santiago numa atração cultural e turística (Raj & Morpeth, 2007), que envolve atividades como caminhar, comer e dormir. Na Idade Média, o Caminho de Santiago (Caminho de São Tiago) foi uma das rotas de peregrinação mais importantes do cristianismo (Braun, 2021, Xunta de Galizia, 2025).

A espiritualidade é, sem dúvida, o núcleo central de qualquer peregrinação. O Caminho de Santiago, com a sua longa tradição que remonta ao século IX, não é apenas um trajeto físico entre diversos pontos geográficos; é, antes de mais, uma jornada espiritual. A busca de um significado mais profundo, de uma experiência de fé ou de uma reconciliação interior, constitui a razão maior que impulsiona os peregrinos a percorrerem esta rota. No caso do Caminho de Santiago, a motivação espiritual é frequentemente associada à visita ao túmulo de São Tiago, o Apóstolo, em Santiago de Compostela. Para muitos, o ato de percorrer o Caminho é sinónimo de uma busca pessoal, seja ela por cura espiritual, por uma reflexão sobre a própria vida ou pela

vivência de um momento de devoção e fé intensos. A peregrinação é, portanto, uma experiência profundamente simbólica, onde a caminhada se torna um processo de transformação, de purificação e de introspeção, como afirmam autores como Heiser (2021), que sublinham a importância do ritual de peregrinação como uma forma de fortalecer a ligação do indivíduo ao divino.

A experiência espiritual no Caminho de Santiago está associada à vivência do "sagrado", que não é apenas um conceito religioso, mas também um valor cultural que perpassa as comunidades e os territórios por onde a rota passa. Este sentido do "sagrado" é vivido de forma plural, já que não se restringe apenas à dimensão religiosa tradicional, mas também engloba uma vivência mais ampla da cultura e da identidade dos povos que habitam essas regiões. O Caminho de Santiago transforma-se, assim, numa vivência que ultrapassa o religioso, assumindo-se como um processo de contacto profundo com a história e a tradição dos lugares por onde passa, imbuídos de uma energia espiritual coletiva (Lois González, 2013).

No contexto territorial, o Caminho de Santiago adquire uma relevância significativa para as comunidades locais. As localidades que integram a rota, desde o norte de Portugal até à Galiza, em Espanha, não só testemunham uma significativa afluência de peregrinos, mas também veem as suas identidades culturais, históricas e espirituais reforçadas através da peregrinação. A presença contínua de peregrinos cria uma dinâmica que, embora de cariz religioso, se reflete em múltiplas esferas da vida local, incluindo a economia, o património e as tradições. A espiritualidade da peregrinação, associada a uma vivência de comunhão com o divino, transforma-se também numa vivência de comunhão com os espaços, com as paisagens e com as pessoas que fazem parte da história daquele lugar. Os habitantes das localidades ao longo do Caminho experimentam uma relação de proximidade com os peregrinos, que não é apenas de acolhimento, mas de partilha de um valor espiritual comum, embora expresso de formas diversas. Esta ligação mútua entre os peregrinos e as comunidades locais é uma característica essencial da peregrinação, permitindo que o Caminho de Santiago seja uma vivência partilhada, que transcende as dimensões físicas da viagem.

A importância territorial do Caminho é também evidenciada no impacto económico gerado pela presença dos peregrinos. As infraestruturas locais, como hotéis, albergues, restaurantes e estabelecimentos comerciais, beneficiam diretamente da peregrinação, o que resulta em uma revitalização económica das regiões envolvidas. Segundo González e Medina (2003), o turismo associado ao Caminho de Santiago não se resume a um fenómeno religioso, mas abarca também dimensões culturais e sociais, sendo um motor de desenvolvimento local. Através da vivência da peregrinação, as regiões podem recuperar, reforçar e divulgar o seu património cultural, arquitetónico e histórico, transformando-se, dessa forma, em pontos de referência tanto para os peregrinos como para os turistas culturais.

No entanto, a grande afluência de peregrinos e turistas ao longo dos anos tem gerado desafios significativos, particularmente no que diz respeito à preservação da autenticidade espiritual e cultural do Caminho. A pressão sobre as infraestruturas e os recursos naturais, além da crescente preocupação com o fenómeno do "overtourism", coloca questões sobre a sustentabilidade da peregrinação e do turismo nas regiões atravessadas pela rota. López et al. (2019) discutem este fenómeno, afirmando que, enquanto o Caminho pode trazer benefícios económicos significativos, também coloca em risco a preservação das características originais da peregrinação, que é antes de mais uma experiência espiritual e introspetiva, que pode ser diluída pela massificação turística.

O desafio, portanto, reside na gestão equilibrada do turismo e da peregrinação, garantindo que o Caminho de Santiago continue a ser um espaço de reflexão e de espiritualidade, preservando a sua essência religiosa e cultural, ao mesmo tempo que se adaptam às exigências da modernidade e da globalização. A digitalização do Caminho, como observado por Lois-González e SomozaMedina (2022), é um exemplo de como a inovação tecnológica pode ajudar a melhorar a experiência dos peregrinos, fornecendo informações em tempo real e facilitando o acesso aos serviços necessários, sem comprometer a identidade espiritual do percurso. Além disso, a digitalização permite uma maior visibilidade internacional da rota, atraindo um público diversificado que valoriza tanto a experiência espiritual quanto a descoberta cultural.

Assim, a peregrinação ao Caminho de Santiago representa muito mais do que uma simples viagem física. Trata-se de um percurso espiritual, que convida os peregrinos a uma reflexão profunda sobre si mesmos e sobre o mundo ao seu redor. A espiritualidade da peregrinação, ligada à tradição cristã, mas também à identidade cultural das regiões atravessadas, confere ao Caminho uma relevância territorial única. A gestão adequada do turismo e da peregrinação é fundamental para garantir que o Caminho continue a ser um espaço de autenticidade e transformação, onde o encontro entre o sagrado e o quotidiano se faz de forma harmoniosa e sustentável. As comunidades locais, ao integrarem-se ativamente na vivência do Caminho, enriquecem tanto as suas próprias identidades culturais como a experiência dos peregrinos, criando uma relação simbiótica que faz do Caminho de Santiago um fenómeno único no panorama europeu e mundial.

3.1.2. A evolução histórica: dos primeiros peregrinos até à atualidade

A história do Caminho de Santiago remonta a um momento crucial na Idade Média, por volta do ano 820, quando se dá a descoberta do túmulo de Santiago Maior em Compostela, na Galiza. A revelação do túmulo, e a subsequente criação do "locus Sancti Iacobi", um lugar sagrado dedicado à veneração do apóstolo, marca o início de uma das mais importantes rotas de peregrinação da cristandade. A notícia da descoberta chega ao rei Alfonso II das Astúrias, que, tendo sido informado pelo bispo Teodomiro de Iria, decide visitar o local pessoalmente. A tradição popular da localização dos restos do apóstolo, já anteriormente documentada por figuras como Beda o Venerável e o Beato de Liébana, é finalmente confirmada através dessa descoberta (Xunta de Galizia, 2025).

O eremita Paio, do lugar de Solovio, encontra as ruínas do que seria o túmulo de Santiago e dos seus discípulos Teodoro e Atanasio, numa floresta chamada Libredón. Este achado, que estabelece um elo entre a tradição oral e as provas concretas, leva à construção de uma pequena igreja no local, ordem do próprio Alfonso II. Este gesto marca o início da longa trajetória do Caminho, que, com o tempo, se consolidará como um centro de peregrinação e de devoção religiosa. A cidade de Santiago e a catedral que

hoje conhecemos nasceriam dessa primeira edificação, sendo posteriormente ampliadas, nomeadamente por Alfonso III, que, em 899, reconstruiu a igreja inicial, dando forma ao que se tornaria o imponente edifício que continua a acolher os peregrinos até aos dias de hoje (Xunta de Galizia, 2025).

A peregrinação ao túmulo de Santiago não tardou a atrair a atenção de figuras de grande relevo. Os primeiros peregrinos documentados são os próprios monarcas asturianos. Alfonso III, o Magno, é um dos primeiros reis a realizar a peregrinação, tendo visitado Santiago em 872, e regressado com a rainha Jimena dois anos depois, em 874, ocasião em que fez uma importante doação ao apóstolo, oferecendo-lhe uma cruz de ouro e pedras preciosas, símbolo do Reino das Astúrias (Xunta de Galizia, 2025).

Ao longo do século IX, outros peregrinos ilustres, como o franco Bretenaldo, decidiram fazer do Caminho a sua rota de devoção, fixando-se na primitiva Compostela. No século X, peregrinos de toda a Europa começaram a seguir este caminho sagrado, incluindo o rei Ramiro II e o bispo Gotescalco de Le Puy, que viajou a Compostela com um grupo de clérigos e fiéis aquitanos, por volta de 950. Estes movimentos refletem a crescente importância do Caminho, que, à medida que o tempo passava, se tornava uma rota de peregrinação internacionalmente reconhecida (Xunta de Galizia, 2025).

A figura do abade Cesáreo, do mosteiro catalão de Santa Cecília de Montserrat, também se destaca nesta época. Em 959, ele peregrina até Compostela, pedindo a ajuda da Igreja para a restauração da sede episcopal de Tarragona, um gesto que aumentou o prestígio de Santiago e consolidou a sua importância política e religiosa no Ocidente peninsular. Entre os séculos XI e XIII, o Caminho de Santiago vive a sua época de ouro. A cidade de Santiago de Compostela torna-se um destino central de peregrinação, atraindo fiéis não apenas da Península Ibérica, mas também de França, Itália, Alemanha, Inglaterra, Islândia e de várias partes da Europa. Durante este período, Compostela consolidou-se como um ponto de convergência religiosa, social e política, beneficiando da colaboração entre monarcas, a Igreja e as ordens monacais. A Coroa de Leão, com os reis Alfonso II, Alfonso VII e Sancho Ramírez, o papado de Calisto II e Alexandre III, e as abadias de Cluny e do Cister, desempenharam um papel fundamental no fortalecimento do Caminho e na promoção da sua importância religiosa (Martín Duque, 2014; Xunta de Galizia, 2025).

A hospitalidade, um dos pilares da peregrinação, cresceu durante esta época, com a fundação de uma vasta rede de hospitais que atendiam os peregrinos nas suas longas jornadas. A hospitalidade não se limitava a um simples acolhimento material, mas envolvia também um cuidado espiritual, com os peregrinos sendo tratados como "enviados do Céu", uma visão profundamente enraizada na mentalidade medieval. A contribuição dos franciscanos, que fundaram o primeiro convento da Ordem em Santiago, em 1214, também marcou um ponto de viragem na espiritualidade jacobeia, trazendo consigo uma renovação do espírito de fraternidade e de serviço aos outros (Marto e Adrega, 2014; Xunta de Galizia, 2025).

O acolhimento ao peregrino, com a criação de hospitais dedicados a atender as suas necessidades espirituais, materiais e sanitárias, foi um dos principais aspetos do Caminho desde a sua origem. Os hospitais surgiram através de doações feitas por comunidades religiosas, famílias nobres e monarcas, todos com o desejo de exercer a virtude cristã da caridade. Estes hospitais eram espaços sagrados, onde o peregrino, com o seu manto e concha de vieira, encontrava apoio físico e emocional.

Nas mentalidades medievais, o peregrino era visto como um emissário celestial, e muitos relatos iconográficos representavam Jesus Cristo sob a forma de um peregrino, com o seu distintivo símbolo da vieira e o saco (surrão) à sua frente, como na célebre cena do Aparecimento de Cristo aos discípulos de Emaús, representada no claustro de Santo Domingo de Silos (Xunta de Galizia, 2025).

Apesar de períodos de crise, como a Peste Negra e a Guerra dos Cem Anos, o Caminho de Santiago manteve-se vivo, mesmo que com alguma dificuldade. Durante o século XIV, o papa Bonifácio VIII oferece aos peregrinos a Indulgência Plenária, um perdão dos pecados, e o Caminho passa a ser procurado por reis, nobres e camponeses, que viam na peregrinação uma forma de alcançar a salvação e de renovar a sua espiritualidade. A Galiza, especialmente, prosperou com o comércio relacionado à peregrinação, com barcos que traziam peregrinos e mercadorias de diversas partes da Europa (Martín Duque, 2014).

A Reforma protestante e as guerras religiosas diminuíram substancialmente o número de peregrinos no Caminho, mas a religiosidade barroca, alimentada pela Contrarreforma, contribuiu para a revitalização do Caminho de Santiago. No século XVII, o auge da devoção foi marcante, apesar da diminuição de peregrinos devido à Inquisição e às tensões religiosas. Durante o século XVIII, a situação política e as guerras afetaram negativamente o fluxo de peregrinos, mas, ainda assim, o Caminho resistiu e manteve-se como um espaço de espiritualidade.

A segunda descoberta das relíquias do apóstolo, em 1879, e a subsequente celebração de um ano santo extraordinário em 1885, deram novo alento ao Caminho. O século XX, embora marcado pela guerra civil espanhola e pelos conflitos mundiais, viu um renascimento das peregrinações a Santiago, especialmente após a visita do Papa João Paulo II, em 1982, que deu um impulso significativo à renovação do Caminho. As décadas de 1950 e 1960 também assistiram à criação das primeiras associações jacobeias, que ajudaram a revitalizar a peregrinação, tornando-a mais acessível a um público global (González e Medina, 2003; Xunta de Galizia, 2025).

No início do século XXI, a peregrinação a Santiago de Compostela continua a ser uma experiência única e transcendente. Num mundo cada vez mais globalizado, onde as preocupações com a espiritualidade e o sentido da vida se tornam mais prementes, o Caminho oferece uma alternativa de reflexão e de renovação pessoal. A crescente procura por experiências significativas, aliada à procura de um refúgio no stress quotidiano, tem levado muitos a encontrar no Caminho de Santiago uma forma de desconectar-se das pressões modernas e redescobrir valores humanos universais. O Caminho de Santiago mantém-se, assim, uma peregrinação espiritual, mas também uma experiência cultural, histórica e solidária, unindo pessoas de diferentes origens e crenças, que partilham o mesmo objetivo: chegar a Santiago, em busca de algo maior.

3.1.3. A evolução conceptual: de fenómeno religioso a experiência turística e cultural

O Caminho de Santiago não é apenas uma estrada de devoção religiosa, é também um dos elementos fundadores da própria identidade europeia. A sua importância transcendeu as fronteiras da península Ibérica e, ao longo dos séculos, desempenhou um papel essencial na consolidação de uma Europa unificada, culturalmente rica e espiritualmente interligada. Juntamente com Roma e Jerusalém, Santiago tornou-se um dos principais centros de peregrinação cristã, representando a união espiritual de um continente fragmentado (Soares et al., 2021).

Ao longo da Idade Média, o Caminho de Santiago não foi apenas uma rota religiosa; foi também uma verdadeira autoestrada do conhecimento que facilitou o intercâmbio cultural entre as várias regiões da Europa. Como um dos principais pontos de encontro entre o Norte e o Sul, o Caminho desempenhou um papel essencial na disseminação das grandes correntes culturais e artísticas da época. Foi o veículo através do qual o românico se espalhou pela Europa, ao lado das imponentes catedrais góticas que, por sua vez, refletiam a grandiosidade espiritual e cultural do continente. O movimento das peregrinações favoreceu também a proliferação das líricas medievais, com as cantigas de amigo e as canções de gesta a ecoarem nas bocas dos viajantes que percorriam os caminhos que convergiam para Santiago (Lois González, 2013).

Além disso, o Caminho de Santiago tornou-se um espaço em que ideias de solidariedade, caridade e ajuda mútua estavam profundamente enraizadas. A rede de hospitais, mosteiros e albergues fundados ao longo do percurso serviu não só para dar acolhimento físico aos peregrinos, mas também para fortalecer laços entre diferentes povos e culturas, fomentando um sentido de unidade que era essencial para a coesão social da Europa medieval (Lois González et al., 2015).

Neste sentido, o Caminho de Santiago pode ser visto como uma verdadeira autoestrada do conhecimento, na medida em que foi a via por onde circularam não apenas as ideias religiosas, mas também as artísticas, as literárias e as sociais. Além disso, tornou-se um

local de troca entre culturas diferentes, permitindo o intercâmbio de saberes, de práticas artísticas e de filosofias.

Ao longo dos séculos, embarcar numa peregrinação continuou a ter um significado profundo, baseado em aspetos pessoais, sociais e espirituais (Turner & Turner, 2011). No entanto, se ao longo de muitos séculos o Caminho de Santiago foi exclusivamente uma rota religiosa, com o passar do tempo assistimos a uma transformação desse fenómeno. A partir do século XIX, o turismo começou a ganhar terreno e o Caminho passou a ser visitado não só por peregrinos religiosos, mas também por turistas em busca de uma experiência cultural ou de aventura. No final do século XX, as peregrinações adquiriram uma nova dimensão, atraindo um número crescente de peregrinos, por várias razões, incluindo motivações sociais, políticas, religiosas, espirituais e turísticas. Deste modo, as peregrinações tornaram-se um itinerário turístico-cultural internacional (Faria et al., 2022). Esta transição do Caminho de Santiago de uma peregrinação de fé para uma experiência turística envolve vários fatores e mudanças na sua estrutura e na sua dinâmica.

A crescente globalização e a melhoria dos meios de transporte resultaram num aumento do turismo secular ao longo do Caminho de Santiago. O que antes era uma prática restrita a devotos da fé católica tornou-se, progressivamente, acessível a um público mais vasto, em busca de experiências culturais, históricas ou espirituais, mas já desvinculadas da devoção religiosa. Esta mudança foi particularmente visível nas últimas décadas, com o aumento do número de turistas não religiosos que se dirigem a Santiago.

O movimento de peregrinação secular é um reflexo das mudanças nas motivações dos viajantes. Para muitos, o Caminho oferece uma oportunidade de introspeção, de contacto com a natureza, de fuga à rotina diária ou até mesmo de superação física e pessoal. A espiritualidade, embora ainda presente para muitos, passou a ser apenas uma das várias motivações para a peregrinação (Lois González et al., 2015).

Para responder a essa crescente procura, especialmente por parte dos turistas seculares, o Caminho de Santiago foi adaptando-se ao longo dos anos, transformando-se num produto turístico mais estruturado. Albergues, restaurantes, guias turísticos e

outras infraestruturas começaram a ser estabelecidas ao longo das rotas. Esta estruturação tem sido crucial para acomodar o número crescente de peregrinos e turistas, oferecendo-lhes os serviços necessários para uma experiência agradável e confortável.

Essa evolução não é apenas uma questão de adaptação à mudança do perfil do peregrino, mas também uma forma de garantir a sustentabilidade do próprio Caminho. Com a diversificação das ofertas, o Caminho de Santiago não só preservou a sua tradição de acolhimento aos peregrinos, mas também se tornou uma importante fonte de desenvolvimento económico para muitas das localidades ao longo das suas rotas.

Embora muitos ainda se dirijam a Santiago por motivos espirituais, a religião não é mais o único motor da peregrinação. A secularização das motivações para o Caminho levou a uma alteração nas práticas religiosas associadas à peregrinação. Hoje em dia, muitos dos peregrinos que percorrem as rotas jacobeias não são praticantes de uma fé religiosa formal. Muitos procuram uma experiência de bem-estar, reflexão pessoal ou mesmo uma forma de desafio físico. A peregrinação tornou-se, assim, um espaço de vivência intercultural e multifacetada, onde as motivações espirituais convivem com as sociais, culturais e até filosóficas (Marto e Adrega, 2023; Silva Lopes et al., 2025).

Esta transformação do Caminho de Santiago numa experiência cultural e turística coloca um desafio importante: como equilibrar a vertente espiritual e religiosa com a pressão do turismo de massas? A preservação do espírito original da peregrinação continua a ser uma preocupação central para muitas instituições, especialmente para a Igreja e para as comunidades locais, que receiam que a mercantilização do Caminho e a perda de sua autenticidade possam enfraquecer a sua função como espaço de reflexão e devoção.

Por outro lado, a crescente popularidade do Caminho de Santiago como destino turístico global traz benefícios significativos, não apenas para a preservação do património cultural, mas também para o desenvolvimento económico das regiões por onde o percurso passa. A chave está em encontrar um equilíbrio sustentável que permita o acolhimento de diferentes tipos de peregrinos e turistas, sem comprometer o valor espiritual e cultural que o Caminho representa (Silva Lopes et al., 2025).

O Caminho de Santiago, tal como outras formas de património cultural, enfrenta o desafio de preservar a sua autenticidade e o seu significado espiritual enquanto se adapta a um mundo cada vez mais globalizado e secularizado. Ao longo da sua história, o Caminho foi moldado por inúmeras transformações, mas manteve-se sempre fiel ao seu propósito original de ser uma rota de devoção, introspeção e, mais recentemente, de experiência cultural. O grande desafio contemporâneo será o de garantir que o Caminho continue a ser um espaço de reflexão e de partilha de valores, enquanto acolhe uma diversidade crescente de públicos, com diferentes interesses e motivações.

3.1.4. A complexidade e multiplicidade de dimensões e de práticas

O Caminho de Santiago, com a sua rica e complexa história, é um exemplo notável de como a religiosidade, a cultura e a experiência pessoal se entrelaçam ao longo de um percurso que transcende a simples peregrinação religiosa. Embora originalmente concebido como uma prática de fé, o Caminho evoluiu para um fenómeno multifacetado, refletindo a diversidade de motivações e experiências daqueles que o percorrem. A complexidade das motivações dos peregrinos é uma das primeiras dimensões que se destacam. No início, a peregrinação era predominantemente uma prática religiosa, com os peregrinos a percorrerem o caminho em busca de uma experiência espiritual profunda. No entanto, ao longo dos séculos, o perfil dos peregrinos mudou, com muitos a procurar o Caminho por razões culturais, históricas ou mesmo recreativas (quadro 2).

Quadro 2 – Síntese das principais motivações para a peregrinação no Caminho de Santiago.

Tipo de Motivação	Objetivo Principal	Tendência Atual	Relação Dominante com o Caminho
Religiosas	Viver uma experiência espiritual, religiosa, ou de fé, com o objetivo de se aproximar de Deus.	Apesar de diminuir em termos absolutos, ainda persiste uma base sólida de peregrinos com objetivos espirituais.	Relacionamento profundo com o carácter religioso e sagrado do Caminho.
Culturais	Explorar a história, o património, a arte e as tradições das regiões que o Caminho atravessa.	Crescente interesse por turismo cultural e patrimonial.	O Caminho como um espaço de imersão na história e cultura europeia.
Recreativas	Buscar uma experiência física desafiadora e/ou uma atividade de lazer em contacto com a natureza.	Grande crescimento, especialmente entre turistas mais jovens e aqueles interessados em aventura.	Enfoque no esforço físico e na reconexão com a natureza.
Pessoais	Realizar uma jornada de introspeção, autoconhecimento e superação pessoal.	Em expansão, com muitos peregrinos a procurar reflexão pessoal ou uma experiência transformadora.	O Caminho como uma metáfora para o crescimento pessoal e introspetivo.
Desportivas	Superar desafios físicos, melhorar a saúde ou a forma física através da caminhada.	Aumento do número de peregrinos que veem o Caminho como uma atividade desportiva ou de saúde.	Relacionamento com o Caminho como um desafio físico e uma prática de bem-estar.
Ambientais	Conectar-se com o meio ambiente e com a natureza, apreciando a paisagem e o espaço natural do percurso.	Maior consciencialização sobre a sustentabilidade e o turismo ecológico.	O Caminho como uma oportunidade para estar em sintonia com o ambiente natural.
Sociais	Fortalecer laços de amizade, partilhar experiências com outros peregrinos e fazer parte de uma comunidade.	Crescente valorização da dimensão comunitária e do sentido de solidariedade.	O Caminho como um espaço de encontro e construção de relações.

Fonte: Elaboração própria, a partir de Amaro et al., 2018; Moscarelli et al., 2020; Marto e Adrega, 2023; Silva Lopes et al., 2025.

Alguns continuam a peregrinar por motivos de fé, com o objetivo de se aproximarem de Deus ou de vivenciarem uma experiência de reflexão religiosa. Outros, porém, veem o percurso como uma oportunidade de explorar a história, a arte e o património cultural das regiões que atravessa. Para muitos, o Caminho é também um desafio físico, um espaço de superação e de introspeção, onde buscam o prazer da natureza ou simplesmente a tranquilidade do ambiente que rodeia a jornada. Esse fenómeno revela-se, assim, como um ponto de convergência de diferentes interesses, refletindo uma

transformação da peregrinação religiosa para uma experiência mais ampla, que combina diversas dimensões de significado (Amaro et al., 2018).

A espiritualidade que muitos peregrinos experimentam ao longo do Caminho é, muitas vezes, personalizada e fluida, longe das estruturas rígidas das tradições religiosas convencionais. Em vez de se submeterem a um conjunto de normas e rituais estabelecidos pela Igreja, muitos peregrinos ajustam o seu percurso de acordo com as suas próprias crenças, sentimentos e necessidades. Assim, o Caminho de Santiago torna-se não só uma prática coletiva, mas também um espaço para a descoberta e a prática de uma espiritualidade individualizada, que é ao mesmo tempo introspetiva e libertadora. A caminhada torna-se uma oportunidade de transformação pessoal, um processo de crescimento espiritual e emocional que permite aos peregrinos enfrentar os seus desafios interiores e alcançar um sentido renovado de realização (Marto e Adrega, 2023).

Este processo de transformação está também ligado à experiência coletiva que o Caminho oferece. A interação entre peregrinos de diferentes origens e culturas, unidos pelo desafio comum da peregrinação, cria uma rede de apoio e solidariedade que atravessa as barreiras religiosas e culturais. Ao longo do caminho, formam-se laços significativos, em que a partilha de histórias, o apoio mútuo e a construção de um espírito de comunidade tornam-se elementos centrais da experiência. O Caminho de Santiago, assim, não é apenas um percurso físico, mas um processo de encontro, onde se trocam experiências, se formam amizades e se criam memórias que transcendem a própria jornada (Amaro et al., 2018).

O esforço físico envolvido na peregrinação é outra característica importante da experiência. A caminhada exige resistência e perseverança, e esse esforço não é apenas físico, mas também mental e emocional. Muitos peregrinos encontram no desafio físico uma oportunidade para a introspeção, permitindo-lhes refletir sobre a sua vida e os seus objetivos. A jornada torna-se, assim, não só uma questão de chegar ao destino, mas de aproveitar o processo de caminhar como uma metáfora para o crescimento pessoal, para a superação das dificuldades e para a descoberta de um novo sentido de si mesmos. Cada passo no Caminho, seja ele dado com esforço ou com prazer, torna-se uma

afirmação da capacidade de cada peregrino de se reinventar e de evoluir (Moscarelli et al., 2020).

A aplicação da teoria de Michel de Certeau à peregrinação, nomeadamente através dos conceitos de "estratégia" e "tática", oferece uma perspetiva valiosa sobre a maneira como os peregrinos interagem com o espaço e as instituições do Caminho. Enquanto as estratégias correspondem às intenções das instituições religiosas que definem as normas e os significados do Caminho, as táticas representam as maneiras pelas quais os peregrinos adaptam esse espaço às suas necessidades individuais. O Caminho de Santiago, assim, torna-se um campo de negociação constante entre as estruturas institucionais e as experiências pessoais dos peregrinos, que reinterpretam o percurso de acordo com a sua própria vivência (Marto e Adrega, 2023).

Além disso, as práticas quotidianas dos peregrinos, como caminhar, descansar e interagir com outros, são formas de engajamento ativo com o ambiente do Caminho. Estes momentos diários são oportunidades para os peregrinos se envolverem de forma significativa com o espaço, criando significados pessoais e reconfigurando o percurso de acordo com as suas necessidades (López et al., 2019). O Caminho, portanto, não é apenas uma rota física, mas um espaço social e simbólico que é continuamente moldado pelas práticas e interações dos peregrinos. A mobilidade, entendida como o movimento dos peregrinos ao longo do caminho, torna-se um processo performativo de construção de identidades e valores. Cada peregrino, ao caminhar, participa ativamente na construção do significado do Caminho, contribuindo para a perpetuação da narrativa coletiva, mas também desafiando ou reformulando as narrativas dominantes associadas à peregrinação (Amaro et al., 2018).

Além disso, a temporalidade da peregrinação é uma dimensão que também influencia a experiência dos peregrinos. A estação do ano, a duração da jornada e os eventos específicos que ocorrem ao longo do percurso são fatores que afetam as perceções dos peregrinos, alterando a forma como experimentam o Caminho e os locais que visitam. Essa dimensão temporal adiciona uma camada extra de complexidade à peregrinação, uma vez que a experiência de cada peregrino é única, moldada por múltiplos fatores contextuais (Marto e Adrega, 2023).

Em síntese, o Caminho de Santiago é muito mais do que uma simples peregrinação religiosa. Trata-se de uma experiência multifacetada, onde as dimensões físicas, espirituais, culturais e pessoais se entrelaçam, criando um fenómeno dinâmico e em constante evolução. As motivações dos peregrinos, as práticas quotidianas, a interação com o espaço e a construção de significado são elementos que tornam o Caminho uma experiência única e profundamente transformadora. A análise do Caminho através da teoria de Certeau revela como, ao longo do percurso, se dá uma constante negociação entre as estruturas estabelecidas e as práticas individuais dos peregrinos, contribuindo para a construção de um significado que é tanto pessoal como coletivo (Amaro et al., 2018; Marto e Adrega, 2023).

3.2. Impacto social e económico no desenvolvimento local

A evolução e os impactos dos Caminhos de Santiago são um exemplo claro da transformação territorial que resulta de uma dinâmica de grande importância para várias regiões, tanto em termos económicos, sociais, demográficos como ambientais. O fenómeno dos Caminhos de Santiago tem sido, ao longo das últimas décadas, um motor de transformação, impulsionando o desenvolvimento de certas regiões e contribuindo para a criação de novas oportunidades. No entanto, este desenvolvimento não é uniforme, sendo manifestado de forma desigual entre os territórios, com algumas áreas a beneficiar substancialmente do aumento do fluxo de peregrinos, enquanto outras enfrentam desafios relacionados com a sustentabilidade e a adequação das infraestruturas.

A presença crescente de peregrinos tem efeitos tangíveis na qualidade de vida das populações locais, seja no aumento da oferta de emprego, na revitalização de zonas rurais ou na preservação de tradições culturais. Contudo, também se observam impactos que geram desigualdades territoriais, refletindo-se de forma distinta no campo demográfico, económico, social e ambiental. Neste contexto, é essencial compreender os principais efeitos dos Caminhos de Santiago e os desafios que surgem para garantir um desenvolvimento territorial equilibrado.

3.2.1. Os principais impactos

Com base em estudos realizados sobre os impactos do Caminho de Santiago, é possível identificar diversos exemplos concretos desses efeitos nas diferentes regiões de Portugal e Espanha. Os impactos do Caminho de Santiago podem ser observados através de várias lentes: demográfica, económica, social e ambiental (quadro 3).

Quadro 3 – Síntese principais impactos associados ao Caminho de Santiago.

Impacto	Frequência	Efeito no território	Efeito na qualidade de vida
Aumento do turismo em zonas rurais	Comum	Revitalização de pequenas localidades, aumento de serviços (alojamento, restauração).	Melhoria nas oportunidades de emprego e renda, rejuvenescimento populacional.
Pressão sobre a infraestrutura urbana	Comum	Desgaste das infraestruturas de caminhos e serviços públicos, congestionamento.	Deterioração da qualidade dos serviços públicos, aumento da poluição.
Gentrificação em áreas muito procuradas	Comum	Aumento do custo de vida e da habitação, substituição do comércio tradicional.	Dificuldade de acesso a habitação acessível e perda de identidade local.
Crescimento do comércio local	Comum	Expansão de negócios locais, criação de novos postos de trabalho no turismo.	Aumento da oferta de serviços, melhoria nas condições de vida.
Desgaste ambiental em áreas sensíveis	Não comum	Degradação dos ecossistemas, poluição visual e lixo deixado pelos peregrinos.	Perda de valor estético e ecológico do espaço natural, impacto no bem-estar.
Rejuvenescimento populacional em zonas rurais	Não comum	Atração de novos residentes para áreas despovoadas, impulsionamento do mercado imobiliário.	Melhoria da qualidade de vida com maior dinamismo social e económico.
Desigualdade no acesso ao turismo	Comum	Concentração de benefícios nas áreas mais próximas ao Caminho, desigualdade no desenvolvimento.	Exclusão de algumas populações de oportunidades económicas e culturais.
Fortalecimento da identidade local	Não comum	Valorização de tradições culturais locais, revitalização do património.	Aumento do orgulho local, reforço do vínculo com a comunidade e a história.
Sobrecarga de serviços públicos	Comum	Dificuldades na gestão de serviços como saúde, segurança e transporte.	Queda na qualidade dos serviços públicos, aumento de stress nas comunidades locais.
Aumento das oportunidades de emprego sazonal	Comum	Criação de emprego temporário em setores ligados ao turismo e apoio aos peregrinos.	Melhoria da renda das famílias locais, embora com dependência do turismo sazonal.

Fonte: Elaboração própria, a partir de Somoza e Lois, 2017; Fernandez et al., 2021; Moscarelli, 2021; González e Medina, 2023.

Estes impactos, analisados sob diversas perspetivas revelam tanto benefícios como desafios que os territórios enfrentam na gestão do turismo associado ao Caminho. Vários estudos têm identificado as principais transformações em cada uma dessas dimensões, com base na experiência de várias regiões que integram este itinerário.

No plano demográfico, o aumento do fluxo de peregrinos tem contribuído para um rejuvenescimento da população em áreas que, de outra forma, estariam a enfrentar o despovoamento, especialmente em zonas rurais e periféricas (Fernandez et al., 2021). A chegada de peregrinos e o aumento da oferta de serviços associada à sua presença têm atraído novos habitantes, seja na forma de empreendedores, trabalhadores sazonais ou mesmo pessoas em busca de uma vida mais tranquila e conectada à natureza. No entanto, este fenómeno não é igualmente distribuído, com algumas áreas a registarem um aumento populacional significativo, enquanto outras, que ainda não possuem infraestruturas adequadas, não conseguem capitalizar totalmente os benefícios desta atividade.

Em algumas zonas de Espanha, por exemplo, observou-se um fenómeno de renascimento demográfico, com algumas localidades a registarem um pequeno aumento no número de residentes permanentes, particularmente entre os mais jovens, motivado pelas oportunidades económicas geradas pelo turismo religioso. Este fenómeno é observado especialmente em algumas regiões da Galiza, como O Cebreiro, onde o influxo de peregrinos contribuiu para atrair novos residentes e revitalizar as localidades. Contudo, este fenómeno é cada vez menos frequente. O estudo de Hortelano Mínguez e Fernández Sangrador (2022) sobre o impacto do Caminho em Palência na Espanha revelou que, apesar dos ganhos económicos, a presença dos peregrinos não tem sido suficiente para inverter a tendência de despovoamento e o envelhecimento populacional. Este fenómeno de persistência do envelhecimento é também uma realidade nas regiões periféricas do Caminho de Santiago, conforme o estudo de Moscarelli et al. (2020), que compara o impacto do Caminho e do Canal de Castela, concluindo que o aumento do turismo não foi capaz de reverter o declínio demográfico nas áreas rurais.

O impacto económico do Caminho de Santiago é notável, especialmente nas regiões que recebem um grande número de peregrinos. O turismo associado aos Caminhos tem gerado emprego nas áreas de alojamento, restauração, comércio e serviços, criando uma fonte significativa de rendimento para as comunidades locais (López et al., 2019). O fluxo de peregrinos contribui para a revitalização de pequenas localidades, permitindo o surgimento de novos negócios e, em alguns casos, o restauro de património histórico e cultural. Contudo, existem desafios em garantir que os benefícios económicos sejam distribuídos de forma equitativa, pois as zonas mais próximas dos principais itinerários de peregrinação tendem a beneficiar mais, enquanto outras áreas menos visitadas podem não ver um impacto tão significativo (Somoza e Lois, 2017).

O impacto económico do Caminho de Santiago é particularmente visível em localidades como Valença (Portugal) e Tui (Espanha), na fronteira com a Galiza. Estes municípios têm beneficiado de uma significativa dinamização do comércio local, especialmente nos setores de alojamento, restauração e serviços ao peregrino (González e Medina, 2023). O estudo de Soares et al. (2021) sobre os impactos económicos do Caminho de Santiago na Galiza conclui que o turismo associado ao Caminho gerou fluxos económicos substanciais, com destaque para o consumo diário dos peregrinos, que se reflete no aumento da procura de serviços. No entanto, a pressão sobre os preços do imobiliário e o custo de vida nas áreas mais procuradas têm criado desigualdades sociais, com o aumento dos preços a tornar-se insustentável em algumas localidades. O estudo de Hortelano Mínguez e Fernández Sangrador (2022) também identifica uma assimetria no impacto económico, com as localidades mais preparadas para receber os peregrinos (com melhores infraestruturas de alojamento e restauração) a usufruírem de maiores benefícios.

O aumento do turismo e do contacto com as comunidades locais tem gerado um reforço das interações sociais, promovendo a troca cultural e a solidariedade entre peregrinos e residentes. No entanto, há também desafios associados à gestão do impacto social, nomeadamente no que diz respeito à pressão sobre os serviços públicos locais e à adaptação das infraestruturas (Lois González et al., 2015; Moscarelli, 2021). Em algumas regiões, a presença de peregrinos tem gerado tensões, como o aumento da pressão

sobre a saúde pública e a segurança, especialmente em períodos de pico de peregrinação. Além disso, a massificação do turismo pode ter implicações na vida quotidiana das comunidades locais, alterando o seu ritmo e modo de vida tradicional.

O Caminho de Santiago tem gerado diversas dinâmicas sociais positivas, nomeadamente em termos de interação entre os peregrinos e as populações locais. Em Barcelos, o estudo de Pereira e Silva (2020) indica que a presença dos peregrinos tem reforçado a autoestima das comunidades locais e valorizado o património cultural, além de promover oportunidades de intercâmbio cultural. Estas interações têm contribuído para o fortalecimento das relações comunitárias e o aumento do orgulho identitário. No entanto, o estudo de Fernandez et al. (2020) alerta para os desafios sociais em várias localidades da Galiza, onde a pressão dos peregrinos sobre os serviços básicos, como saúde e educação, tem gerado tensões. As comunidades locais nem sempre estão preparadas para lidar com o aumento da procura, o que pode prejudicar a qualidade dos serviços oferecidos tanto aos residentes quanto aos visitantes.

O aumento do número de peregrinos ao longo dos Caminhos de Santiago tem levado a uma intensificação da pressão ambiental em algumas zonas, especialmente nos pontos mais percorridos. A degradação do meio ambiente, como o desgaste das infraestruturas, a sobrecarga dos recursos naturais e a poluição, são algumas das consequências do crescimento descontrolado do turismo de peregrinação (Rodriguez Fernández et al., 2018). O aumento da construção de infraestruturas de apoio, como albergues, caminhos pavimentados e restaurantes, também pode comprometer a paisagem e os ecossistemas locais, caso não sejam adotadas práticas de turismo sustentável. Além disso, o impacto ambiental pode ser ainda mais acentuado em áreas que não estão preparadas para gerir o volume de visitantes.

O impacto ambiental do Caminho de Santiago tem sido uma preocupação crescente em várias regiões, com o aumento do número de peregrinos a gerar pressões sobre os recursos naturais e as infraestruturas existentes. Em Viana do Castelo e Barcelos, o estudo de Faria (2021) revela que o aumento da afluência de peregrinos tem resultado na degradação de algumas infraestruturas do Caminho, como trilhos e pontes, além da poluição por resíduos deixados pelos visitantes. Este problema é comum também em

algumas zonas de montanha da Galiza, como em O Cebreiro, conforme o estudo de López et al. (2019), que documenta os impactos ambientais negativos da crescente afluência de turistas, incluindo a degradação da paisagem e da flora local. Apesar de algumas iniciativas para mitigar esses impactos, como a implementação de zonas de descanso e a promoção de práticas de turismo sustentável, a gestão do fluxo de peregrinos continua a ser um desafio. Hortelano Mínguez e Fernández Sangrador (2022) destacam, no seu estudo sobre Palência, que a sustentabilidade ambiental e a preservação do património natural são questões que exigem uma maior atenção e planeamento, dada a pressão que o turismo exerce sobre os espaços naturais ao longo do Caminho.

3.2.2. Os desafios para a gestão territorial

A gestão territorial dos Caminhos de Santiago enfrenta desafios multifacetados. Os impactos do Caminho de Santiago variam consideravelmente conforme a região, e os efeitos sociais, económicos e ambientais refletem tanto os benefícios como os desafios da atividade turística associada. A evidência empírica de estudos realizados em Portugal e Espanha sugere que, embora o Caminho contribua de forma significativa para a revitalização económica de muitas localidades, especialmente nas zonas rurais, os benefícios são desiguais, com algumas áreas a beneficiar mais do que outras. O turismo associado ao Caminho tem impulsionado o comércio, revalorizado o património cultural e gerado novas oportunidades de emprego, mas também tem gerado pressões sociais e ambientais, particularmente nas localidades mais procuradas pelos peregrinos (Costa et al., 2025).

A implementação de políticas de gestão mais integradas e sustentáveis, que envolvam as comunidades locais e promovam um desenvolvimento equilibrado, é essencial para maximizar os benefícios do Caminho de Santiago enquanto se minimizam os seus impactos negativos. A abordagem deve ser holística, levando em consideração tanto os benefícios económicos do turismo como a necessidade de preservação do património

cultural e natural, assim como a manutenção da qualidade de vida das populações locais (Heiser, 2021; Faria et al., 2022; Silva Lopes et al., 2025).

É necessário um planeamento estratégico que permita integrar as dimensões económicas, sociais e ambientais, garantindo que os benefícios do turismo de peregrinação sejam distribuídos de forma equitativa entre as várias regiões. Entre os principais desafios, destacam-se a falta de infraestrutura adequada em algumas áreas, especialmente nas zonas mais periféricas, que limita a capacidade das comunidades locais em tirar proveito do potencial económico do turismo; a gestão dos impactos ambientais, que exige o desenvolvimento de estratégias de turismo sustentável, que contemplem a preservação dos ecossistemas locais e a mitigação da sobrecarga das infraestruturas; a promoção do equilíbrio entre desenvolvimento económico e qualidade de vida das populações locais, evitando a gentrificação e o aumento excessivo do custo de vida nas zonas mais procuradas pelos peregrinos; e a gestão da diversidade social e cultural, promovendo uma convivência harmoniosa entre peregrinos e residentes, e respeitando as identidades culturais das comunidades locais (Hall et al., 2018; Basil, 2020; Moscarelli et al., 2020, Soares et al., 2021; González e Medina, 2023; Costa et al., 2025).

3.3. A diversidade de percursos no Caminho de Santiago

Santiago de Compostela constitui o ponto de convergência de uma vasta rede de itinerários históricos e contemporâneos, que ao longo dos séculos foram traçando uma densa malha de caminhos com ampla influência territorial. Cada um destes percursos gera, ao longo da sua rota, uma área de influência específica, com dinâmicas próprias de mobilidade, apropriação simbólica e valorização patrimonial (Otero, 2009).

A diversidade de rotas é amplamente reconhecida tanto pela literatura científica como pelas fontes institucionais especializadas. Segundo Otero (2009), existem sete grandes rotas de peregrinação que atualmente confluem em Santiago de Compostela: (1) o Caminho de Ferrol e A Coruña; (2) o Caminho Costeiro, desde Irún até Oviedo e daí a Santiago; (3) o Caminho de Oviedo por Lugo; (4) o Caminho Francês; (5) o Caminho de

Sanabria e Verín; (6) o Caminho Português; e (7) o Caminho de Fisterra/Finisterra. A estas somam-se outras propostas classificatórias, como as de Torre et al. (2010) e Pardellas et al. (2011), que identificam respetivamente sete e dez percursos, conforme sistematizado por Faria (2021) (Quadro 4).

Quadro 4– Rotas dos Caminhos de Santiago na literatura.

Autores	Nome do Caminho de Santiago
Otero (2009)	Caminho de Ferrol e Coruña a Santiago de Compostela
	Caminho costeiro de Irún a Oviedo (Ovídeo) e de Oviedo a Santiago de Compostela
	Caminho de Oviedo a Santiago por Lugo
	Caminho Francês
	Caminho de Sanábria e Verín a Santiago de Compostela
	Caminho Português
	Caminho de Fisterra/Finisterra
Torre *et al.* (2010)	Caminho Francês
	Caminho do Norte
	Caminho Primitivo
	Caminho Português
	Caminho Português da Costa
	Caminho Via de la Plata
	Caminho Inglês
Pardellas *et al.* (2011) e *Site O Caminho de Santiago*	Caminho Francês
	Caminho de Fisterra-Muxía
	Caminho Via de la Plata
	Caminho Português
	Caminho Inglês
	Caminho Primitivo
	Caminho do Norte
	Rota do Mar de Arousa e do rio Ulla
	Caminho do Inverno
	Caminho Português da Costa

Fonte: Faria (2021)

O Caminho Francês destaca-se como o mais reconhecido e frequentado, sendo considerado o itinerário jacobeu por excelência, com profunda tradição histórica e forte presença simbólica na cultura europeia (Otero, 2009; Torre et al., 2010; Pardellas et al., 2011; Site O Caminho de Santiago). Com mais de 800 km de extensão, atravessa a Península Ibérica em direção oeste, desde a fronteira com França até Santiago, consolidando-se como o eixo central da rede de caminhos.

A origem dos itinerários é diversa, com pontos de partida espalhados por toda a Europa. Em território francês, por exemplo, quatro vias principais formam-se a partir das cidades de Paris, Vézelay, Le Puy e Arles, cruzando os Pirenéus em direção a Roncesvalles ou Somport (Torre et al., 2010). Este sistema é frequentemente interpretado como o esqueleto histórico da rede peregrina.

Outros caminhos apresentam características próprias e narrativas específicas. O Caminho de Fisterra e Muxía, único percurso que parte da cidade de Santiago em direção ao oceano, funciona como um epílogo simbólico da peregrinação, tendo como destino o Cabo de Finisterra e o Santuário da Virxe da Barca de Muxía, locais que na Idade Média eram considerados o fim do mundo conhecido (Site O Caminho de Santiago).

A Via da Prata, por sua vez, segue um antigo traçado romano que ligava o sul ao norte da Península Ibérica. Esta rota apresenta variações contemporâneas, como o Caminho de Sanabria e Verín, sendo possível iniciar a peregrinação em Sevilha e seguir até Astorga, para então convergir no Caminho Francês, ou optar pelo ramal oriental até Ourense e Santiago (Otero, 2009).

O Caminho Português assume particular relevância no contexto peninsular, sendo o mais meridional dos itinerários principais. Em grande parte do seu trajeto, segue paralelamente à antiga Via Marítima romana, ligando o território português a Compostela. Portugal, tal como Espanha, pode ser designado como “terra de caminhos”, dada a densidade de fluxos históricos que convergiram na direção de Santiago desde todas as regiões (Otero, 2009).

O Caminho Inglês, com início nos portos da Galiza, possui duas variantes: desde A Coruña (74,8 km) ou desde Ferrol (118,4 km), unificando-se nos últimos 40,9 km antes de Santiago. Este trajeto é especialmente simbólico pela tradição que associa a chegada do corpo do apóstolo São Tiago por via marítima ao porto de Padrón (Torre et al., 2010).

O Caminho Primitivo, considerado o mais antigo entre os itinerários conhecidos, remonta à época do rei Afonso II das Astúrias. Contudo, a centralidade do Caminho

Francês foi reforçada com a transferência da capital para Leão nos séculos XI e XII, redirecionando os principais fluxos peregrinos (Site O Caminho de Santiago).

O Caminho do Norte, que acompanha a linha da costa cantábrica, teve grande importância nos primeiros séculos da peregrinação, sendo adotado por monarcas asturianos. Esta rota apresenta desafios físicos acentuados, devido ao relevo montanhoso, às bacias hidrográficas recortadas e ao isolamento relativo das comunidades costeiras. O reconhecimento do seu valor histórico e patrimonial culminou na sua classificação como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO, em 2015 (Otero, 2009; Site O Caminho de Santiago).

Outros percursos, como a Rota Marítimo-Fluvial do Mar de Arousa e Ulla, evocam a tradição da trasladação do corpo do apóstolo, unindo trajeto náutico e caminhada até Compostela. Também o Caminho de Inverno, com cerca de 240 km, surge como alternativa sazonal ao Caminho Francês, evitando as dificuldades da travessia d'O Cebreiro nos meses frios e atravessando as quatro províncias galegas.

Por fim, o Caminho Português da Costa diferencia-se por seguir, em território português e espanhol, ao longo do litoral atlântico até Vigo, reencontrando depois o Caminho Português tradicional em Redondela.

A multiplicidade de itinerários, sub-trilhos e variantes reflete a riqueza histórica, territorial e simbólica da experiência peregrina. Apesar da possibilidade de identificar um núcleo de percursos mais consolidados, a complexidade da rede jacobeia é amplificada por trajetos secundários, ligações locais e variantes regionais, muitas das quais resultam da contínua reinvenção cultural da peregrinação. O Quadro 4 sintetiza o traçado dos dez principais caminhos com base em fontes especializadas como o Site Gronze e o Site O Caminho de Santiago, enquanto o Quadro 5 apresenta os pontos de partida, chegada e sobreposição entre os itinerários.

3.4. O caminho português de Santiago

O Caminho Português de Santiago é, hoje em dia, uma das rotas mais populares para os peregrinos que se dirigem até Santiago de Compostela, na Galiza, onde, segundo a tradição cristã, se encontram os restos mortais de São Tiago. Este caminho não é apenas uma peregrinação religiosa, mas também um importante itinerário cultural e turístico que liga várias regiões de Portugal à Espanha, atravessando diferentes paisagens, culturas e tradições ao longo do percurso.

O Caminho Português de Santiago é uma das várias rotas que fazem parte do conjunto de caminhos jacobeus, ou seja, os itinerários que conduzem os peregrinos até a catedral de Santiago de Compostela. Este caminho em particular parte de várias localidades de Portugal, atravessa o norte do país e segue até Santiago, na Galiza, onde se encontra o túmulo de São Tiago. A peregrinação a Santiago remonta à Idade Média e, embora o seu significado religioso tenha sido uma das suas principais motivações ao longo dos séculos, as razões que levam as pessoas a percorrer o Caminho de Santiago variam hoje em dia, incluindo o turismo cultural, o autoconhecimento e a busca por uma experiência espiritual (Rodriguez Fernández et al., 2018).

A história do Caminho Português remonta a séculos atrás, sendo já utilizado no século XII por diversos fiéis. Contudo, a sua popularidade e reconhecimento como rota de peregrinação de grande importância para o cristianismo mundial só se consolidaram de forma mais evidente ao longo da Idade Média. Durante este período, muitos peregrinos percorriam o caminho desde o sul de Portugal até Santiago, enquanto outros começavam a sua jornada no Porto ou em cidades mais próximas da Galiza. No entanto, a partir do século XV, com o declínio da prática das peregrinações em Portugal, o Caminho Português passou a ser pouco utilizado até à recente revitalização que começou na década de 1980, e que levou ao aumento da sua procura por peregrinos de todo o mundo (Faria, 2021).

A revitalização do Caminho Português de Santiago teve um impulso significativo nas últimas décadas, com a crescente promoção do turismo religioso e cultural, especialmente a partir dos anos 90. O aumento da mobilidade internacional e o

interesse por práticas de turismo que promovem o autoconhecimento e a introspeção contribuíram para que a rota se tornasse mais conhecida. Diversas cidades e vilas ao longo do percurso, como Coimbra, Porto, Braga, Valença, Ponte de Lima, entre outras, começaram a investir em infraestrutura para apoiar os peregrinos, como albergues, espaços de acolhimento, restaurantes e serviços de apoio (Faria, 2021; Xunta de Galizia, 2025).

Com o crescente fluxo de peregrinos, o Caminho Português tornou-se, também, um ponto de referência para os turistas que procuram uma experiência mais profunda e autêntica das culturas e tradições de Portugal e da Galiza (Somoza et al., 2022). As iniciativas de sinalização e a criação de infraestruturas de apoio à peregrinação, como albergues e centros de informação, foram fundamentais para garantir que o percurso fosse acessível e seguro para todos os que se dispõem a percorrê-lo, independentemente da sua motivação religiosa.

O Caminho Português de Santiago pode ser dividido em três variantes principais (Faria, 2021; Somoza et al., 2022; Silva Lopes et al., 2025), cada uma com características únicas que proporcionam diferentes tipos de experiência aos peregrinos e vários percursos ou trilhos secundários complementares (figura 2).

O Caminho Central é o percurso mais tradicional e popular, que começa em Lisboa, a capital de Portugal, e segue até Santiago, passando por cidades como Coimbra, Porto e Braga. Este trajeto é o mais percorrido devido à sua acessibilidade, tanto para os peregrinos portugueses como para os turistas internacionais. Além disso, o Caminho Central cruza-se com várias localidades históricas e locais de grande interesse cultural, como a cidade de Coimbra, conhecida pela sua Universidade e património medieval, ou Braga, com as suas igrejas e monumentos religiosos. O Caminho da Costa segue ao longo da costa atlântica de Portugal, começando em cidades como Porto ou Vila do Conde, e acompanhando o litoral até à Galiza. A rota é muito apreciada por aqueles que desejam uma experiência de peregrinação mais intimista com a natureza, desfrutando das paisagens marítimas e do contacto com as comunidades costeiras. A beleza das praias e das pequenas aldeias piscatórias tornam esta variante uma experiência diferente, mais relaxante e ligada à tranquilidade do ambiente natural. O Caminho do Interior segue é

ideal para os peregrinos que procuram uma experiência mais introspetiva, longe da agitação das zonas urbanas, e que desejam explorar o interior do país. Ao longo do caminho, é possível contactar com tradições mais antigas, como as festas populares e o modo de vida rural.

Figura 2 – Os Caminhos de Santiago em Portugal: rotas principais e complementares



Fonte: Somoza Medina et al., 2022

O Caminho Português de Santiago tem uma relevância crescente no contexto social, económico e cultural (Faria, 2021; Somoza et al., 2022). Em termos sociais, o percurso representa uma oportunidade de autoconhecimento e reflexão, um momento em que os peregrinos se afastam da rotina diária e se dedicam a uma jornada de descoberta pessoal. Muitos peregrinos, hoje em dia, não procuram apenas a experiência religiosa, mas também o contacto com a natureza, a convivência com outros peregrinos de várias nacionalidades e a oportunidade de vivenciar culturas locais de uma forma mais autêntica. Economicamente, o impacto do Caminho Português é considerável. O aumento do número de peregrinos trouxe consigo uma revitalização de pequenas localidades, especialmente nas regiões rurais, onde o turismo relacionado com o Caminho tem gerado novos postos de trabalho e dinamizado as economias locais. As pequenas aldeias e cidades ao longo do percurso têm beneficiado da procura por alojamento, serviços de restauração, lojas de souvenirs e outras atividades comerciais ligadas ao turismo de peregrinação (Faria, 2021). Além disso, o Caminho Português de Santiago tem uma importância cultural significativa. O percurso atravessa regiões de grande valor histórico e cultural, com muitos monumentos classificados como património mundial da humanidade pela UNESCO, como o Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa, e a Sé de Braga. As vilas e cidades por onde passa o caminho são uma verdadeira galeria a céu aberto de arte, arquitetura e tradições, o que torna a peregrinação não só uma jornada espiritual, mas também uma viagem cultural enriquecedora (Rodriguez Fernández et al., 2018). Finalmente, a importância ambiental do Caminho também tem vindo a crescer. A prática de caminhadas em contacto com a natureza está a tornar-se cada vez mais uma tendência, sendo uma forma de promover a saúde e o bem-estar. Além disso, o caminho está a ser gerido de forma cada vez mais sustentável, com a implementação de boas práticas ambientais e o incentivo à conservação das paisagens naturais.

O Caminho Português de Santiago é, sem dúvida, uma das mais importantes rotas de peregrinação da atualidade, sendo a segunda rota mais percorrida entre as dez oficiais (Xunta de Galicia, 2025). Apesar da sua longa tradição, foi com a revitalização do

Caminho de Santiago no final dos anos 1990 que esta rota se consolidou como um dos principais destinos de peregrinação, em especial Santiago de Compostela, na Galiza, Espanha. Portugal, nomeadamente a região Norte, desempenha um papel fundamental como ponto de acesso a esta cidade de grande significado religioso e cultural.

Os motivos que levam os indivíduos a empreender esta jornada variam entre a fé e a espiritualidade (Silva et al., 2023), a busca pelo autoconhecimento e equilíbrio emocional, e o bem-estar pessoal (Brumec et al., 2023; Faria et al., 2024). A diversidade de experiências oferecida pelo percurso contribui para a sua crescente popularidade, atraindo tanto peregrinos tradicionais como viajantes em busca de novas vivências.

A sua evolução, tem contribuído para a valorização do património cultural, a revitalização das regiões rurais e a promoção de um turismo responsável e sustentável. A diversidade de variantes do caminho permite que cada peregrino viva uma experiência única, com diferentes percursos e desafios, e com uma grande riqueza cultural, histórica e natural. O Caminho Português de Santiago continua a ser uma referência, não só para os que procuram uma jornada religiosa, mas também para os que procuram uma experiência de autoconhecimento e de contacto com o melhor da cultura e tradição portuguesas.

4. O impacte social e económico do Caminho de Santiago em Ponte de Lima

4.1. O Caminho e o contexto económico

4.1.1. O Caminho de Santiago em Ponte de Lima

O Caminho de Santiago possui uma presença histórica e cultural profundamente enraizada em Ponte de Lima, sendo este município atravessado por dois itinerários: o Caminho Português Central e o Caminho de Torres. O primeiro, também conhecido como Caminho Central, é o mais percorrido em Portugal e o segundo mais frequentado na Europa, com cerca de 50 mil peregrinos a atravessar anualmente o concelho (Rádio Renascença, 2022). Este trajeto entra no município pela freguesia de Poiares, passando por Vitorino dos Piães, Facha, Seara e Correlhã, antes de alcançar a vila de Ponte de Lima. Após a travessia da emblemática ponte medieval, o percurso prossegue por Arcozelo, Calheiros, Cepões e Labruja, culminando na desafiante subida da Serra da Labruja, marcada pela Cruz dos Franceses (figura 3). O Caminho de Torres, que liga Salamanca a Santiago de Compostela, vindo de Braga, entronca com o Caminho Central Português antes de Ponte de Lima.

A relevância histórica do Caminho em Ponte de Lima é evidenciada pela presença de cinco igrejas paroquiais dedicadas a São Tiago, o maior número entre os concelhos do Alto Minho. Além disso, a vila acolhe o Albergue de Peregrinos, inaugurado em 2009, que se tornou um ponto de referência para os caminhantes. O percurso urbano conserva elementos medievais significativos, como a Rua Direita, a antiga Rua das Estalagens e a Ponte Romana e Medieval, que testemunham séculos de passagem e acolhimento de peregrinos.

Nos últimos anos, o município tem intensificado os esforços de valorização do Caminho. Destacam-se investimentos superiores a 800 mil euros, cofinanciados pelo programa Norte2020, destinados à requalificação de infraestruturas associadas ao percurso, como a Capela de Santiago na Correlhã, a Capela-Abrigo do Anjo da Guarda e o Museu dos Terceiros . Adicionalmente, iniciativas comunitárias, como o projeto “Caminho de

Santiago Florido" na freguesia da Correlhã, visam embelezar e promover a sustentabilidade ecológica do trajeto, reforçando o envolvimento da população local na valorização deste património (Blogue do Minho, 2022; Diário Luso-Galaico, 2025).

Figura 3 – O Caminho Central Português em Ponte de Lima



Fonte: Elaboração própria, com base em dados fornecidos pelo Município de Ponte de Lima

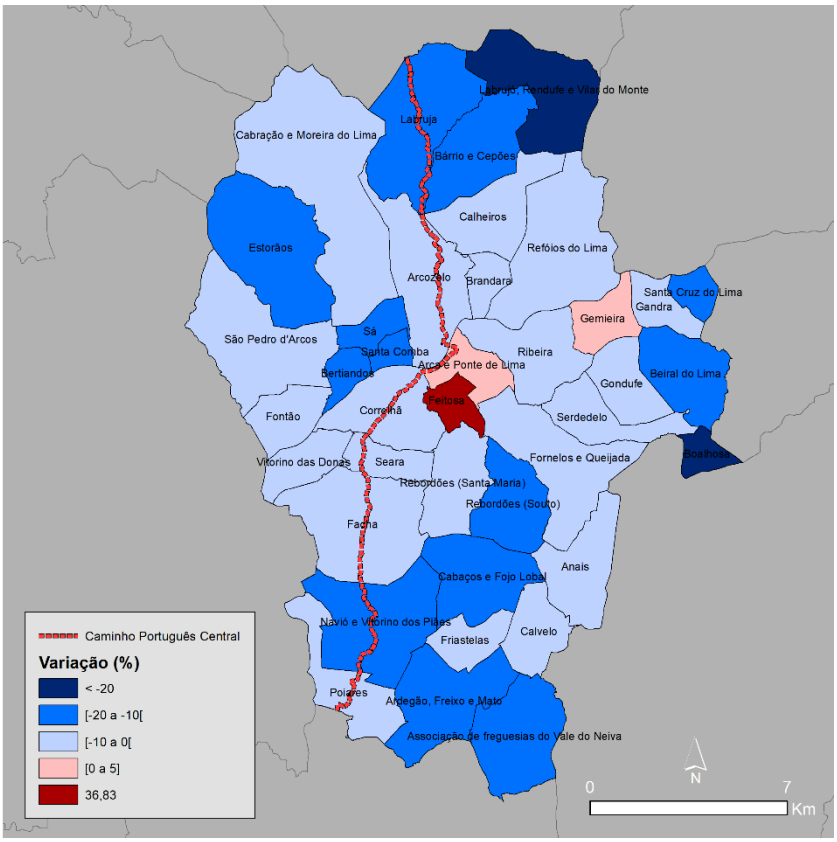
A integração de Ponte de Lima nas rotas jacobeias, aliada ao seu compromisso com a preservação e promoção do Caminho de Santiago, posiciona o município como um exemplo paradigmático de como o turismo religioso pode ser harmoniosamente articulado com a valorização do património cultural, o desenvolvimento económico local e a participação ativa da comunidade.

Sendo simples de observar a importância que o Caminho tem tido na economia e na sociedade de Ponte de Lima, não é fácil de avaliar os seus efeitos nas dinâmicas demográficas e socio-económicas da vila e do concelho.

4.1.2. Atividade económica e dinâmicas recentes

A análise das dinâmicas demográficas do concelho de Ponte de Lima entre 2011 e 2021 (figura 4) evidencia um cenário marcado por tendências de decréscimo populacional generalizado, refletindo fenómenos estruturais de envelhecimento, baixa natalidade e migração para centros urbanos maiores que a sede do concelho, ou para o estrangeiro. No conjunto, a população residente diminuiu 5,37% ao longo da década. Esta retração foi particularmente acentuada em várias freguesias rurais e de montanha, como Boalhosa (−28,22%), Labrujó, Rendufe e Vilar do Monte (−24,46%) e a associação de freguesias do Vale do Neiva (−16%). Outras freguesias com perdas expressivas incluem Santa Cruz do Lima (−16,46%), Bertiandos (−13,04%) e Cabaços e Fojo Lobal (−13,99%) (INE, 2025).

Figura 4 – Variação da população residente por freguesia, no município de Ponte de Lima, entre 2011 e 2021 (%)



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do INE (2025)

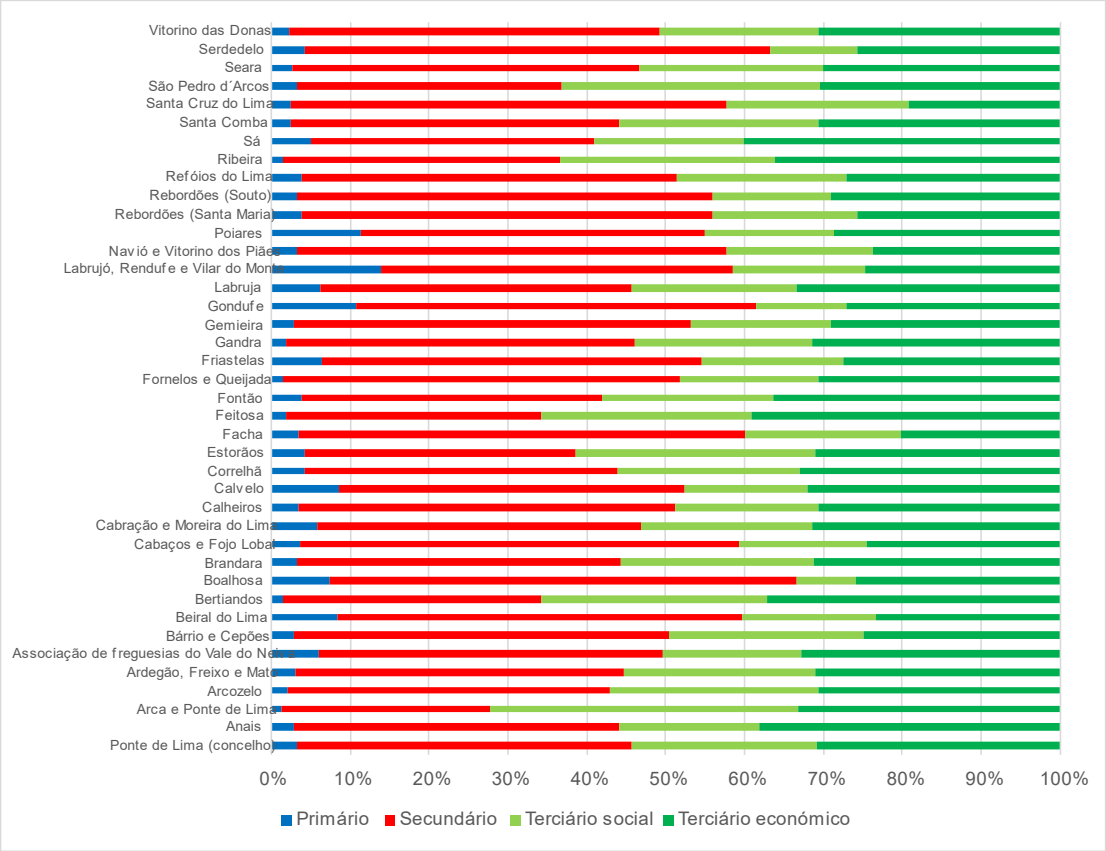
Em contraste, verificam-se algumas exceções notáveis que evidenciam uma dinâmica de crescimento ou relativa estabilidade. A freguesia da Feitosa destaca-se claramente, com um aumento populacional de 36,83%, possivelmente associado à sua proximidade ao centro urbano da vila de Ponte de Lima e à expansão urbana recente. Também a união de freguesias de Arca e Ponte de Lima registou um crescimento de 4,5%, enquanto Gemieira, onde se localiza um importante núcleo empresarial, apresentou uma variação ligeiramente positiva (0,67%). Estes casos refletem a concentração de população em áreas com melhor acessibilidade, serviços e oportunidades, em contraste com a regressão nas áreas rurais (INE, 2025). No seu conjunto, os dados sugerem uma crescente polarização, com tendências de urbanização concentrada e despovoamento periférico, que colocam desafios significativos à coesão e sustentabilidade.

Apesar da evolução globalmente regressiva, o município de Ponte de Lima apresenta uma importante dinâmica económica, associada à multiplicação e diversificação dos públicos que visitam o município, sejam eles visitantes, turistas ou peregrinos. Este dinamismo económico é evidente em vários indicadores, com destaque para o crescimento de 53,8% do número de empresas entre 2011 e 2023 (passando a totalizar 5559 unidades), no aumento de 39,1% do ganho médio mensal entre 2013 e 2022 (em que se cifrou em 1074,83€), ou no aumento do poder de compra per capita, com um crescimento de 64,97 em 2011 para 76,66 em 2021 (INE, 2025).

Este dinamismo económico está, em parte, associado a um processo de terciarização da atividade económica, com reforço e diversificação das unidades de comércio e de prestação de serviços, que contudo não conheceu um crescimento muito significativo no último período intercensitário, se avaliado em percentagem de emprego. De facto, quando analisamos a distribuição da população empregada por setor de atividade, verificamos que o setor terciário já representava 52,4% do volume global de emprego em 2011, subindo apenas para 53,8% em 2021 (INE, 2025). Na maioria das freguesias – todas em regressão demográfica – o setor secundário é dominante em matéria de emprego (gráfico 1), designadamente Beiral do Lima, Bertiandos, Boalhosa, Brandara, Cabaços e Fojo Lobal, Cabração e Moreira do Lima, Calheiros, Calvelo, Correlhã, Estorãos, Facha, Feitosa, Fontão, Fornelos e Queijada, Friastelas, Gandra, Gemieira,

Gondufe, Labruja, Labrujó, Rendufe e Vilar do Monte, Navió e Vitorino dos Piães, Poiares, Rebordões (Santa Maria), Rebordões (Souto), Refóios do Lima, Ribeira, Sá, Santa Comba, Santa Cruz do Lima, São Pedro d´Arcos, Seara e Serdedelo (INE, 2025).

Gráfico 1 – População empregada por conta de outrem, por setor de atividade, no município de Ponte de Lima em 2021



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do INE (2025)

No setor terciário, com realce no alojamento e restauração, importa sublinhar o crescimento do turismo em Ponte de Lima ao longo da última década, que tem sido particularmente expressivo, revelando uma clara consolidação do município como destino de referência no Noroeste português (tabela 1). Entre 2011 e 2024, o número de hóspedes aumentou 495%, passando de 11.149 para 66.391, enquanto o número de dormidas registou uma subida ainda mais acentuada, de 608%, passando de 17.315 para 122.631. Este aumento da procura foi acompanhado por uma forte expansão da oferta, nomeadamente em relação aos estabelecimentos hoteleiros, que passaram de apenas

4 unidades em 2011 para 81 em 2023. Também a capacidade de alojamento registou um incremento expressivo (de cerca de 417%), refletindo o alargamento da infraestrutura turística e a diversificação de tipologias de alojamento (INE, 2025).

Tabela 1 – Indicadores turísticos no município de Ponte de Lima (2011-2024)

Indicador	2011	2023	2024	Variação (%)
Hóspedes (n.º)	11149	-	66391	495,49
Dormidas (n.º)	17315	-	122631	608,24
Estabelecimentos hoteleiros (n.º)	4	81	-	1925,00
Capacidade de alojamento (n.º)	271	1401	-	416,97
Taxa líquida de ocupação-cama (%)	18,2	30,5	-	67,58
Proveitos de aposento (€)	646000	5579000	-	763,62
Proveitos totais (€)	1135000	6113000	-	438,59

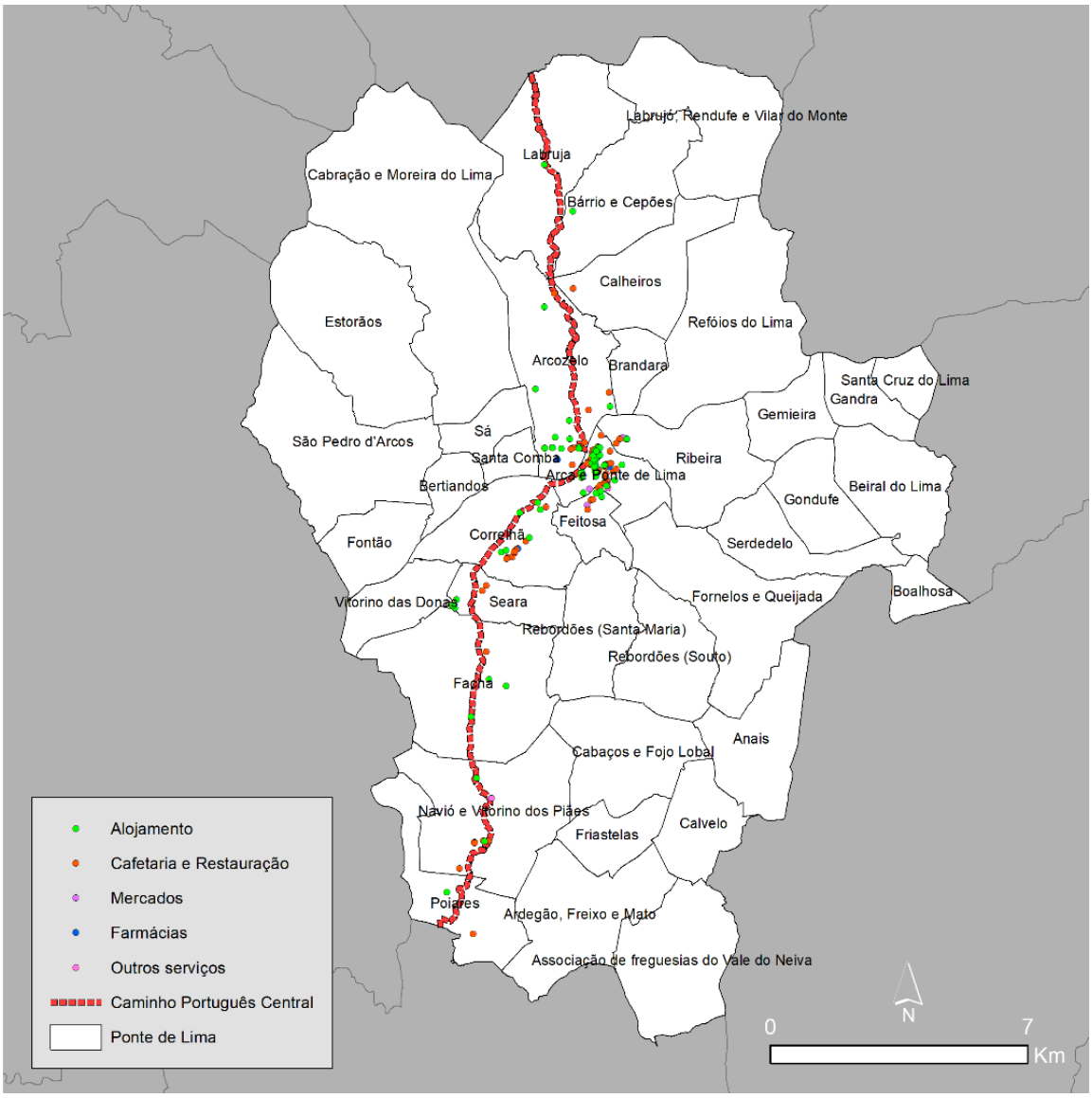
Fonte: Elaboração própria, com base em dados do INE (2025)

Este dinamismo traduziu-se igualmente em ganhos económicos substanciais. Os proveitos de aposento registaram um aumento de 763,6%, passando de 646 mil euros em 2011 para cerca de 5,6 milhões de euros em 2023, enquanto os proveitos totais do setor subiram 438,6%, alcançando os 6,1 milhões de euros. A taxa líquida de ocupação-cama passou de 18,2% para 30,5%. Estes indicadores demonstram não apenas a expansão quantitativa do alojamento e dormidas em Ponte de Lima, mas também a crescente importância da visitação como motor económico local, num contexto em que o turismo cultural, patrimonial e de natureza — associado, entre outros fatores, ao Caminho de Santiago — desempenha um papel central na reconfiguração da economia (INE, 2025).

Territorialmente, é de notar que, na proximidade do Caminho Central, encontramos vários estabelecimentos de comércio e serviços (figura 5), onde é possível observar uma forte relação com os peregrinos (e com turistas em geral), a par de uma especial concentração na sede do município. O levantamento funcional permitiu identificar 105 unidades de cafetaria e restauração (sendo que em várias se observa também a possibilidade de aquisição de produtos de artesanato ou lembranças) 60 estabelecimentos de alojamento (dos mais tradicionais ao alojamento local) e ainda 6

supermercados/hipermercados, 8 farmácias e 5 serviços de apoio como postos de correios ou postos de apoio.

Figura 5 – Estabelecimentos de comércio e serviços no Concelho de Ponte de Lima, situados a menos de 1kmdo Caminho Central Português



Fonte: Elaboração própria, com base no levantamento funcional

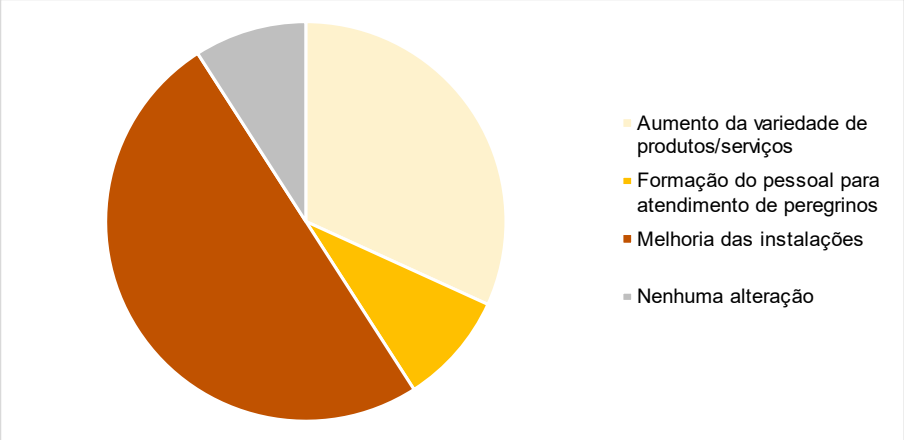
4.2. Perceção e avaliação

4.2.1. A opinião dos comerciantes

Além da apreciação dos dados estatísticos do alojamento e restauração, auscultou-se os(as) comerciantes do Município de Ponte de Lima relativamente à importância atribuída ao Caminho de Santiago para a sustentabilidade e dinamização das suas empresas. Através de um conjunto de questões fechadas e de escolha múltipla, procurou-se compreender os investimentos realizados, os impactos no volume de negócios e emprego, os principais benefícios e desafios associados ao seu estabelecimento, bem como as perceções sobre o contributo do Caminho para o desenvolvimento local.

Os resultados demonstram uma clara predisposição por parte dos(as) comerciantes para adaptar os seus estabelecimentos às necessidades dos peregrinos (gráfico 2). A melhoria das instalações foi a medida mais referida (11 respostas), seguida do aumento da variedade de produtos e serviços (7 respostas). A formação específica do pessoal para o atendimento a peregrinos foi mencionada apenas por dois inquiridos e outros dois afirmaram não ter realizado qualquer alteração. Estes dados revelam um esforço adaptativo considerável, ainda que assimétrico, sendo de notar que a vertente formativa continua subvalorizada face às dimensões mais tangíveis da adaptação.

Gráfico 2 – Investimentos realizados para atrair peregrinos

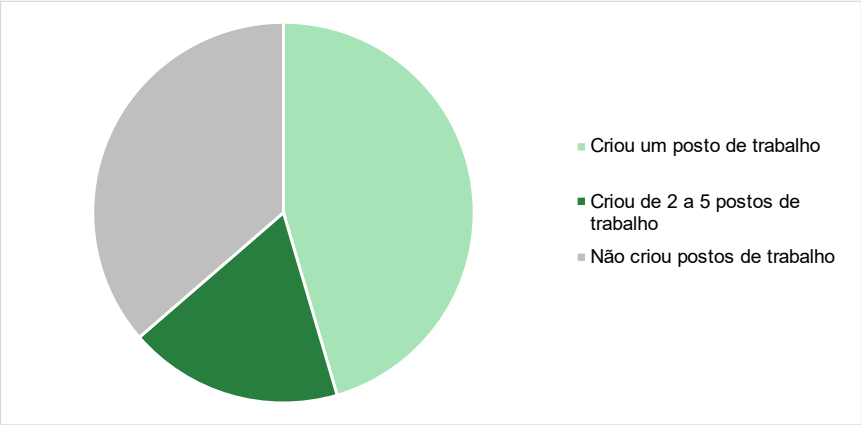


Fonte: elaboração própria, a partir das respostas ao questionário

No que respeita ao impacto do Caminho de Santiago na criação de emprego, os resultados apresentam-se divididos (gráfico 3). Enquanto oito inquiridos indicam que

não foram criados postos de trabalho adicionais, dez estabelecimentos referem ter criado um posto de trabalho e quatro afirmam ter criado entre dois a cinco. Este padrão evidencia que o contributo do Caminho para o emprego local é relevante, tendo em conta a estrutura de microempresas dominante.

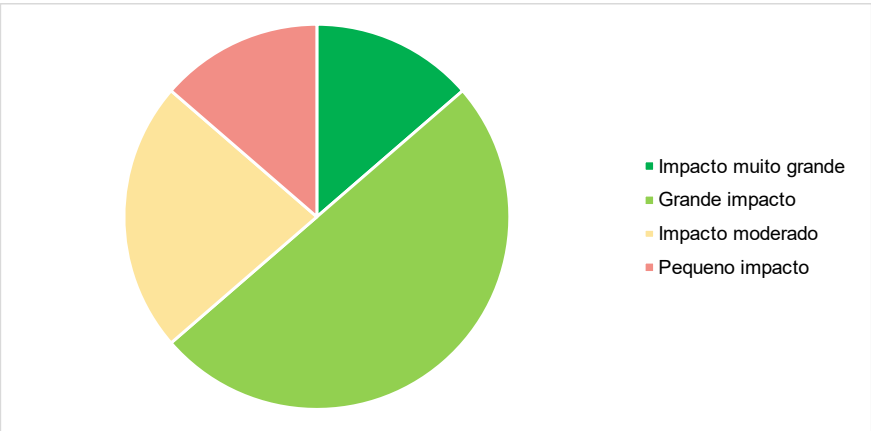
Gráfico 3 – Criação de postos de trabalho associados ao Caminho



Fonte: elaboração própria, a partir das respostas ao questionário

Quanto ao impacto no volume de negócios, a maioria dos respondentes considera que o Caminho de Santiago tem um impacto positivo: 3 classificam-no como "muito grande", 11 como "grande" e 5 como "moderado" (gráfico 4). Apenas três comerciantes referem um impacto "pequeno".

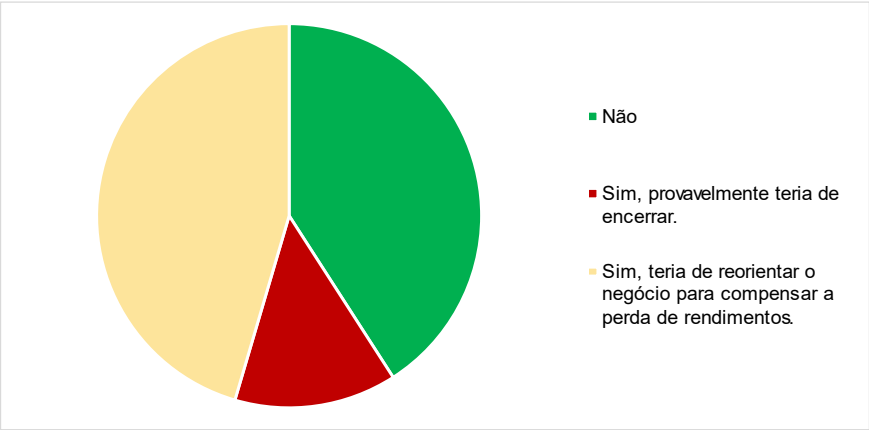
Gráfico 4 – Efeitos no volume de negócios



Fonte: elaboração própria, a partir das respostas ao questionário

Uma questão crítica prende-se com a sustentabilidade dos estabelecimentos perante uma eventual quebra ou ausência de peregrinos (gráfico 5). Nove comerciantes consideram que a sustentabilidade dos seus negócios não estaria em risco, mas dez admitem que teriam de reorientar o modelo de negócio e três reconhecem que, muito provavelmente, teriam de encerrar. Estes dados sugerem uma dependência significativa, ainda que não uniforme, da presença dos peregrinos na atividade comercial.

Gráfico 5 – Dependência da presença de peregrinos



Fonte: elaboração própria, a partir das respostas ao questionário

Ao serem convidados a identificar os três principais benefícios do Caminho para os seus estabelecimentos, os(as) inquiridos destacaram, de forma clara, o "aumento do volume de negócios" (16 respostas) e o "incremento das receitas" (13) (gráfico 6). Também se evidenciam aspetos de marketing e visibilidade, como a "promoção do estabelecimento entre os peregrinos" (11) e o "aumento da visibilidade internacional" (4). Benefícios culturais e territoriais, como a promoção do património local ou o intercâmbio cultural, registaram menor expressão, revelando uma valorização mais imediata e pragmática dos impactos.

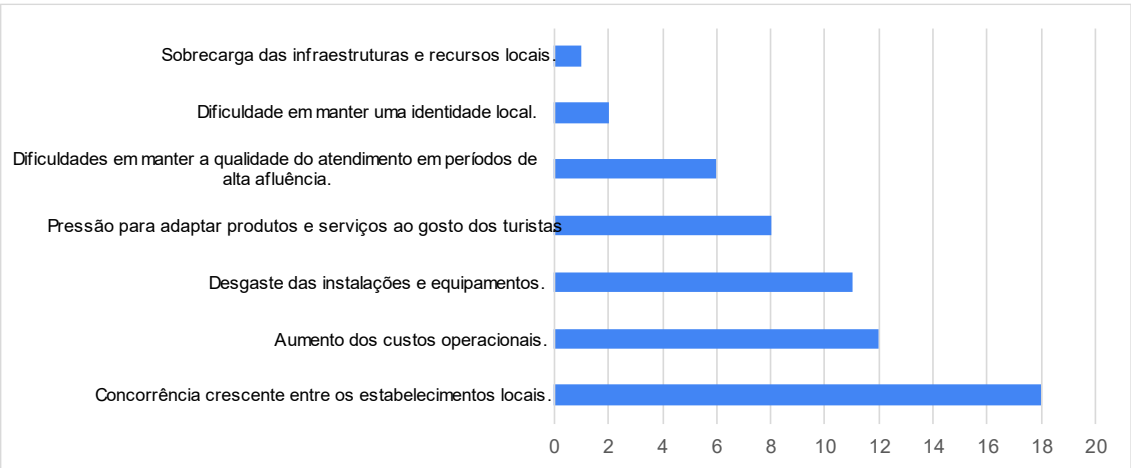
Gráfico 6 – Principais benefícios do Caminho de Santiago



Fonte: elaboração própria, a partir das respostas ao questionário

No domínio dos desafios, a "concorrência crescente entre os estabelecimentos locais" foi o mais citado (18 respostas), seguido do "aumento dos custos operacionais" (12) e do "desgaste das instalações e equipamentos" (11) (gráfico 7). Questões mais estruturais ou identitárias, como a "pressão para adaptar produtos aos gostos dos turistas" (8) ou a "dificuldade em manter uma identidade local" (2), foram referidas também, mas com menor frequência, embora não se possam considerar irrelevantes.

Gráfico 7 – Principais desafios identificados

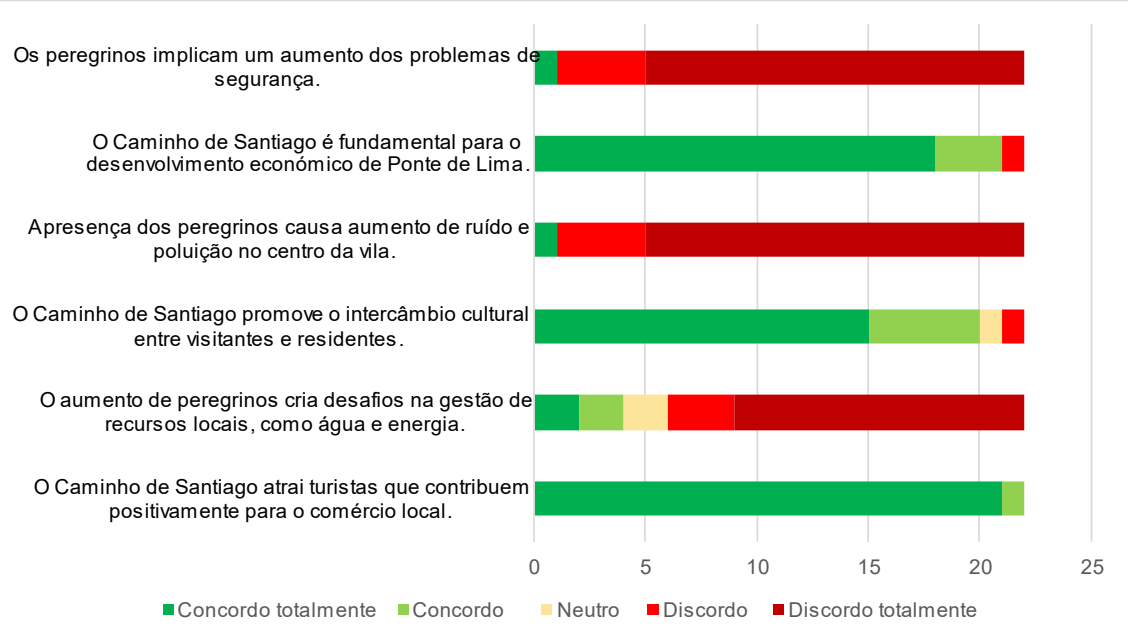


Fonte: elaboração própria, a partir das respostas ao questionário

De forma unânime, os 22 participantes classificaram o Caminho de Santiago como "muito importante" para Ponte de Lima, revelando uma perceção altamente positiva. Este reconhecimento reforça a sua centralidade simbólica e económica na vida local.

Foi solicitado aos inquiridos que expressassem o seu grau de concordância face a um conjunto de afirmações relativas aos impactes sociais, económicos, culturais e ambientais do Caminho de Santiago no contexto de Ponte de Lima (gráfico 8). Os resultados demonstram um posicionamento amplamente positivo, revelando a valorização do Caminhi pelos(as) comerciantes locais. A análise desagregada de cada uma das afirmações permite uma leitura mais fina das perceções dominantes.

Gráfico 8 – Avaliação de afirmações específicas sobre os impactos do Caminho



Fonte: elaboração própria, a partir das respostas ao questionário

Em síntese, os resultados revelam um conjunto de perceções fortemente favoráveis ao Caminho de Santiago. Os comerciantes valorizam sobretudo o impacto económico e o potencial de promoção territorial e intercultural, enquanto os impactos negativos são amplamente desvalorizados, sobretudo nos domínios ambiental e da segurança.

4.2.2. A opinião dos autarcas

As entrevistas conduzidas junto de representantes institucionais (Presidentes de Junta de diferentes freguesias do concelho de Ponte de Lima e Vice-Presidente da Câmara Municipal) permitem identificar perceções sobre o impacto dos Caminhos de Santiago no território. As respostas, embora heterogéneas em detalhe, convergem quanto à valorização geral do Caminho, evidenciando diferentes ritmos e intensidades de apropriação local. No geral, as entrevistas revelam a sua valorização significativa e crescente, como instrumento de desenvolvimento local no concelho. A diversidade das respostas permite mapear diferentes estágios de apropriação territorial, desde freguesias com forte dinamismo até outras onde o impacto permanece ainda marginal. A chave parece residir numa abordagem colaborativa, que integre agentes locais, promova o enraizamento comunitário e salvaguarde a autenticidade do Caminho enquanto património cultural vivo. O desafio será, assim, gerir o crescimento e garantir que o Caminho continue a ser, não apenas uma rota de peregrinação, mas também uma alavanca para o desenvolvimento equilibrado e coeso do território.

A análise que se segue é estruturada pelas cinco questões orientadoras das entrevistas.

Começando pela influência do Caminho de Santiago no desenvolvimento local, a maioria dos entrevistados reconhece-o como um catalisador, com destaque para os domínios económico, turístico e cultural. O Presidente da Junta de Arca e Ponte de Lima refere uma "mais-valia significativa para o desenvolvimento local, tanto a nível económico como cultural", evidenciando o reforço da identidade e do sentimento de pertença. Já na Facha, sublinha-se a "dinamização do pequeno comércio" e a reabilitação de habitações degradadas convertidas em alojamento para peregrinos.

Na freguesia de Labruja, o impacto é descrito como "enorme" e diretamente ligado à promoção turística e à recuperação da população residente, enquanto em Poiares, o Vice-Presidente reconhece que o impacto ainda é "discreto", mas crescente. Em Arcozelo, destaca-se o movimento quotidiano de peregrinos como fator gerador de "vivências e experiências partilhadas", que revitalizam a restauração e hotelaria. O Vice-Presidente Municipal sublinha o papel dos dois caminhos (Central e de Torres) como

vetor de afirmação das freguesias rurais, reforçando a ideia de um desenvolvimento policêntrico, com efeitos de capilaridade.

Relativamente ao impacte do Caminho no tecido económico e comercial das freguesias, considera-se que este tem induzido transformações relevantes, embora de forma desigual. Em freguesias como Arca e Ponte de Lima ou Arcozelo: "o Caminho de Santiago tem incentivado a adaptação e reinvenção dos negócios existentes", destacando-se também a fixação de população jovem empreendedora. Na Facha, apesar do traçado se situar em área agrícola, surgiram "duas unidades de alojamento e uma unidade onde são servidas refeições", indiciando uma valorização gradual. Em Labruja, o Caminho dinamizou o setor do alojamento e impulsionou o comércio local, sendo perspetivado um aumento de oferta. Já em Poiares, o impacto económico é ainda incipiente, sem alteração significativa na estrutura comercial.

De forma complementar, a visão do município realça a emergência de serviços complementares como "guias e apoio logístico", demonstrando uma diversificação das atividades económicas relacionadas com o Caminho e a consolidação de um pequeno cluster turístico.

As vantagens mais recorrentes referidas são a dinamização económica, o aumento da visibilidade territorial, a valorização do património e a coesão territorial. Destaca-se ainda a capacidade de atrair novos residentes, inclusive estrangeiros, o que, como refere o autarca de Labruja, contribui para a "mensagem muito positiva à população mais jovem".

Entre os problemas identificados, sobressai a fragilidade das infraestruturas de apoio (zonas de descanso, sinalização, policiamento) e os desafios de manutenção, sobretudo em áreas florestais como Labruja, onde os incêndios impõem uma vigilância constante. O Vice-Presidente alerta também para riscos de "desvirtuamento" do Caminho, nomeadamente pelo "excesso de construção" ou alterações nos traçados originais. Há ainda preocupações com segurança, particularmente em áreas despovoadas, onde se reportam episódios de assédio e assalto.

Quando questionados sobre as estratégias para promover a valorização económica e social do Caminho, existe um consenso alargado sobre a necessidade de uma abordagem integrada e multiescalar. A promoção do Caminho deve incluir o reforço das infraestruturas, a valorização dos produtos locais e a dinamização cultural. Como refere um dos entrevistados, é essencial "garantir apoio aos pequenos empreendedores e valorizar o envolvimento da comunidade". Outros sugerem "ações de sensibilização" para evitar o desvirtuamento e "parcerias entre Município, Juntas de Freguesia e comércio local". A segurança também é mencionada, sendo proposta a articulação com forças de segurança locais e galegas. O município propõe uma estratégia baseada na promoção da autenticidade do Caminho e do "património riquíssimo" do concelho, com enfoque na cooperação interterritorial e na ligação com operadores turísticos.

Por fim, a propósito das perspetivas futuras sobre os Caminhos no concelho de Ponte de Lima, todos os entrevistados antecipam uma tendência de crescimento sustentado, motivada pelo interesse crescente no turismo de natureza, espiritual e experiencial. O Vice-Presidente municipal adverte, contudo, para a necessidade de manter a autenticidade, sob pena de saturação ou perda de atratividade. A comparação com outros percursos é encarada com serenidade, sendo consensual que o Caminho Português Central possui atributos distintivos como a "superior beleza, atratividade e proximidade de contacto com as gentes".

Na prática, é reconhecido que o aumento da procura exige planeamento e maior capacidade de gestão. A longo prazo, a manutenção da relevância do Caminho dependerá da sua capacidade de adaptação, inovação e sustentabilidade, sem comprometer os seus valores patrimoniais e simbólicos.

5. O Caminho de Santiago e a dinamização económica de Ponte de Lima: principais ideias

Com base na análise dos dados obtidos por via de inquéritos, entrevistas e indicadores estatísticos sobre o turismo, a demografia e a atividade económica local, é possível identificar um conjunto de ideias-chave que ajudam a compreender o papel do Caminho de Santiago em Ponte de Lima. Este percurso e o seu usufruto, que tem natureza religiosa, cultural e turística, tem vindo a ganhar relevância enquanto motor de desenvolvimento local, numa região marcada por contrastes territoriais. Destacam-se como principais ideias:

- O Caminho de Santiago constitui um eixo estruturante do desenvolvimento local. A unanimidade dos comerciantes ao classificarem o Caminho como "muito importante" para o concelho, bem como os testemunhos recolhidos nas entrevistas, revelam que ele é amplamente reconhecido como um dos principais fatores de dinamização económica, social e simbólica do território que atravessa. A sua presença tem vindo a gerar novas oportunidades de negócio, a estimular o turismo de proximidade e a promover uma maior valorização do território, sendo percecionado como um recurso estratégico.
- O crescimento do turismo em Ponte de Lima tem sido notável na última década. Entre 2011 e 2024, registou-se um aumento de cerca de 500% no número de hóspedes e de mais de 600% nas dormidas, acompanhado por um crescimento substancial dos proveitos turísticos e da capacidade de alojamento. Este dinamismo traduz-se não apenas num maior volume de visitantes, mas também na consolidação de uma oferta mais diversificada e qualificada, com impactos significativos no tecido empresarial, no rendimento médio local e na atratividade do concelho como destino.
- Os comerciantes demonstram elevada capacidade de adaptação à procura associada ao Caminho. A maioria dos estabelecimentos realizou investimentos nas instalações e na diversificação dos serviços, com o objetivo de acolher melhor os peregrinos e responder às suas necessidades específicas. Esta

predisposição para inovar e adaptar a oferta denota uma apropriação ativa das dinâmicas do Caminho por parte do setor privado, revelando sensibilidade às transformações no perfil da procura.

- A presença dos peregrinos representa uma fonte relevante de rendimento para muitos negócios. Vários comerciantes referem que o fluxo de peregrinos tem um impacto direto no volume de negócios, com reflexo no aumento das receitas e na estabilidade económica dos estabelecimentos. Além disso, as respostas ao inquérito indicam que, em vários casos, a viabilidade do negócio está fortemente associada à continuidade deste fluxo, pelo que uma eventual quebra poderia implicar reorientação ou até encerramento da atividade.
- Os impactos positivos não se limitam à economia, mas estendem-se à valorização simbólica e cultural do território. Os inquiridos e entrevistados reconhecem o papel do Caminho na promoção do património, na revitalização de tradições locais e na projeção internacional de Ponte de Lima. A visibilidade acrescida do concelho e a associação a valores de espiritualidade, hospitalidade e autenticidade reforçam a imagem do território como espaço de acolhimento e convivência intercultural.
- As perceções sobre os impactos negativos do turismo são residuais ou inexistentes. A grande maioria dos comerciantes rejeita a ideia de que o aumento de peregrinos implique problemas de ruído, poluição ou insegurança. Pelo contrário, há um entendimento generalizado de que os peregrinos são respeitadores, bem integrados e contribuem para a vida social local. Esta avaliação positiva contribui para um ambiente favorável à convivência entre residentes e visitantes, o que constitui um fator distintivo de qualidade na experiência turística oferecida.
- Persistem desafios estruturais que exigem planeamento estratégico e cooperação institucional. As entrevistas revelaram preocupações quanto à escassez de infraestruturas de apoio, à ausência de sinalização em determinados troços e à vulnerabilidade do traçado em áreas de risco ou em transformação.

Estes aspetos evidenciam a necessidade de políticas públicas integradas, que articulem o município, as freguesias e as entidades de turismo, no sentido de garantir uma gestão sustentável e qualificada do Caminho.

- A intensidade dos impactos do Caminho varia significativamente entre freguesias. Além da proximidade e acessibilidade, o dinamismo associativo e a proatividade influencia também a capacidade de captação de benefícios do Caminho. Algumas freguesias apresentam sinais de revitalização económica e até de recuperação demográfica, enquanto outras continuam a evidenciar sinais de estagnação.
- O Caminho potencia a reabilitação do património e a afirmação da identidade local. A presença regular de peregrinos tem incentivado a requalificação de edifícios históricos, capelas e espaços públicos, bem como a valorização de saberes, produtos e práticas culturais. Em algumas freguesias, esta dinâmica tem contribuído para o reforço do sentimento de pertença e para a mobilização das comunidades em torno da valorização do território.
- O aumento da concorrência e dos custos operacionais é um desafio transversal. Apesar da perceção positiva dos impactos, vários inquiridos alertam para a crescente pressão sobre os pequenos negócios, nomeadamente face à entrada de novas unidades de alojamento e restauração e ao aumento dos custos associados à manutenção da qualidade do serviço. A diferenciação pela autenticidade, pelo atendimento personalizado e pela valorização local surge como uma estratégia de resposta a esta competitividade acrescida.
- A evolução demográfica revela tendências contrastantes no território. Entre 2011 e 2021, o concelho registou uma perda populacional global de 5,37%, com decréscimos muito acentuados em várias freguesias rurais. No entanto, algumas freguesias atravessadas pelo Caminho, como Arca e Ponte de Lima e a Feitosa, registaram crescimentos populacionais, sugerindo uma possível relação entre a vitalidade económica associada ao turismo e a capacidade de atração e fixação de população residente.

- Existe um consenso sobre a necessidade de preservar a autenticidade e sustentabilidade do Caminho. A maioria dos participantes reconhece que o crescimento do fluxo de peregrinos deve ser acompanhado de uma gestão atenta, que evite a massificação e mantenha o equilíbrio entre a valorização económica e o respeito pelos valores culturais e ambientais do percurso. A autenticidade do Caminho é, simultaneamente, um fator de atratividade e um património a proteger.

6. Conclusão

A presente investigação procurou analisar de forma crítica e territorializada os efeitos sociais e económicos recentes do Caminho de Santiago no concelho de Ponte de Lima, articulando a dimensão empírica com os quadros teóricos da geografia do turismo, do desenvolvimento local e da mobilidade contemporânea. Os resultados evidenciam a emergência do Caminho como recurso estruturante para o território, capaz de promover a revalorização de espaços rurais, dinamizar atividades económicas e reforçar os sentidos de identidade e pertença dos residentes. A articulação entre os dados quantitativos e qualitativos recolhidos revelou não apenas o consenso entre comerciantes e decisores sobre a importância do Caminho, mas também a existência de assimetrias territoriais na apropriação e valorização do Caminho.

Do ponto de vista económico, o estudo mostrou um crescimento notável do turismo em Ponte de Lima, com um aumento expressivo no número de hóspedes, dormidas e receitas entre 2011 e 2024. Paralelamente, verificou-se uma adaptação ativa dos estabelecimentos comerciais ao perfil da procura dos peregrinos, com investimentos em infraestruturas e diversificação da oferta. Ainda que o impacto na criação de emprego se revele moderado, a dependência económica da presença dos caminhantes é evidente em várias freguesias, especialmente nas que são diretamente atravessadas pelo traçado do Caminho Central Português.

A análise permitiu também aferir que o Caminho de Santiago é percecionado como catalisador de intercâmbio cultural e valorização patrimonial, com impactos positivos amplamente reconhecidos e poucos efeitos negativos. Este aspeto reforça a leitura do Caminho como elemento integrado nas dinâmicas de turismo sustentável e de baixo impacto, em contraste com formas mais intensivas e predatórias de apropriação turística do território. A relação entre espiritualidade, autenticidade e proximidade comunitária emerge como uma vantagem competitiva e um potencial diferenciador para o futuro.

Neste sentido, os objetivos propostos foram plenamente atingidos. O primeiro — discutir o papel do turismo no desenvolvimento local — foi cumprido através da análise

crítica da literatura e da sua articulação com o caso de estudo. O segundo — identificar padrões espaciais de desenvolvimento associados ao Caminho — foi operacionalizado com recurso a cartografia temática, análise estatística e observação direta, revelando uma concentração de estabelecimentos de várias atividades económicas ao longo do traçado. Por fim, o terceiro objetivo — avaliar o impacto social e económico — foi sustentado nos resultados dos inquéritos e entrevistas, permitindo compreender os benefícios, limitações e desafios sentidos pelos agentes locais.

Relativamente às questões de investigação, a análise demonstra que o Caminho de Santiago tem tido um papel significativo na promoção do desenvolvimento local em Ponte de Lima. Esta rota de peregrinação, profundamente enraizada na tradição cristã europeia e revitalizada nas últimas décadas, tornou-se não apenas um elemento espiritual e cultural, mas também económico, de grande importância para os territórios que atravessa. No caso específico de Ponte de Lima, o Caminho Central Português assume particular relevância, evidenciando-se como um recurso estratégico de dinamização do território.

Relativamente à primeira questão de investigação — se o Caminho tem sido um fator relevante na promoção do desenvolvimento local — os dados recolhidos sugerem inequivocamente que sim. A presença crescente e regular de peregrinos e turistas tem fomentado o surgimento de novas unidades, sobretudo no setor terciário, como do alojamento local, da restauração e do comércio de bens e serviços direcionados aos caminhantes. Paralelamente, registou-se um fortalecimento do tecido comercial já existente, com estabelecimentos a adaptarem as suas ofertas às novas exigências e preferências deste segmento de procura. O dinamismo induzido pelo Caminho contribui ainda para a revitalização de espaços anteriormente subutilizados e para a valorização do património cultural e natural da região.

No que concerne à segunda questão — sobre alterações estruturais no comércio e na restauração locais — o estudo indica mudanças significativas. Verifica-se uma reconfiguração clara da estrutura económica, especialmente nas freguesias diretamente atravessadas pela rota. A análise cartográfica e os dados obtidos por observação direta revelam a proliferação de estabelecimentos com ofertas específicas para peregrinos,

como cafés com menus ligeiros, lojas de artigos religiosos ou de artesanato local e unidades de alojamento com infraestruturas adaptadas às necessidades dos caminhantes. Esta transformação não se limita ao número de estabelecimentos, mas abrange também a sua orientação funcional e a respetiva estratégia comercial, num esforço de diferenciação e captação de uma nova procura, cada vez mais diversificada.

Por fim, a terceira questão — se os agentes económicos reconhecem o papel do Caminho na dinamização da economia local — encontra também resposta afirmativa. O inquérito aplicado a comerciantes locais revelou uma perceção amplamente positiva sobre o Caminho, com a maioria a identificar benefícios diretos em relação ao volume de negócio, visibilidade do território e atratividade turística. Além disso, os representantes institucionais, incluindo autarcas e responsáveis municipais, reconhecem o Caminho como um elemento central nas estratégias de desenvolvimento e promoção externa do concelho. A sua dimensão simbólica e cultural é igualmente destacada como uma componente essencial para a identidade local e para a projeção internacional de Ponte de Lima.

Em síntese, o Caminho de Santiago revela-se, em Ponte de Lima, como um instrumento multifacetado de desenvolvimento, gerando efeitos positivos na economia local, reconfigurando o tecido comercial, da restauração e alojamento, e promovendo um sentimento partilhado de valorização territorial. A sua continuidade e sustentabilidade dependem, contudo, de uma gestão equilibrada que saiba preservar o seu valor espiritual e patrimonial, ao mesmo tempo que potencia os efeitos económicos promovendo coesão e equidade.

A análise do Caminho de Santiago em Ponte de Lima confirma a relevância dos referenciais teóricos que apontam o turismo de peregrinação como um fenómeno multifacetado, situado na confluência entre mobilidades contemporâneas, identidades locais e estratégias de desenvolvimento. A perspetiva geográfica adotada permitiu compreender o Caminho não apenas como um percurso físico ou religioso, mas como uma infraestrutura simbólica, social e económica que reorganiza fluxos, ativa recursos locais e reposiciona territórios no contexto da economia das experiências. Em linha com autores como Basil (2020), Fernández et al. (2021) ou Marto e Adrega (2023), é possível

afirmar que o Caminho opera como um dispositivo de produção de lugar, no qual os significados são negociados entre visitantes, residentes e instituições locais.

Por outro lado, os resultados evidenciam a necessidade de revisitar algumas ideias dominantes no discurso do turismo sustentável. Embora o Caminho seja frequentemente apresentado como uma forma "leve" e "autêntica" de turismo, o caso de Ponte de Lima mostra que mesmo este tipo de mobilidade pode gerar pressões concorrenciais, tensões identitárias e desafios de planeamento. A existência de assimetrias territoriais na apropriação dos seus benefícios e a crescente dependência económica de certos estabelecimentos face ao fluxo de peregrinos obrigam a uma abordagem mais crítica e territorialmente diferenciada. Isto confirma a pertinência de articular os contributos da geografia crítica do turismo com uma leitura empírica localizada, atenta às escalas micro e aos contextos socioterritoriais concretos.

Assim, a dissertação demonstra a utilidade analítica de cruzar abordagens teóricas sobre turismo, mobilidade e desenvolvimento local com metodologias mistas aplicadas a realidades específicas. O caso de Ponte de Lima oferece uma leitura situada dos impactos do Caminho, mas também um contributo mais alargado para a compreensão das dinâmicas contemporâneas que moldam os territórios intermédios. Esta articulação entre teoria e prática reforça a importância de uma geografia aplicada, crítica e comprometida com os desafios locais e regionais.

Referências Bibliográficas

Amaro, S., Antunes, A., & Henriques, C. (2018). A closer look at Santiago de Compostela's pilgrims through the lens of motivations. *Tourism Management*, 64, 271-280. https://doi.org/10.1016/j.tourman.2017.09.007

Basil, M. D. (2020). A Study of Camino de Santiago Hikers: An Abstract. In *Marketing Opportunities and Challenges in a Changing Global Marketplace: Proceedings of the 2019 Academy of Marketing Science (AMS) Annual Conference*, pp. 451–452. Springer International Publishing.

Blogue do Minho. (2022). Ponte de Lima valoriza Caminho de Santiago com investimento de 800 mil euros. https://bloguedominho.blogs.sapo.pt/ponte-de-lima-valoriza-caminho-14368265 (Consultado a 30 de maio de 2025)

Braun, A. (2021). Pilgering researchers or researching pilgrims: Experiences from four student projects on the Camino de Santiago 2016–2019. *International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage, 9*(6), 109–116.

Brumec, S., Lavrič, M., & Naterer, A. (2023). Experiências humanas excepcionais entre peregrinos no Caminho de Santiago: Uma tipologia de experiências e efeitos posteriores transformadores. *Psicologia Da Religião e Espiritualidade, 15*(4), 605–617.

Chemin Filho, J. E. (2011). *Pilgrimage in a secular age: Religious and consumer landscapes of late-modernity*. Tese de Doutoramento. Universidade de Exeter

Costa, L., Remoaldo, P., Duque, E., Lopes, H., Ribeiro, V. (2025) A bibliometric analysis of the main databases of the Way of St. James (1997–2023). *GeoJournal* 90, 61. https://doi.org/10.1007/s10708-025-11296-7

Diário Luso-Galaico. (2025). Ponte de Lima vai florir Caminho de Santiago na Correlhã com projeto vencedor do Orçamento Participativo. https://www.diarioluso-galaico.com/articulo/portugal/ponte-lima-vai-florir-caminho-santiago-correlha-com-projeto-vencedor-do-orcamento-participativo/20250103123412050860.html (Consultado a 30 de maio de 2025)

Faria, C. (2021). *Análise do Caminho Português a Santiago e perceção dos comerciantes dos impactes no município de Barcelos*. Dissertação de Mestrado em Geografia, Planeamento e Gestão do Território. Universidade do Minho

Faria, C., Remoaldo, P., & Martins, M. F. (2022). Caraterísticas da paisagem do município de Barcelos e implicações no bem-estar e na saúde mental dos peregrinos do Caminho de Santiago. *ROTUR. Revista De Ocio y Turismo, 16*(2), 16–35.

Fernández, M., Fernández Méndez, D., & Riveiro García, D. (2021). El Impacto Del Camino De Santiago A Escala Local: La Percepción De Los Residentes De Dos Municipios Gallegos. *Cuadernos de Turismo*, (47), 37–63. https://doi.org/10.6018/turismo.474001

González, R., & Medina, J. (2003). Cultural tourism and urban management in northwestern Spain: the pilgrimage to Santiago de Compostela. *Tourism Geographies*, *5*(4), 446–460. https://doi.org/10.1080/1461668032000129164

Halim, M. S. A., Tatoglu, E., & Hanefar, S. B. M. (2021). A review of spiritual tourism: A conceptual model for future research. *Tourism and hospitality management*, *27*(1), 119-141.

Hall, J., Basarin, V. J., Lockstone-Binney, L., Yusuf, A., Winter, C., & Valos, M. (2018). Spiritual values and motives of secular pilgrims. *International Journal of Consumer Studies, 42*(6), 715–723.

Hall, C.M.; Gossling, S.; Scott, D. (2015). The Routledge Handbook of Tourism and Sustainability. Routledge. ISBN 9780203072332. 548 Pages

Hall, C. & Page, S. (1999). The Geography of Tourism and Recreation. 10.4324/9780203796092.

Heiser, P. (2021). Pilgrimage and Religion: Pilgrim Religiosity on the Ways of St. James. *Religions*, *12*(3), 167. https://doi.org/10.3390/rel12030167

Hortelano Mínguez, L. A., & Fernández Sangrador, L. (2022). Aportación del Camino de Santiago al desarrollo local: características territoriales y repercusiones económicas en el tramo palentino. *Investigaciones Geográficas*, (78), 153–167. https://doi.org/10.14198/INGEO.19925

Instituto Nacional de Estatística (INE). (2024). Estatísticas do Turismo. Lisboa: INE. Disponível em: https://www.ine.pt (acedido a 24 de março de 2025)

Instituto Nacional de Estatística (INE). (2025). Estatísticas Territoriais. Lisboa: INE. Disponível em: https://www.ine.pt (acedido a 30 de maio de 2025)

Lois González, R. C. (2013). The *Camino de Santiago* and its contemporary renewal: Pilgrims, tourists and territorial identities. *Culture and Religion*, *14*(1), 8–22. https://doi.org/10.1080/14755610.2012.756406

Lois-González, R. C., & Santos, X. M. (2015). Turistas e peregrinos a caminho de Santiago. Motivos, Caminhos e destinos finais. *Journal of Tourism and Cultural Change, 13*(2), 149–164.

Lois González, R. C., Castro Fernández, B. M., & Lopez, L. (2015). From Sacred Place to Monumental Space: Mobility Along the Way to St. James. *Mobilities*, *11*(5), 770–788. https://doi.org/10.1080/17450101.2015.1080528

Lois González, R. C., & Lopez, L. (2021). The singularity of the Camino de Santiago as a contemporary tourism case. Cycling & Walking for Regional Development: How Slowness Regenerates Marginal Areas, 221–233.

Lois-González, R. C., & Somoza Medina, X. (2022). The necessary digital update of the Camino de Santiago. In International symposium: New metropolitan perspectives, pp. 268–277. Cham: Springer International Publishing

López, L., Pazos, M., & Piñeiro, Mª. A. (2019). ¿Existe overtourism en Santiago de Compostela? Contribuciones para un debate ya iniciado. *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles*, 83, 1-48. https://doi.org/10.21138/bage.2825

Martín Duque, C. (2014). El Camino de Santiago primitivo a su paso por Asturias, estudio de una ruta cultural desde la perspectiva turística. *Cuadernos de Turismo*, 33, 233-249.

Marto, B. I. & Adrega, T. (2023). Variety Is the Spice of Life: A Systematic Literature Review on the Evolution of the Camino de Santiago. In V. Martinho, J. Nunes, M. Pato, & L. Castilho (Eds.), *Experiences, Advantages, and Economic Dimensions of Pilgrimage Routes* (pp. 191-211). IGI Global Scientific Publishing. https://doi.org/10.4018/978-1-6684-9923-8.ch009

Mendel, T. (2010). Foot-pilgrims and backpackers: Contemporary ways of travelling. *Scripta Instituti Donneriani Aboensis, 22*, 288–315

Moscarelli, R., Lopez, L., & Lois González, R. C. (2020). Who Is Interested in Developing the Way of Saint James? The Pilgrimage from Faith to Tourism. *Religions*, *11*(1), 24. https://doi.org/10.3390/rel11010024

Moscarelli, R. (2021). Slow tourism, public funding and economic development. A critical review on the case of the Way of St. James in Galicia. *Revista Galega De Economía*, *30*(3), 1-16. https://doi.org/10.15304/rge.30.3.7522

Ohler, N. (2003). *Cestování ve středověku*. H & H.

Organização Mundial do Turismo (OMT). (2024). International Tourism highlights 2024 edition. Madrid: UNWTO. Disponível em https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284425808 (acedido a 24 de março de 2025)

Rádio Renascença. (2022). Caminho Português de Santiago: Todos os anos passam por Ponte de Lima 50 mil peregrinos. https://rr.pt/noticia/religiao/2022/11/07/caminho-portugues-de-santiago-todos-os-anos-passam-por-ponte-de-lima-50-mil-peregrinos/306714/ (Consultado a 30 de maio de 2025)

Raj, R., & Morpeth, N. D. (2007). Introduction: establishing linkages between religious travel and tourism. In *Religious tourism and pilgrimage festivals management: an international perspective*.

Rodríguez Fernández, J. E., Oliveira Pereira, B., & Lago Ballesteros, J. (2018). Tradições Recreativas No Caminho Central Português: O Jogo De Bolos No Final Do Caminho De Santiago. *Movimento*, 24(2), 633–650. https://doi.org/10.22456/1982-8918.75202

Schnell, T., & Pali, S. (2013). Pilgrimage today: The meaning-making potential of ritual. *Mental Health, Religion & Culture, 16*(9), 887–902.

Scott, Daniel. (2012). Tourism and Climate Change: Impacts, Adaptation and Mitigation. Tourism and Climate Change: Impacts, Adaptation and Mitigation. 1-442. 10.4324/9780203127490.

Silva, F. M., Braga, J. L., Otón, M. P., & Borges, I. (2023). Pilgrimages on the Portuguese way to Santiago de Compostela: Evolution and motivations. *Religions, 14*(8), 2–16.

Silva Lopes, H., Remoaldo, P., Duque, E., Ribeiro, J., Ribeiro, V. (2025) Profile and Motivations of Pilgrims on the Portuguese St. James Way and Their Assessment of the Route. *Pastoral Psychol* (2025). https://doi.org/10.1007/s11089-025-01208-4

Soares, J.-R.-R., Casado-Claro, M.-F., Lezcano-González, M.-E., Sánchez-Fernández, M.-D., Gabriel, L.-P.-M.-C., & Abríl-Sellarés, M. (2021). The Role of the Local Host Community's Involvement in the Development of Tourism: A Case Study of the Residents' Perceptions toward Tourism on the Route of Santiago de Compostela (Spain). *Sustainability*, *13*(17), 9576. https://doi.org/10.3390/su13179576

Somoza, X., & Lois, R. C. (2017). Ordenación del Territorio y estrategias de planificación en los Caminos de Santiago Patrimonio Mundial. *Investigaciones Geográficas*, 68, 47-63. https://doi.org/10.14198/INGEO2017.68.03

Somoza Medina, X.; González, R.& Medina, M. (2022). Walking as a cultural act and a profit for the landscape. A case study in the Iberian Peninsula. GeoJournal. 88. 1-16. 10.1007/s10708-022-10745-x.

Turner, V. W., & Turner, E. L. (2011). *Image and pilgrimage in Christian culture*. Columbia University Press.

UNWTO. (2023). World Tourism Barometer 2023. Madrid: UNWTO. Disponível em: https://www.unwto.org/un-tourism-world-tourism-barometer-data (acedido a 24 de março de 2025)

Xunta de Galicia (2025). Origens e evolução. Disponível em https://www.caminodesantiago.gal/pt/descubra/origens-e-evolucao (Consultado a 7 de abril de 2025)

Zhang, Y., Li, G., Muskat, B., & Law, R. (2020). Tourism Demand Forecasting: A Decomposed Deep Learning Approach. Journal of Travel Research, 60(5), 981-997. https://doi.org/10.1177/0047287520919522

Anexos

Anexo 1 – Inquérito ao comerciante

Estrutura do inquérito

1. Qual é o tipo de estabelecimento que possui?
    - ( ) Loja de produtos locais
    - ( ) Restaurante
    - ( ) Café/Bar
    - ( ) Alojamento (hotel, hostel, alojamento local)
    - ( ) Outro: _____

2. Há quanto tempo o seu estabelecimento está em funcionamento?
    - ( ) Menos de 1 ano
    - ( ) 1 a 5 anos
    - ( ) 6 a 10 anos
    - ( ) Mais de 10 anos

3. Quantos clientes do Caminho de Santiago estima receber mensalmente?
    - ( ) Menos de 50
    - ( ) 50 a 100
    - ( ) 101 a 200
    - ( ) Mais de 200

4. Que tipo de investimentos realizou no seu estabelecimento para atrair peregrinos?
    - ( ) Nenhuma alteração
    - ( ) Melhoria das instalações
    - ( ) Aumento da variedade de produtos/serviços
    - ( ) Formação do pessoal para atendimento de peregrinos
    - ( ) Outras: _____

5. De que forma o Caminho de Santiago contribuiu para a criação de postos de trabalho no seu estabelecimento?
    - ( ) Não criou postos de trabalho
    - ( ) Criou um posto de trabalho
    - ( ) Criou de 2 a 5 postos de trabalho
    - ( ) Criou mais de 5 postos de trabalho

6. Qual o impacto que considera que o Caminho de Santiago tem no volume de negócios do seu estabelecimento?
    - ( ) Nenhum impacto
    - ( ) Pequeno impacto
    - ( ) Impacto moderado
    - ( ) Grande impacto
    - ( ) Impacto muito grande

7. Se o número de peregrinos passar a ser reduzido ou inexistente, considera que a manutenção/sustentabilidade do seu estabelecimento estará em causa?
    - ( ) Não
    - ( ) Sim, teria de reorientar o negócio para compensar a perda de rendimentos.
    - ( ) Sim, provavelmente teria de encerrar.

8. No seu ponto de vista, quais são os três principais benefícios do Caminho de Santiago para o seu estabelecimento?
    - Aumento do volume de negócios.
    - Promoção do estabelecimento entre os peregrinos.
    - Maior procura de produtos/serviços locais.
    - Incremento das receitas.
    - Aumento da visibilidade internacional.
    - Possibilidade de diversificar produtos e serviços.
    - Promoção do intercâmbio cultural e partilha de experiências.
    - Oportunidade de inovar no atendimento ao cliente e implementar novas práticas de hospitalidade.
    - Contribuição para a preservação e promoção do património local.
    - Estímulo ao desenvolvimento de parcerias locais com outros negócios peregrinos.

9. Quais são os três principais desafios que o Caminho de Santiago trouxe ao seu negócio?
    - Sobrecarga das infraestruturas e recursos locais.
    - Dificuldades em manter a qualidade do atendimento em períodos de alta afluência.
    - Aumento dos custos operacionais.
    - Pressão sobre o ambiente e espaço público.
    - Concorrência crescente entre os estabelecimentos locais.
    - Desgaste das instalações e equipamentos.
    - Dificuldade em manter uma identidade local.
    - Pressão para adaptar produtos e serviços ao gosto dos turistas.
    - Gestão de queixas ou insatisfação dos residentes locais.
    - Aumento do ruído e agitação.

10. Como descreve a importância do Caminho de Santiago para Ponte de Lima?
    - ( ) Nada importante
    - ( ) Pouco importante
    - ( ) Moderadamente importante
    - ( ) Importante
    - ( ) Muito importante

11. Por favor, indique o seu nível de concordância com as afirmações seguintes: *(Concordo totalmente, Concordo, Neutro, Discordo, Discordo totalmente)*

- O Caminho de Santiago atrai turistas que contribuem positivamente para o comércio local.
- O aumento de peregrinos cria desafios na gestão de recursos locais, como água e energia.
- O Caminho de Santiago promove o intercâmbio cultural entre visitantes e residentes.
- A presença dos peregrinos causa aumento de ruído e poluição no centro da vila.
- O Caminho de Santiago é fundamental para o desenvolvimento económico de Ponte de Lima.
- Os peregrinos implicam um aumento dos problemas de segurança.

Respostas

1. Qual é o tipo de estabelecimento que possui?

Alojamento (hotel, hostel, alojamento local)	11
Café/Bar	4
Loja de produtos locais	3
Restaurante	1
Outro	3

2. Em que freguesia se localiza o seu estabelecimento?

Arca e Ponte de Lima	7
Arcozelo	2
Bárrio e Cepões	1
Correlhã	1
Facha	1
Labruja	1
Navió e Vitorino dos Piães	2
Poiares	1
Seara	6

3. Há quanto tempo o seu estabelecimento está em funcionamento?

Menos de 1 ano	1
1 a 5 anos	8
6 a 10 anos	5
Mais de 10 anos	8

4. Quantos clientes do Caminho de Santiago estima receber mensalmente?

Menos de 50	9
50 a 100	2
101 a 200	3
Mais de 200	8

5. Que tipo de investimentos realizou no seu estabelecimento para atrair peregrinos?

Aumento da variedade de produtos/serviços	7
Formação do pessoal para atendimento de peregrinos	2
Melhoria das instalações	11
Nenhuma alteração	2

6. De que forma o Caminho de Santiago contribuiu para a criação de postos de trabalho no seu estabelecimento?

Criou um posto de trabalho	10
Criou de 2 a 5 postos de trabalho	4
Não criou postos de trabalho	8

7. Qual o impacto que considera que o Caminho de Santiago tem no volume de negócios do seu estabelecimento?

Impacto muito grande	3
Grande impacto	11
Impacto moderado	5
Pequeno impacto	3

8. Se o número de peregrinos passar a ser reduzido ou inexistente, considera que a manutenção/sustentabilidade do seu estabelecimento estará em causa?

Não	9
Sim, provavelmente teria de encerrar.	3
Sim, teria de reorientar o negócio para compensar a perda de rendimentos.	10

9. No seu ponto de vista, quais são os três principais benefícios do Caminho de Santiago para o seu estabelecimento?

Aumento do volume de negócios.	16
Incremento das receitas.	13
Promoção do estabelecimento entre os peregrinos.	11
Maior procura de produtos/serviços locais.	9
Aumento da visibilidade internacional.	4
Contribuição para a preservação e promoção do património local.	3
Estímulo ao desenvolvimento de parcerias locais com outros negócios peregrinos.	3
Promoção do intercâmbio cultural e partilha de experiências.	2
Oportunidade de inovar no atendimento ao cliente e implementar novas práticas de hospitalidade.	1
Possibilidade de diversificar produtos e serviços.	1

10. Quais são os três principais desafios que o Caminho de Santiago trouxe ao seu negócio?

Concorrência crescente entre os estabelecimentos locais.	18
Aumento dos custos operacionais.	12
Desgaste das instalações e equipamentos.	11
Pressão para adaptar produtos e serviços ao gosto dos turistas.	8

Dificuldades em manter a qualidade do atendimento em períodos de alta afluência.	6
Dificuldade em manter uma identidade local.	2
Sobrecarga das infraestruturas e recursos locais.	1

11. Como descreve a importância do Caminho de Santiago para Ponte de Lima?

Nada importante	0
Pouco importante	0
Moderadamente importante	0
Importante	0
Muito importante	22

12. Por favor, indique o seu nível de concordância com as afirmações seguintes: [O Caminho de Santiago atrai turistas que contribuem positivamente para o comércio local.]

Concordo totalmente	21
Concordo	1
Neutro	0
Discordo	0
Discordo totalmente	0

12. Por favor, indique o seu nível de concordância com as afirmações seguintes: [O aumento de peregrinos cria desafios na gestão de recursos locais, como água e energia.]

Concordo totalmente	2
Concordo	2
Neutro	2
Discordo	3
Discordo totalmente	13

12. Por favor, indique o seu nível de concordância com as afirmações seguintes: [O Caminho de Santiago promove o intercâmbio cultural entre visitantes e residentes.]

Concordo totalmente	15
Concordo	5
Neutro	1
Discordo	1
Discordo totalmente	0

12. Por favor, indique o seu nível de concordância com as afirmações seguintes: [A presença dos peregrinos causa aumento de ruído e poluição no centro da vila.]

Concordo totalmente	1
Concordo	0
Neutro	0
Discordo	4
Discordo totalmente	17

12. Por favor, indique o seu nível de concordância com as afirmações seguintes: [O Caminho de Santiago é fundamental para o desenvolvimento económico de Ponte de Lima.]

Concordo totalmente	18
Concordo	3
Neutro	0
Discordo	1
Discordo totalmente	0

12. Por favor, indique o seu nível de concordância com as afirmações seguintes: [Os peregrinos implicam um aumento dos problemas de segurança.]

Concordo totalmente	1
Concordo	0
Neutro	0
Discordo	4
Discordo totalmente	17

Estrutura

1. Na sua opinião, qual a influência do Caminho de Santiago na promoção do desenvolvimento local no concelho de Ponte de Lima. E na sua freguesia?
2. Analisando em específico as atividades económicas e o tecido comercial existente na sua freguesia, como avalia o impacto do Caminho de Santiago? Tem promovido o aparecimento de novos estabelecimentos ou a transformação dos existentes?
3. Quais são as principais vantagens associadas ao Caminho de Santiago? E os principais problemas que identifica?
4. Que tipo de estratégias devem desenvolvidas para promover a valorização económica e social dos Caminhos de Santiago no concelho de Ponte de Lima?
5. Como perspetiva a evolução dos Caminhos de Santiago no concelho de Ponte de Lima? Há uma tendência de crescimento nos próximos anos ou a dinâmica de outros percursos pode levar a uma diminuição gradual da importância?

•

Respostas

Pergunta	*Presidente de Junta de Freguesia de Arca e Ponte de Lima*
1. Na sua opinião, qual a influência do Caminho de Santiago na promoção do desenvolvimento local no concelho de Ponte de Lima? E na freguesia de Arca e Ponte de Lima?	O Caminho de Santiago tem representado uma mais-valia significativa para o desenvolvimento local, tanto a nível económico como cultural. No concelho de Ponte de Lima, e em particular na nossa freguesia de Arca e Ponte de Lima, temos assistido a um incremento notório da visibilidade do território. A afluência regular de peregrinos promove o contacto intercultural e dinamiza a economia local, contribuindo também para a preservação do património e para a revitalização de tradições locais. Esta rota milenar passou a ser também uma oportunidade de afirmar a nossa identidade e acolhimento, reforçando o sentimento de pertença da população.

2. Analisando em específico as atividades económicas e o tecido comercial existente na sua freguesia, como avalia o impacto do Caminho de Santiago? Tem promovido o aparecimento de novos estabelecimentos ou a transformação dos existentes?	Temos verificado um impacto direto na revitalização de pequenas atividades económicas ligadas ao turismo e à restauração. Desde a abertura de cafés, alojamentos locais e pequenos comércios vocacionados para o apoio ao peregrino, o Caminho de Santiago tem incentivado a adaptação e reinvenção dos negócios existentes. Além disso, estimulou o surgimento de iniciativas artesanais e culturais que procuram responder à procura crescente e diversificada dos caminhantes. Essa transformação contribuiu também para fixar população jovem que encontrou aqui novas oportunidades de negócio.
3. Quais são as principais vantagens associadas ao Caminho de Santiago? E os principais problemas que identifica?	As principais vantagens são a dinamização económica, o reforço da coesão territorial e o reconhecimento do nosso património cultural. O Caminho de Santiago tem ainda um importante papel na promoção do turismo sustentável e na valorização das zonas rurais. Contudo, também enfrentamos alguns desafios: a necessidade de reforçar a infraestrutura de apoio ao peregrino, garantir a limpeza e manutenção do percurso, e a necessidade de uma maior articulação institucional entre freguesias, câmara municipal e entidades regionais para potenciar verdadeiramente este recurso.
4. Que tipo de estratégias devem ser desenvolvidas para promover a valorização económica e social dos Caminhos de Santiago no	Devemos apostar numa estratégia integrada que envolva: o reforço da sinalização e infraestrutura, a promoção de produtos locais associados à identidade limiana, a capacitação dos agentes locais, e a dinamização de eventos culturais em torno do Caminho. É fundamental garantir apoio aos pequenos empreendedores e valorizar o envolvimento da comunidade na receção aos peregrinos. A articulação com redes nacionais e internacionais do Caminho será igualmente estratégica para aumentar a visibilidade e atratividade do percurso.

concelho de Ponte de Lima?	
5. Como perspetiva a evolução dos Caminhos de Santiago no concelho de Ponte de Lima? Há uma tendência de crescimento nos próximos anos ou a dinâmica de outros percursos pode levar a uma diminuição gradual da importância?	A tendência aponta para um crescimento sustentado, especialmente tendo em conta o interesse crescente pelo turismo de natureza e espiritual. Ponte de Lima, pela sua posição geográfica e riqueza patrimonial, tem tudo para continuar a afirmar-se como um ponto de referência no Caminho Português. No entanto, será importante garantir uma gestão equilibrada e sustentável, que mantenha a autenticidade do percurso e responda eficazmente aos novos desafios. A concorrência de outros percursos pode surgir, mas acredito que, com um trabalho contínuo de valorização, a nossa posição se manterá sólida.

Pergunta	*Presidente de Junta de Freguesia de Facha*
1. Na sua opinião, qual a influência do Caminho de Santiago na promoção do desenvolvimento local no concelho de Ponte de Lima? E na freguesia de Arca e Ponte de Lima?	Temos vindo ao longo dos anos a constatar a importância do caminho nas localidades onde o mesmo se insere nomeadamente na dinamização do pequeno comercio existente bem como na reabilitação de habitações muitas em estado de degradação que são depois transformadas em alojamentos/albergues que os caminheiros utilizam na sua caminhada, também é de salientar o contributo dado pelos peregrinos no escoamento de produtos endógenos das localidades que os residentes colocam á venda em diversos locais ao longo do Caminho. Na Freguesia da Facha, a qual é atravessada pelo caminho de Santiago numa extensão de aproximadamente quatro quilómetros proporcionou a criação de locais de pernoita e serviço de refeições para os peregrinos resultando daí uma fonte de rendimento para os proprietários, sendo também de destacar nomeadamente o interesse que os peregrinos demonstram no património histórico existente no percurso na área da Freguesia.

2. Analisando em específico as atividades económicas e o tecido comercial existente na sua freguesia, como avalia o impacto do Caminho de Santiago? Tem promovido o aparecimento de novos estabelecimentos ou a transformação dos existentes?	Tendo em conta que o percurso do Caminho na freguesia se desenvolve em espaço maioritariamente agrícola relativamente distante da zona mais urbana o impacto não foi muito significativo, no entanto originou o aparecimento de duas unidades de alojamento e uma unidade onde são servidas refeições.
3. Quais são as principais vantagens associadas ao Caminho de Santiago? E os principais problemas que identifica?	Como vantagens considero que a divulgação do nome da freguesia e do seu património, juntando a isso a beneficiação de algum património religioso existente e a criação de algum emprego. Como problema a falta de apoio das entidades competentes para a criação de zonas de descanso com as condições adequadas para os utilizadores.
4. Que tipo de estratégias devem ser desenvolvidas para promover a valorização económica e social dos Caminhos de Santiago no concelho de Ponte de Lima?	Uma divulgação mais incisiva nos meios de comunicação, onde seja dado a conhecer as nossas excelentes paisagens, a nossa gastronomia, o nosso bem receber e as boas estruturas de apoio ao peregrino já existentes.

5. Como perspetiva a evolução dos Caminhos de Santiago no concelho de Ponte de Lima? Há uma tendência de crescimento nos próximos anos ou a dinâmica de outros percursos pode levar a uma diminuição gradual da importância?	Se forem melhorados nomeadamente as condições de segurança em alguns troços do percurso, se existir a proibição da alteração da configuração dos pisos do caminho, se as limpezas das vegetações que por vezes invadem as zonas de circulação forem devidamente executadas, pelo diversificado e vasto património existente ao logo do percurso, entendo que não se verificará uma diminuição da sua importância em relação a outros percursos.

Pergunta	*Presidente de Junta de Freguesia de Labruja*
1. Na sua opinião, qual a influência do Caminho de Santiago na promoção do desenvolvimento local no concelho de Ponte de Lima? E na freguesia de Arca e Ponte de Lima?	Sem qualquer margem para dúvidas, que o Caminho de Santiago teve e continua a ter uma enorme importância no desenvolvimento económico e territorial do concelho de Ponte de Lima e neste caso em concreto, desta freguesia de Labruja. Ajuda a promover a oferta turística, quer ao nível de alojamento, quer ao nível de comércio e restauração, quer inclusive ao nível da recuperação da população residente.
2. Analisando em específico as atividades económicas e o tecido comercial	O Caminho de Santiago, com a ajuda, diga-se, do Ecomuseu Natural e Cultural da Serra da Labruja, favoreceu a abertura de vários alojamentos para simples pernoitas, assim como para alugueres semanais em períodos de férias sazonais. Para além disso, tem também sido um fator de

	existente na sua freguesia, como avalia o impacto do Caminho de Santiago? Tem promovido o aparecimento de novos estabelecimentos ou a transformação dos existentes?	contribuição para a sustentação do comércio local e fomentado a abertura de novos estabelecimentos, conforme se poderá assistir em breve.
	3. Quais são as principais vantagens associadas ao Caminho de Santiago? E os principais problemas que identifica?	As principais vantagens encontram-se principalmente na melhoria e requalificação do património edificado e na revitalização do comércio local. Aliado a estas valorizações, também podemos destacar a abertura para o mundo, facto que tem proporcionado a aquisição de habitação própria e permanente de pessoas de várias nacionalidades, favorecendo o incremento e recuperação da população residente, não só pelo número em si mesmo, mas também pela mensagem muito positiva que dá à população mais jovem no que concerne à valorização e orgulho na sua terra. Como principal problema, no caso em concreto desta freguesia de Labruja, podemos referir a enorme tarefa que consiste na manutenção do próprio Caminho e pela constante preocupação pelo bem-estar dos Peregrinos em época de incêndios, tendo em conta que o percurso é em grande parte em território florestal e a necessidade de vigilância é consideravelmente necessária de forma permanente.
	4. Que tipo de estratégias devem ser desenvolvidas para promover a valorização económica e social dos Caminhos de Santiago no concelho de Ponte de Lima?	O desenvolvimento e valorização vai acontecendo de forma gradual e proporcional ao longo do território, sendo que neste momento não considero que seja necessário incrementar a promoção, mas sim promover ações de sensibilização e eventualmente fiscalização para não se desvirtuar aquilo que de bom existe.

5. Como perspetiva a evolução dos Caminhos de Santiago no concelho de Ponte de Lima? Há uma tendência de crescimento nos próximos anos ou a dinâmica de outros percursos pode levar a uma diminuição gradual da importância?	Quando se diz que o Caminho de Santiago A, B ou C se encontra com um enorme aumento de utilizadores, somente podemos olhar para isso de forma natural, tendo em conta a antiguidade do Caminho Português Central de Santiago, percorrido já diversas vezes e a novidade oferecida pelos restantes. No entanto, convém referir, que é do consenso dos respetivos peregrinos, a superior beleza, atratividade e proximidade de contacto que este Caminho permite com as gentes junto a ele residem.

Pergunta	*Presidente de Junta de Freguesia de Poiares*
1. Na sua opinião, qual a influência do Caminho de Santiago na promoção do desenvolvimento local no concelho de Ponte de Lima? E na freguesia de Arca e Ponte de Lima?	O Caminho de Santiago tem ajudado a promover o concelho de Ponte de Lima como destino turístico-cultural. Na freguesia de Poiares, o impacto ainda é discreto, mas tem aumentado a visibilidade da nossa terra.
2. Analisando em específico as atividades económicas e o tecido comercial	O impacto no comércio local ainda não é muito notório. Há alguma adaptação de serviços para apoio aos peregrinos, mas sem grandes alterações ou surgimento de novos negócios até ao momento.

existente na sua freguesia, como avalia o impacto do Caminho de Santiago? Tem promovido o aparecimento de novos estabelecimentos ou a transformação dos existentes?	
3. Quais são as principais vantagens associadas ao Caminho de Santiago? E os principais problemas que identifica?	A principal vantagem é o aumento da visibilidade da freguesia e o incentivo ao turismo. Como problemas, destaco a necessidade de melhorar a sinalização e o apoio logístico aos peregrinos.
4. Que tipo de estratégias devem ser desenvolvidas para promover a valorização económica e social dos Caminhos de Santiago no concelho de Ponte de Lima?	Devem ser reforçadas as infraestruturas de apoio ao peregrino, dinamizadas atividades culturais ligadas ao Caminho e promovida maior integração com o comércio e a restauração local.
5. Como perspetiva a evolução dos Caminhos de Santiago no	Acredito numa tendência de crescimento. O Caminho continua a atrair visitantes e, com o trabalho certo, Ponte de Lima e Poiares podem beneficiar ainda mais nos próximos anos.

concelho de Ponte de Lima? Há uma tendência de crescimento nos próximos anos ou a dinâmica de outros percursos pode levar a uma diminuição gradual da importância?	

Pergunta	*Presidente de Junta de Freguesia de Arcozelo*
1. Na sua opinião, qual a influência do Caminho de Santiago na promoção do desenvolvimento local no concelho de Ponte de Lima? E na freguesia de Arca e Ponte de Lima?	O caminho Português de Santiago atravessa a Freguesia de Arcozelo no sentido sul norte em direção a Santiago. São centenas de peregrinos que diariamente atravessam a nossa Freguesia e levam com eles um pouquinho de nós. O resultado é positivo, são inúmeras as vivências e experiências que são partilhadas entre os residentes locais e os peregrinos. O comércio local, nomeadamente a área da restauração e hotelaria ganham vida e movimento o que em termos de promoção do território e desenvolvimento local entendemos como uma mais-valia para Ponte de Lima e para a freguesia de Arcozelo.
2. Analisando em específico as atividades económicas e o tecido comercial existente na sua freguesia, como avalia o impacto do Caminho de Santiago? Tem	As atividades económicas e comerciais existentes na Freguesia de Arcozelo, apoiam os peregrinos que atravessam a Freguesia em direção a Santiago. Como é do conhecimento geral o comércio local existente tem vindo a enfraquecer com o poder dos tempos. Neste sentido a existência do caminho tem tido um papel fundamental em manter a existência do comércio local, combater o seu desaparecimento e sustentar o pequeno comércio. Por sua vez e para além dos estabelecimentos existentes novos estabelecimentos têm surgido de acordo com as necessidades e realidades atuais. Também estabelecimentos existentes se têm adaptado à realidade atual, o que em termos económicos e de promoção do território é positivo.

	promovido o aparecimento de novos estabelecimentos ou a transformação dos existentes?	
	3. Quais são as principais vantagens associadas ao Caminho de Santiago? E os principais problemas que identifica?	As principais vantagens associadas à existência do Caminho de Santiago, tem a ver com a promoção e desenvolvimento do nosso território, nomeadamente o desenvolvimento local. Relativamente aos problemas existentes estes prendem-se com a falta de policiamento uma vez que há zonas do percurso pouco povoadas e desertas que tem determinado algumas situações desagradáveis de assédio e assalto.
	4. Que tipo de estratégias devem ser desenvolvidas para promover a valorização económica e social dos Caminhos de Santiago no concelho de Ponte de Lima?	Relativamente às estratégias a desenvolver para promover e valorizar o Caminho no concelho, entendo ser fundamental a existência de uma rede de colaboração entre várias entidades, nomeadamente forças de segurança locais e da vizinha Galiza, Juntas de Freguesia bem coo entidades locais. Parcerias entre o Município, Juntas de Freguesia e comércio local de forma a satisfazer as necessidades, sem que haja exploração e inflação nos preços praticados. Por último investimento nos trajetos de forma a dignificar algumas zonas sem o mínimo de condições.
	5. Como perspetiva a evolução dos Caminhos de Santiago no concelho de Ponte de Lima? Há uma tendência de crescimento nos próximos anos ou a	As últimas décadas têm-nos mostrado que o Caminho de Santiago no seu todo tem crescido de forma exponencial. Independentemente da existência de outros percursos a tendência é de crescimento gradual

dinâmica de outros percursos pode levar a uma diminuição gradual da importância?	

Pergunta	*Vice-Presidente do Município de Ponte de Lima*
1. Na sua opinião, qual a influência do Caminho de Santiago na promoção do desenvolvimento local no concelho de Ponte de Lima? E na freguesia de Arca e Ponte de Lima?	A influência é significativa até porque é preciso dizer que o território de Ponte de Lima é atravessado não apenas por um, mas por dois caminhos portugueses de Santiago, convergindo ambos para a vila: O Caminho Central, a partir de Poiares, e o Caminho de Torres, a partir de Anais. Estes caminhos, sendo importantes para a vila, o que é indesmentível, são talvez ainda mais importantes para o conjunto das freguesias por eles atravessadas, zonas rurais e mais periféricas que, não tendo, como é normal, a capacidade de atração da cabeça do concelho, têm no Caminho um importante fator de afirmação e de desenvolvimento local. A par de outras potencialidades que o concelho apresenta e explora, a verdade é que os Caminhos Portugueses de Santiago, dado o elevado número de peregrinos que o percorrem, assume um papel cada vez mais relevante para o desenvolvimento local. Consciente desta realidade, o Município tem cada vez mais promovido inúmeras ações que visam o estudo, a sinalização, a promoção e divulgação do Caminho.
2. Analisando em específico as atividades económicas e o tecido comercial existente na sua freguesia, como avalia o impacto do Caminho de Santiago? Tem promovido o aparecimento de novos	A nível económico, o impacto do caminho faz-se sentir sobretudo ao nível das infraestruturas de acolhimento ao peregrino, com novas formas de alojamento privadas a surgir, complementando o excelente serviço prestado pelo Albergue de Peregrinos (tutelado pelo Município), mas também ao nível da restauração e de estabelecimentos comerciais, lojas, vendas, que vão aparecendo para satisfazer as necessidades dos peregrinos, assim como outras empresas que começam a dedicar-se a este importante filão turístico, servindo como guias e apoio a nível logístico. De um modo geral, quase todo o tipo de estabelecimentos situados próximos do Caminho beneficiam com esta realidade.

	estabelecimentos ou a transformação dos existentes?	
	3. Quais são as principais vantagens associadas ao Caminho de Santiago? E os principais problemas que identifica?	O Caminho traz essencialmente uma maior projeção ao território, enormes potencialidades em termos turísticos, através de uma oferta que pode ajudar a combinar aspetos como a exploração da paisagem, a gastronomia, as tradições, todo o património também edificado que fica próximo do Caminho. O crescimento imparável do caminho nestas últimas décadas traz também novas oportunidades para investimento, para o incremento das atividades económicas e do desenvolvimento local. Em relação aos problemas, mencionaria talvez não propriamente problemas, mas, se calhar, alguns perigos, que decorrem do próprio crescimento do Caminho, e que podem resultar no seu desvirtuamento. O excesso de construção à volta do caminho, algumas alterações que por vezes são feitas ao nível dos trilhos e da pavimentação. Precisamos todos, agentes que operamos no território, de trabalhar em comum e de manter os traços mais genuínos do Caminho, pois só assim ele conseguirá afirmar-se como um Caminho único, que vale a pena percorrer. Sobretudo num período em que os diversos Caminhos proliferam, em que há tanta oferta de itinerários culturais, temos de salvaguardar a autenticidade dos nossos.
	4. Que tipo de estratégias devem ser desenvolvidas para promover a valorização económica e social dos Caminhos de Santiago no concelho de Ponte de Lima?	Devem ser desenvolvidas estratégias concertadas entre os vários Municípios e Freguesias atravessadas pelos Caminhos, de modo que os peregrinos e os caminhantes se apercebam que há um plano comum para o Caminho. Mas os territórios são diferentes, claro. Ponte de Lima, em concreto, deve vincar o seu papel histórico fundamental no desenvolvimento do Caminho ao longo dos séculos, como ponto de passagem quase obrigatória para os que demandavam o túmulo do Apóstolo. A estratégia passa por valorizar o Caminho em si e, no processo, chamar a atenção para todo o património riquíssimo, de vários tipos, que existe no território de Ponte de Lima, património esse que também nunca está longe dos que fazem o Caminho. Isto faz-se também divulgando adequadamente o Caminho e o Concelho junto de todos os tipos de operadores turísticos.
	5. Como perspetiva a	Ultimamente, e de forma ininterrupta, os Caminhos de Santiago (Caminho Central e Caminho de Torres) no concelho de Ponte de Lima têm vindo a

	evolução dos Caminhos de Santiago no concelho de Ponte de Lima? Há uma tendência de crescimento nos próximos anos ou a dinâmica de outros percursos pode levar a uma diminuição gradual da importância?	crescer, tal como de resto outros Caminhos Portugueses que passam por outros territórios. Creio que esta tendência se manterá nos tempos mais próximos, mas não sabemos até quando, até porque sobretudo o Caminho Português Central está a atingir um número muito alto de peregrinos por ano (já a rondar os 100.000 peregrinos por ano), só suplantado pelo Caminho Francês. Quando a fasquia está colocada tão alta, é sempre mais difícil ultrapassá-la. Mas esse é o desafio. Temos de continuar no trabalho da sua promoção e da sua valorização, assim como na preservação da sua autenticidade, como atrás já referi.